

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

JOSÉ LUIZ DA SILVA

Configurações do excesso em Freud e Bataille

Guarulhos
2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

José Luiz da Silva

Configurações do excesso em Freud e Bataille

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da **Universidade Federal de São Paulo** (Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, EFLCH) como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Filosofia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Rita Paiva.

Guarulhos
2020

FICHA CATALOGRÁFICA

da Silva, José Luiz

Configurações do excesso em Freud e Bataille, José Luiz da Silva, Guarulhos, 10 de julho de 2020, 170 p.

Tese (doutorado em **Filosofia**) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (EFLCH), Guarulhos, 2020.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Rita Paiva

Configurations of the excess in Freud and Bataille

1. excesso, quantidade, erotismo, pulsões, mal
- I. Configurações do excesso em Freud e Bataille

José Luiz da Silva

Configurações do excesso em Freud e Bataille

Guarulhos, 10 de julho de 2020

Prof^a. Dr^a. Rita Paiva (Orientadora)
Universidade Federal de São Paulo

Prof. Dr. Mário Eduardo Costa Pereira
Universidade Estadual de Campinas

Prof. Dr. Luiz Augusto Contador
Universidade Estadual de São Paulo

Prof. Dr. Simeão Donizeti Sass
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Prof. Dr. Markus Lasch
Universidade Federal de São Paulo

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a minha orientadora Rita Paiva que com paciência e atenção constante guiou-me nesta pesquisa, o seu comprometimento com o pensamento filosófico foi uma lição a mais nesse período de trabalho.

Aos professores Mario Eduardo e Augusto Contador que muito me ajudaram nesta pesquisa quando participaram da banca de qualificação.

Meus agradecimentos aos professores participantes da banca de defesa: Mario Eduardo, Augusto Contador, Simeão Donizeti e Markus Lasch. Obrigado pela disponibilidade em ler este trabalho.

Ao apoio de meus amigos que sempre me incentivaram: Maurício, Bernardo, Marcela, Luciano, Camila, Cristina, Guilherme, Juliano, Marcelo, Emerson e Rafael.

Ao apoio constante da minha querida companheira Ana Paula.

Ao Instituto Federal de São Paulo que através de seu programa de apoio e incentivo à formação docente, permitiu-me realizar esta pesquisa com dedicação integral.

RESUMO

José Luiz da Silva, Configurações do excesso em Freud e Bataille, 2020, 168 p., (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (EFLCH). Departamento de Filosofia, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2020.

O presente trabalho de pesquisa possui por base as elaborações de dois pensadores: Sigmund Freud e Georges Bataille. Procuramos destacar que para os autores existe no ser humano um excesso, uma força pulsional que é da ordem do fundamento. Procuramos evidenciar o fato de que essa intensidade é responsável, consoante Bataille, pelas experiências do erotismo, continuidade e soberania, que se caracterizam por serem momentos de dispêndio do excesso. Freud postula o ser humano constituído pelas pulsões que exercem uma força constante sobre o organismo e exigem um trabalho do aparelho mental para domar esta quantidade ou encontrar caminhos adequados para escoá-la. Frente ao excesso que acossa o ser humano, Freud e Bataille concebem mecanismos para controlar essa força disruptiva, surgem assim os processos de recalque e a instauração da dinâmica interdito/transgressão respectivamente. Em Bataille, a ação do interdito e da transgressão abre espaço para a vivência do erotismo, da plenitude, e do jogo soberano. Para Freud, a contenção do pulsional ocasiona o retorno do recalçado sob a forma do sintoma e do conflito neurótico.

Palavras-Chaves: excesso, quantidade, erotismo, pulsões, mal

ABSTRACT

José Luiz da Silva, Configurations of the excess in Freud and Bataille, 2020, 168 p., (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (EFLCH). Departamento de Filosofia, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos.

The present research work is based on the thoughts of two thinkers: Sigmund Freud and Georges Bataille. We attempt to highlight that, for those authors, there is an excess, a driving force in the human being which belongs to the order of the fundament. We try to evidence that this intensity is responsible, according to Bataille, for the experiences of eroticism, continuity and sovereignty, which are characterized as moments of expenditure of the excess. Freud postulates that the human being is constituted by drives which exert a constant force upon the organism and demand a work from the mental apparatus in order either to tame this quality or to find proper ways to channel it. Opposing the excess that pursues the human being, Freud and Bataille imagine mechanisms to control such disruptive force. There emerge, thus, the processes of repression and the instauration of the dynamics of interdiction/transgression, respectively. For Bataille, the action of the interdict and the transgression open space for the experience of eroticism, of plenitude and of the sovereignty game. For Freud, the restraint of the drive gives birth to the return of the repressed under the form of the symptom and of the neurotic conflict.

Keywords: Excess; Quantity; Eroticism; Drives; Evil.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| Introdução | 08 |
| Capítulo 1- O humano sob o domínio do excesso | 12 |
| 1.1- O excesso, a desordem e o mal | 12 |
| 1.2- O excesso em Bataille | 22 |
| 1.3 -A parte maldita..... | 25 |
| 1.4- A teoria da defesa | 32 |
| 1.5- O Projeto de uma Psicologia..... | 39 |
| 1.6- O quantitativo no pulsional..... | 51 |
| Capítulo 2- O erotismo e o pulsional | 64 |
| 2.1- O erotismo | 64 |
| 2.2- A pulsão de morte | 79 |
| 2.3- Nas pistas da repetição | 95 |
| 2.4- Continuidade, busca pelo ilimitado e angústia | 103 |
| 2.5- A angústia | 115 |
| 2.6- O retorno do mal..... | 128 |
| Capítulo 3- O retorno do excesso | 134 |
| 3.1-Conflito neurótico e sofrimento..... | 134 |
| 3.2- O sintoma..... | 138 |
| 3.3- A transgressão e o jogo..... | 146 |
| Conclusão | 160 |
| Referências Bibliográficas | 163 |

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de pesquisa parte da reflexão de dois pensadores distintos que situaram seus trabalhos em torno de alguns temas comuns, como sexualidade, morte, excesso e violência. Trata-se de Sigmund Freud e de Georges Bataille. Em que pesem as diferenças pessoais de ambos – Freud, homem do Iluminismo, sempre circunspecto na escrita e na conduta, e Bataille, escritor maldito e devasso – as reflexões tecidas por eles possuem alguns entrecruzamentos que procuramos analisar. Elencamos, desse modo, dois pensadores que privilegiaram a presença do excesso e do pulsional como aspectos essenciais presentes em todo ser humano. Mais que uma filiação teórica entre ambos, procuramos acompanhar o ponto de vista de cada um sobre essas questões e seus pontos de convergência e de divergência.

Ao enveredar pelos textos de um e de outro, percebemos que neles a dinâmica subjetiva é dilacerada por intensidades que são da ordem do fundamento do ser humano. Do lado de Bataille, destacamos a figura do excesso que atravessa o cosmos, a natureza e o íntimo do ser humano. Freud, por seu turno, concebe a psique humana empenhada em domar as forças das pulsões que nos assolam.

As intensidades energéticas postuladas por esses autores ensejam nos seres humanos uma diversidade de condutas mediadas pelo corpo e pela cultura que tentam de alguma maneira dar conta dessas quantidades. Conquanto essas quantidades abram espaço para a vivência do prazer, como em Freud ou o movimento do abalo erótico em Bataille, essas vivências sempre trazem em suas dobras a experiência da morte, do dilaceramento, do êxtase e da dor.

Há para esses autores um ser humano cindido entre as exigências dessas forças que dilaceram o ser, pois tanto as pulsões como o excesso mobilizam no ser humano a premência do dispêndio ou do gasto pulsional, exigência, por si mesma, incontornável. Assim, nas experiências eróticas, por exemplo, tal como concebidas por Bataille, é o acesso à continuidade e à morte que entrevemos nas dobras do prazer, para Freud, a efetivação do prazer pulsional é sempre uma descarga mortal que busca paulatinamente conduzir o ser humano para a morte. Em nossa pesquisa, buscamos delimitar o modo pelo qual a intensidade e a quantidade energética sempre engajam o ser humano na busca por uma

continuidade ou uma totalidade entrevista nas experiências da entrega, na vivência desse quantum energético.

Para tanto, no primeiro capítulo, enveredamos inicialmente por uma sucinta digressão sobre algumas reflexões sobre o mal tecidas por alguns pensadores. Realizamos essa abordagem no intuito de assinalar o modo pelo qual nossos autores dão continuidade a essa tradição ao inserirem, em suas doutrinas, considerações contundentes sobre a problemática do mal.

Posteriormente adentramos o cerne deste capítulo que concerne à discussão sobre o excesso em Bataille e ao quantitativo do universo pulsional freudiano. Assim, voltamo-nos para *A parte maldita (1949) de Bataille* para fundamentar a noção de excesso. O excesso, sob a perspectiva desse filósofo, é elemento fundador que perpassa e constitui tudo o que é vivo, do cosmos ao ser humano. Esse, premido pela necessidade de equacionar a quantidade que exige escoamento, adentra espaços do gasto, da dilapidação sem finalidade imposta por essa energia infindável pela qual vivenciamos as experiências de entrega ao gasto inútil e de dispêndio do excesso que nos constitui.

Feito isso, passamos para a obra de Freud, autor que desenvolveu intensamente as relações entre amor e morte como forças antagônicas que habitam o ser humano. Sob a sua letra, a força do sexual nas motivações humanas mais prosaicas e os aspectos cruéis e contraditórios da alma humana são desvelados e inquiridos. Perseguindo essas questões, procuramos relevar o modo pelo qual, na obra freudiana, o excesso se faz presente no corpo como pulsão, manifestando-se como uma quantidade que sempre impõe uma urgência de desgaste e de escoamento de intensidade que nunca encontra seu término. Com esse intuito, destacamos os trabalhos de Freud, localizados no início da história da psicanálise, e privilegiamos o nascimento do ponto de vista quantitativo, posteriormente denominado ponto de vista econômico. Detemo-nos especificamente nos *Estudos sobre a Histeria (1893-1895)* e no *Projeto de uma Psicologia Científica (1895)* tendo por norte o ponto de vista energético. Na obra madura de Freud, privilegiamos os textos metapsicológicos e a conceituação da pulsão em seu texto *Pulsões e destinos da pulsão (1915)*, momento em que o aspecto quantitativo do pulsional torna-se predominante. Assim, procuramos, nesse primeiro capítulo, detalhar o modo pelo qual, para ambos os autores, o

excesso e o pulsional descrevem a presença no ser humano de uma característica da ordem da intensidade.

No capítulo subsequente, procuramos verticalizar a discussão sobre a presença do excesso e do pulsional no ser humano e suas implicações. No tocante a Bataille, analisamos o erotismo como uma das experiências mais fortemente carregadas de intensidade e, portanto, mais representativa das manifestações do excesso nas atitudes humanas, aquela em que o ser humano vislumbra a possibilidade efetiva do gozo e tangencia a morte. Para tanto, nos ancoramos em sua obra mais sistemática, a saber, *O Erotismo (1957)*. Do lado freudiano abordamos o modo pelo qual a figura da pulsão de morte instaura o quantitativo no interior do ser humano e se manifesta por uma busca de descarga máxima, de tensão zero. No novo dualismo pulsional, as pulsões são regressivas por excelência e especificamente a pulsão de morte almeja um estado inercial total, estado gélido e mineral pelo qual anseia todo ser humano. Assim, também na descarga quantitativa mediada pelo princípio de inércia o vivente tangencia a própria morte, nas dobras do gozo vislumbra-se a quietude total.

De posse das elaborações dos dois autores sobre a figura da quantidade que habita o ser humano - excesso e as pulsões -, procuramos circunscrever as possíveis convergências e diferenças entre os pensadores no tocante aos temas da quantidade, morte, sexualidade e anseio pelo retorno originário. Da intensidade que se faz presente no ser humano buscamos detalhar também de que forma, para cada um deles, a figura da angústia e do mal surgem como frutos do excesso que nos constitui.

Em nosso terceiro capítulo abordamos a origem e a natureza dos mecanismos de contenção do excesso. Mas, veremos que se a intensidade é uma força que precisa de algum modo ser represada para que o ser que a porta não seja destruído, os freios a ela impostos não podem ser radicais, não cabe a eles suprimi-las já que são intrínsecas e constitutivas do indivíduo humano. Deve, pois, haver meios pelos quais essa intensidade é dispendida ou elaborada. Bataille postula que o jogo entre o interdito e a transgressão é o caminho que abre o espaço para as vivências de dispêndio, nesse espaço fugaz surge a experiência da soberania e do jogo como saídas para o ser humano. Freud, por sua vez, concebe o recalque como um importante modo de contenção do excesso pulsional, mas, ao seguir o autor, vislumbramos que a atuação

dessas forças ocasiona a formação do sintoma e do conflito neurótico. Aos poucos, se descortina nas elaborações freudianas, a difícil tarefa de eliminar o sintoma neurótico uma vez que o autor destaca a forma pela qual os pacientes se apegam tenazmente aos seus sintomas e os repetem incessantemente. Segundo as análises de Freud, a razão desse permanente estado de apego ao sofrer encontra-se no caráter irreduzível do pulsional, de modo que o conflito neurótico e o sintoma se instauram operando experiências de sofrimento e obstruindo a plena atuação dos sujeitos no mundo. Ao final, esboçamos algumas conclusões baseadas em nossa pesquisa.

Por fim, resta acrescentar algumas palavras sobre o sentido de uma pesquisa centrada nesses dois autores no âmbito da filosofia. O legado freudiano colocou questões críticas para o pensamento filosófico, o que desde então inaugurou uma interlocução fecunda entre psicanálise e filosofia. Iniciou-se, desse modo, uma via de mão dupla em que a filosofia coloca alguns problemas para o discurso psicanalítico e por sua vez a psicanálise também coloca problemas para a filosofia. Assim, a psicanálise “[...] constituiu-se como um objeto de reflexão, mas também como um campo indutor de problemas e como um interlocutor relevante para a prática filosófica” (SIMANKE, 2007, p.67).

Bataille, por sua vez, é um pensador inclassificável, denominado como escritor, ensaísta, economista, místico e filósofo que, propositadamente, recusa os limites desses gêneros e os embaralha. Esse autor defende um pensamento em permanente construção e assistemático, por isso endereça críticas à filosofia e sua pretensão de construir sistemas explicativos. No entanto, apesar de recusar ser chamado de filósofo e de se classificar como santo, louco ou místico, Bataille não deixa de partir do pensamento filosófico, o que ele mesmo afirmou em entrevista ao fim de sua vida: “Sempre me movi, antes do mais, em torno da filosofia” (CHAPSAL, 1986, p.201).

Com isso, apenas chamamos a atenção para a legitimidade de nos determos em nossos autores na medida em que ambos estabeleceram constantes diálogos com a filosofia, bem como instigantes questionamentos que continuam a reverberar no debate filosófico contemporâneo.

1 – O humano sob o domínio do excesso

1.1- O excesso, a desordem e o mal

Nossa pesquisa tinha como objeto a problemática do excesso, compreendido como algo constitutivo do ser humano. Esse elemento de natureza, fundamentalmente, quantitativa que habita as entranhas do ser humano foi tematizado de modo mais específico por dois pensadores: Freud e Bataille. Para esses autores, o excessivo é responsável por algumas das experiências mais importantes do homem, como o erotismo, a violência, o desejo e a nostalgia pela continuidade. Tratou-se, pois, de verificar como cada um deles, a seu modo, problematizou a figura do excesso com essas respectivas experiências vitais. Ao mergulharmos nesses registros, lograremos vislumbrar as proximidades e as divergências entre ambos no que concerne ao tema que estruturou nosso percurso.

O excesso, consoante esses autores, instaura no ser humano e em suas condutas sociais a figura da desordem, da desmedida, do patológico, da violência e da morte. Essas experiências sempre estiveram relacionadas ao que não é racional e fora da ordem constituída do universo e da razão humana: “É o excesso que indica a presença da desordem ou o risco de sua irrupção [...]” (BALANDIER, 1997, p.34). Fonte de temor e fascínio, a desordem não se deixa isolar do mundo e do íntimo do ser humano. Ela é ao mesmo tempo reveladora da doença, do mal, da violência e da morte: “O destino, a sorte, a desgraça, a morte, a desordem estão no interior de uma mesma configuração interpretativa” (ibid., p.34).

Desde as narrativas originárias, o mito e o rito instauram caminhos que permitem juntar ordem e desordem. Ainda nas palavras do comentador, em *A desordem, elogio do movimento* (1997): “De um lado, a desordem não é redutível, é preciso dar-lhe um lugar, tê-la sobre controle, utilizá-la também – tarefa dos heróis que convertem o negativo em positivo” (ibid., p.101).

Balandier postula que a desordem é irreduzível e até mesmo necessária para a dinâmica das sociedades que reservam um lugar para a desordem,

mesmo sabendo do seu perigo e da dificuldade em eliminá-la, pois eliminar completamente a desordem significa o fim de uma energia selvagem que também serve para renovar o movimento. É interessante salientar que a ordem social se renova constantemente com a nova energia que a desordem lhe propicia na medida em que o desequilíbrio permite que surjam novas configurações. No entanto, os dispositivos que trabalham para a domesticação dessa energia, criados para essa finalidade, nem sempre conseguem dominá-la em todas as situações. Assim, é quando surgem as manifestações da violência, da desordem e do mal.

Da falha em dominar essa energia que a tudo desestabiliza advém que a desordem é sempre concebida sob os aspectos do mal, visto que ela se dispersa contaminando e ameaçando o tecido social ou como evento do inesperado, incomum e terrificante que surge inopinadamente. Assim, a desordem aparece transtornando a configuração estável das coisas, dos seres e das ideias. Particularmente, é a modernidade que outorga a ela uma capacidade de onipresença e crescente violência.

Denis L. Rosenfield em seu trabalho, *Do Mal: para introduzir em Filosofia o conceito de Mal (1988)*, desenvolve uma reflexão sobre o modo pelo qual a modernidade encarou o desafio de pensar a questão do mal como um fenômeno histórico e humano. Sob essa perspectiva, o mal é encarado como pertencente ao rol de potencialidades do que conhecemos por natureza humana. Para o autor, o ser humano não possui uma natureza dada. Sendo o homem um conjunto de possibilidades, a malignidade constitui-se como mais uma dessas potencialidades que se manifestam no agir humano, tornando-se possível pensar o mal enquanto uma das figuras do homem:

O conceito de mal visa enunciar este distanciamento da liberdade em relação à sua realização concreta, ele vai caracterizar a possibilidade do surgimento de novas regras práticas, embora isso se faça sob a forma negativa da inversão, da transgressão e da perversão, ele vai enfim significar o caráter problemático do que nós entendemos como sendo a natureza humana. Na ordem do numenal, há uma causalidade específica que vai contra o próprio poder originário da causalidade livre; na ordem do racional, uma história que parecia apresentar-se como sendo conceitual mostrou que a desrazão engendrava-se na interioridade do que era racional (ROSENFELD, 1988, p.34)

De acordo com as análises de Rosenfield, nossa história fez surgir no horizonte o engendramento do homem como um ser suscetível de ser modelado, um ser que “sendo” revela a sucessão de múltiplas faces. Algumas dessas faces nos são próximas, como aquela que define o ser humano como um ser capaz de razão e liberdade. Versão essa que encontra sua máxima expressão na modernidade, de modo que a história moderna, em meados dos séculos XVIII e XIX, possibilita o aparecimento de novas configurações para o ser humano, contrapostas àquelas oriundas do absolutismo em que a liberdade e o poder eram privilégios da monarquia. Desse modo, a modernidade elege as configurações da liberdade, racionalidade e progresso como caminhos que lograriam levá-la, progressivamente, ao aperfeiçoamento e melhoramento do gênero humano.

Destarte, o Iluminismo e a Revolução Francesa delinearam um norte para os filósofos pensarem o conceito do homem enquanto ser livre, cuja essência se alicerçaria sobre o princípio da liberdade e da racionalidade. No entanto, após a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, seguiu-se o terror jacobino, evento no qual a liberdade, após ter atingido o ápice filosófico, moral e político, revela sua fragilidade ao se voltar contra si mesma mostrando seu caráter arbitrário: “Ela mostra subitamente que esta essência pretensamente livre da natureza humana podia igualmente voltar-se contra si mesma, podia fazer ver nela o nascimento de algo que era talvez radicalmente outro” (ibid., p.33). Desse modo, a história moderna revelou que o homem não era somente um ser político, moral e racional, como sustentado pelo Iluminismo que acreditava que a razão poderia se sobrepor sobre as outras forças que movem o homem. Para além disso, explicitou-se o fato de que o ser humano possui outras figurações reveladoras dos aspectos negativos que lhe são constitutivos e que tornaram imperativo repensar o conceito de humano.

Assim, após a Revolução Francesa, como pontua o autor, evidenciou-se o caminho tortuoso da história que desembocou no mundo contemporâneo com as formas totalitárias de violência e controle da vida social e política. O outro lado da perspectiva luminosa produzida pelos tempos modernos, mostrou que a história tomou caminhos imprevistos, que fatos inéditos se apresentaram e que o ser humano é capaz de assumir caracteres monstruosos, formas que obrigam

a repensar o conceito de natureza humana livre e racional. A derrota do pensamento que estabelecia um curso racional na evolução histórica tornou necessária rever a concepção de uma finalidade histórica e do ser humano como um ser racional.

Essa breve referência à análise tecida pelo autor acerca dos feitos modernos e históricos nos conduz à questão destacada por Rosenfield, a saber: como interpretar a transgressão da liberdade contra si mesma, cujas consequências antagonizam com os sonhos de justiça promovidos pela razão humana e revelam que a mesma razão que emancipa e liberta aponta também para direções opostas, como aquelas que conduzem a produção e ao império do mal? O mal, nesse caso, já não se manifesta como algo inscrito na natureza ou espontaneamente produzido no mundo, mas como resultado pervertido dos desígnios emancipatórios do homem. Voltemos ao texto:

O problema é aqui particularmente interessante, pois a 'maldade' não é atribuída à ressurgência da antiga concepção da natureza humana, nem à ressurreição do que foi abolido historicamente, nem mesmo à presença da parte animal, sensível ou passional do homem: ela se situa na liberdade, ela se põe como perversão de uma regra ou mesmo da capacidade humana de se dar regras (ibid., p.34).

Consoante a Rosenfield, é necessário retomar o conceito de vontade maligna para que se possa pensar a problemática do mal e da liberdade, à medida que tal vontade passa a ser concebida como algo constitutivo do ser humano. Torna-se, assim, factível que um certo querer humano almeje de maneira regrada ações que visem a destruição da sociedade, o aniquilamento de si próprio, bem como a procura deliberada por experiências de desregramento que toquem os limites possíveis do homem. Numa palavra, o conceito de vontade maligna permite pensar que o ser humano persegue uma ação que visa somente o desregramento, ou seja, a desordem almejada orienta-se por uma ação que não é desvio, mas vontade ativa e regrada de destruição e essencialmente negativa. Ação normatizada que pode ter por meta o dilaceramento de uma sociedade ou do que se entende por forma humana:

Ora, o que nos parece problemático é esta recusa de uma 'vontade maligna', como se a introdução desse conceito em filosofia significasse um escândalo para o pensamento, uma contradição que colocaria o pensamento mesmo em dificuldades em seu esforço de coerência, de unidade e de sistematicidade. É como se, mediante essa recusa de pensar o mal, se assinalasse a ele um lugar simplesmente empírico, um tipo de acidente da história, que certamente deve ser estudado para se tirar as lições políticas, mas que, em compensação, não deve ser integrado às categorias do pensamento (ibid., p.11).

De acordo com Rosenfield, é preciso tomar o mal como um conceito que nos possibilite pensar a desrazão do mundo contemporâneo, passando ao largo de concepções que o enquadram apenas como 'falta' ou 'ausência de ser'. Cumpre pensar o mal como uma forma do agir humano como determinação positiva e não como mero acidente que não incidiria sobre nossa concepção do que é o homem. Sob esse prisma, pensar o mal significa colocá-lo como um ponto extremo do pensar na medida em que ele 'aponta' uma experiência limite do ser humano, notadamente a questão do que entendemos por razão e por natureza humana. Torna-se, assim, possível interpretá-lo como uma manifestação de força intrínseca ao homem que põe em questão os fundamentos do que se pressupõe ser a natureza humana:

[...] a importância do conceito de mal reside no fato de que ele torna possível uma outra exploração da natureza humana, dando lugar a uma outra visão do que é o homem, um olhar que nos faz ver o fundo abissal da natureza humana. A visibilidade que nos é assim aberta por este conceito dá ao nosso olhar diferentes formas de alteridade do homem, incluindo aquelas que se põem ao nível de uma mais radical estranheza em relação aos modos de enunciar o projeto propriamente humano de uma racionalidade a realizar (ibid., p.127).

O importante, destaca o autor, é que o conceito de mal possibilita um outro olhar sobre a natureza humana que permite vislumbrar o fundo abissal do humano, que é fundo sem fundo, ou seja, as possibilidades várias do vir a ser dessa condição, a qual pode culminar em seres bons, maus, racionais, irracionais, devido ao fato de que o ser humano possui uma plasticidade originária que é em princípio ilimitada e que se manifesta nessas diversas

possibilidades mediante as suas ações na história. Possibilidades que, no entanto, não são estanques, mas intercambiáveis. Destaca Rosenfield:

Esta predicação é, portanto, em si mesma possível pelo fato de que ela toma o homem em sua plasticidade originária, em seu caráter por princípio ilimitado, sendo ele mesmo a expressão de seu próprio fazer, de suas ações através da história. O homem traz as marcas e as formas desta plasticidade, sua ilimitação podendo também continuamente ampliar-se em uma exploração de suas próprias trevas (ibid., p.141).

Isso significa que o homem é fruto de seus 'sendos', ou seja, ele provém das representações que ele se deu no decorrer da história. Nessa perspectiva, não existe um estado primeiro do ser humano que, apesar das mudanças, permaneceria sempre o mesmo. Muito menos, existiria uma definição anterior do ser humano que continuaria imutável no decorrer dos dramas e nas alterações da história. O pressuposto desta tese é que a natureza humana não possui nenhuma forma última, o que se conhece por humano é somente produto histórico, matéria informe, que cabe às sucessivas concepções do mundo moldar. Rosenfield conclui que pensar o homem e o mundo contemporâneo com o conceito de mal significa interrogar sobre o abismo ou sem-fundo do ser humano que traz, em seu bojo, as figuras do mal e da malignidade como figuras possíveis.

O tema do mal nos dirige também a Paul Ricoeur, particularmente ao livro *O Mal: um desafio à Filosofia e à Teologia* (1988). Nessa obra, o autor faz uma análise das respostas elaboradas historicamente na discussão sobre esse tema. O mal é aqui abordado enquanto problema antropológico, ou seja, sob a ótica do autor, o ser humano é um ser falível que é capaz de bondade, mas também de fazer o mal. Esse último representa a dimensão trágica da existência, sendo a sua natureza o escândalo, porquanto representa um questionamento constante acerca da existência de Deus e do sofrimento injusto. Nesse registro, todas as explicações sobre o mal inseridas na lógica da retribuição são insuficientes, uma vez que elas logram apenas tornar mais explícita a dimensão indecorosa ou trágica do humano, não respondendo a origem ou a causa do sofrimento que macula a vida de todo ser humano. Fernanda Henriques, em *O mal como*

escândalo: Paul Ricoeur e a dimensão trágica da existência, frisa esse aspecto ao comentar a abordagem de Ricoeur:

A recusa de toda a gnose e de toda a teodiceia é, no fundo, devedora da forma como se apropria e aprofunda a significação da figura de Job como sofredor justo. O Livro de Job, repete Paul Ricoeur em todos os textos onde trata a questão do mal, destrói a legitimidade de se aceitar a ideia de que o mal sofrido é consequência ou retribuição de um mal cometido, na medida em que dá a ver um sofrimento absolutamente injusto, exibindo uma vítima que não pode ser consolada ou, pelo menos, não pode ser consolada através de razões explicativas, de justificações de cariz sempre regressivo, por serem alimentadas pela interrogação porquê? (HENRIQUES, 2005, p.08)

Se nos basearmos brevemente na análise de duas respostas possíveis para a problemática elencadas por Ricoeur, a gnose e a teodiceia, veremos como a problemática do mal é geradora de vários impasses por não explicar a origem do mal na perspectiva do sofrimento injusto. Sob sua perspectiva, a gnose, no geral, possui uma visão moral do mal, na medida em que pressupõe as forças do bem empenhadas em uma luta incessante com as forças do mal. Nesse sentido, Santo Agostinho é o representante exemplar dessa senda em que o mal é o mal moral. Agostinho faz uma análise do mal em seu aspecto não substancial, postulando-o como aquilo que demarca o afastamento ôntico entre o criador e a criatura. Nas palavras de Ricoeur:

Dos filósofos, Agostinho sustenta que o mal não pode ser entendido como substância, pois pensar o 'ser' é pensar 'inteligivelmente', pensar 'uno', pensar 'bem'. Então, o pensar filosófico exclui todo o fantasma do mal substancial. Por outro lado, nasce uma nova ideia de nada, e do *ex nihilo*, contida na ideia de uma criação total e sem excesso. Ao mesmo tempo, um outro conceito negativo, associado ao precedente, toma o lugar de uma distância ôntica entre criador e a criatura que permite falar de deficiência daquele que é criado enquanto tal; em virtude desta deficiência, torna-se compreensível que criaturas dotadas de livre escolha possam 'declinar-se' longe de Deus e 'inclinarse' em direção ao que tem menos ser, em direção ao nada (RICOEUR, 1988, p.32).

Assim, existiria uma deficiência intrínseca naquele que é criado, a qual constituiria a diferença ôntica entre o criador e a criatura. Sob esse ângulo, o mal conduz criaturas dotadas de livre arbítrio para longe de Deus e as impele a 'inclinarem-se' em direção ao que tem menos ser, em direção ao nada. Desse modo, a falibilidade do ser humano é uma característica inerente que fundamenta a ação má. Agostinho faz do mal algo intrínseco ao ser humano e postula que o homem decai pelo pecado, queda da qual ele é o único responsável uma vez que possui livre arbítrio. O nada que atrai o ser humano para o mal é a má vontade:

Deste nada não se pode procurar qualquer causa além da má vontade. O *Contra Fortunatum* extrai dessa visão moral do mal a conclusão que aqui mais nos importa, isto é, todo mal, seja *peccatum* (pecado), seja *poena* (pena), uma visão puramente moral do mal, e conduz, por seu lado, a uma visão penal da história: não existe alma injustamente precipitada na infelicidade" (ibid., p.33).

Nessa perspectiva, a origem do mal vem da tendência de inclinar-se ao nada, ao que tem menos ser, ao demoníaco. O mal sofrido o é por culpa do indivíduo que se inclinou para o pecado. Como pontua Ricoeur, a visão agostiniana do pecado condena o ser humano a sofrer injustamente ou excessivamente por uma visão do pecado que é supraindividual e genérica, pois ela remete ao pecado original. Nesse sentido, o ser humano seria impotente diante da potência demoníaca, de um mal que está presente antes de qualquer intenção deliberada. A doutrina de Agostinho deixa sem resposta o protesto do sofrimento injusto, pois o sofredor deve calar-se diante de um pecado de natureza que é inerente a todo o gênero humano.

Ricoeur detém-se ainda sobre a teodiceia de Leibniz que é uma dessas respostas na qual se busca conciliar a bondade infinita de Deus com a existência do mal. Para Ricoeur, Leibniz é um dos expoentes da filosofia que busca, dentro dos princípios básicos da teologia, responder ao problema do mal em todas as suas manifestações - como sofrimento e morte, e não somente à problemática do mal moral, como, sob sua leitura, o faz Agostinho. O filósofo francês enfatiza a importância de Leibniz na medida em que o filósofo seiscentista dá um

tratamento racional ao problema do mal, abordando-o mediante os princípios da não contradição e da razão suficiente, de sorte que o problema é analisado dentro dos limites da própria razão e da ideia da perfeição da criação:

Só se tem o direito de falar em teodicéia quando: a) o enunciado do problema do mal repousa sob proposições que visam a univocidade; é o caso das três asserções geralmente consideradas: Deus é todo poderoso; sua bondade é infinita; o mal existe; b) o fim da argumentação é claramente apologética: Deus não é responsável pelo mal; c) os meios empregados devem satisfazer à lógica da não contradição e da totalização sistemática (ibid, p.35).

Ricoeur destaca que o resultado da teodicéia é o da máxima perfeição com o mínimo de defeitos. Assim, o sofrimento individual é contingencial, ele poderia ser de outro modo, mas é subsumido logicamente como parte da perfeição. Deus não é responsável pelo mal, no entanto permite o cálculo do máximo de perfeições com o mínimo de defeitos. O argumento de Leibniz para justificar o mal, segundo Ricoeur, é inserir na lógica clássica o princípio da razão suficiente:

[...] que se enuncia como princípio do melhor, desde que se conceba a criação como proveniente de uma competição no entendimento divino, entre uma multiplicidade de modelos de mundo, dos quais um único compõe o máximo de perfeições com o mínimo de defeitos (ibid., p.35).

Para Ricoeur esse argumento não justifica o sofrimento do justo sofredor e a existência do mal, nenhuma perfeição pode justificar o mal, o mal continua sendo um paradoxo. A teodiceia representa um balanço dos signos dispersos de perfeição comparados às imperfeições, perfazendo a explicação estética na qual prevalece o otimismo e o mal é compensado pela harmonia do conjunto, ou seja, estamos no melhor dos mundos possíveis, pois esse mundo existe e comporta a menor quantidade possível de mal. Ricoeur conclui, nesse sentido, que:

Esta pretensão de estabelecer um balanço positivo da balança dos bens e dos males sobre uma base quase estética fracassa, desde que se é confrontado a males, a dores, cujo excesso não parece poder ser compensado por nenhuma perfeição conhecida. É ainda mais uma vez a lamentação, a queixa do justo sofredor que arruína a noção de uma compensação do mal pelo bem, como tinha antes arruinado a ideia de retribuição (ibid, p.36).

Essa breve incursão por reflexões específicas acerca do mal foi feita com o intuito de dar um panorama da discussão e assim situar nosso debate. Diante desse caráter negativo do ser humano, veremos como dois pensadores, Sigmund Freud e Georges Bataille, cada um a seu modo, pensaram a presença do excesso como possível figura do mal que se inscreve nesse fundo sem fundo que é a natureza humana.

Freud vai paulatinamente defender em suas elaborações a existência de forças, as pulsões que estruturam o agir humano sob diversos aspectos. No decorrer dos trabalhos, de 1920, com a emergência da pulsão de morte, a ênfase no viés quantitativo se acentua e Freud tematiza mais claramente a existência de uma inclinação agressiva e originária. Sob a ótica freudiana, a destrutividade é concebida como princípio inerente ao ser humano, força disruptiva que sinaliza a existência de uma maldade original.

Bataille, por sua vez, concebe o ser humano submetido ao imperativo do excesso, à soma de energia disponível para o organismo que é sempre excedente, daí a busca por experiências que nos conduzem ao gasto e ao dispêndio. O erotismo, a violência e o jogo são algumas das experiências que possibilitam o gasto da energia excedente. Para Bataille, o excesso é a parte maldita do ser humano que tentamos em vão apaziguar. Para o pensador francês, o que se denomina como mal são os instantes em que o ser humano entrega-se ao movimento violento da vida e transgride os limites do ser.

1.2 - O excesso em Bataille

Georges Bataille escreveu sobre temas ligados ao erotismo, à morte, à transgressão, ao sagrado, ao sacrifício, ao excesso, à literatura, dentre outros. Filósofo maldito, por assim dizer, mas cujo reconhecimento é destacado, nas palavras de Foucault, em sua apresentação das obras completas do autor: “Hoje sabemos: Bataille é um dos mais importantes escritores do nosso século” (apud, MORAES, 1995, p.21).

Sob a sua perspectiva, o ser humano está enraizado em um mundo constituído por dois princípios opostos: o mundo ordenado do trabalho e da razão e o mundo da violência e do excesso, denominados, respectivamente, por Bataille de mundo homogêneo e mundo heterogêneo. Mundos que se apresentam em incessante disputa, uma vez que sublinham suas análises, o homem é constituído no movimento pendular entre esses dois polos opostos que nunca chegam ao término, permanecendo em constante devir. Desse modo, veremos como o mundo do trabalho e da consciência afastam a violência que se liga à sexualidade e à morte. Essas representam o auge da vertigem do ser humano ao despedaçar sua individualidade organizada na desordem contínua da morte e do ser.

O ser humano, por sua vez, almeja constantemente o retorno para essa imersão na continuidade e o erotismo possibilita a abertura para esta imersão na experiência do ser. O erotismo situa-se ao lado de experiências como o sagrado, o êxtase, a violência, a festa e os estados orgíacos. Todas estas manifestações possuem como pano de fundo um movimento de violência que as animam, denominado pelo filósofo como excesso. Ao adentrarmos na experiência do excesso, tangenciamos a continuidade perdida. Para Bataille, o erotismo é um caminho privilegiado que nos abre para a vivência do excesso e da continuidade do ser. Em sua obra, *O Erotismo*, o autor afirma:

Falarei sucessivamente dessas três formas, a saber, o erotismo dos corpos, o erotismo dos corações e, enfim, o erotismo sagrado. Falarei delas a fim de mostrar claramente que, nelas, o que está sempre em questão é a substituição do isolamento do ser, de sua continuidade, por um sentimento de continuidade profunda (BATAILLE, 2014, p.39).

Na obra de Bataille, esses fenômenos são o resultado da ação do excesso que religa o homem ao ser: “O ser, o mais das vezes, parece dado ao homem fora dos movimentos de paixão. Eu diria, ao contrário, que não devemos jamais pensar o ser fora desses movimentos” (ibid.,p.36). Perseguiremos neste início da nossa pesquisa o entrelaçamento entre erotismo, morte e continuidade do ser.

Entretanto, antes de abordarmos o erotismo propriamente dito - um dos temas privilegiados desta investigação, faz-se necessário detalhar o meio do qual emerge sua possibilidade, ou seja, o excesso. Em relação à importância do excesso para entendermos o pensamento do autor, Borges destaca [...] “que toda leitura de Bataille oferece um conjunto de noções que atestam a supremacia do excesso na base das operações humanas” (BORGES,2012, p.12). Essa questão em Bataille foi desenvolvida principalmente em sua obra *A parte maldita* de 1949. De acordo com Jean Piel, em introdução ao referido trabalho, Bataille procurou dar um acabamento de sua visão de mundo, abarcando filosofia da natureza, filosofia do homem, filosofia da economia e filosofia da história: “É sempre a noção de excesso que está na base dessa construção; dessa vez, porém, ele se esforça em procurar para ela uma explicação científica a partir da reunião de dados sumários sobre os movimentos da energia sobre a superfície do globo” (PIEL, 2016, p.12).

A problemática do excesso e do dispêndio surgiu inicialmente em um artigo de Bataille, redigido para a revista *La Critique Sociale*, com o título de *A noção de dispêndio*, de 1931. Entre 1939 e 1942, o pensador elaborou um esboço não publicado, intitulado *La limite de l'utile*, em que pretendia dar mais desenvolvimento ao problema colocado pelo excesso. Esse esboço foi retrabalhado e publicado como *A parte Maldita* (SURYA, 2014). Jean Piel, amigo e editor de Bataille, observa que a reflexão por ele desenvolvida sobre o tema é ainda mais antiga, devendo na verdade se situar por volta dos fins de 1920, quando, instado por seu amigo Alfred Métraux,¹ entrou em contato com a obra

1 Alfred Métraux foi etnólogo e aluno dos cursos de Marcel Mauss ministrados no Instituto de Etnologia. Métraux foi amigo de Bataille e o responsável por apresentá-lo ao pensamento de Mauss e com os trabalhos da Escola Sociológica Francesa.

de Mauss e sua teoria do potlach, presente na obra *Ensaio sobre dom* (1925), que lhe serviu de fundamento para pensar o excesso e a economia geral. A obra de Mauss conduziu Bataille para a etnologia e a economia que lhe serviram “[...] como uma iluminação que ia permitir a Bataille representar-se o mundo como que animado de uma ebulição à imagem daquela que não cessou de dominar sua vida pessoal” (PIEL, 2016, p.9).

Ademais, após a publicação de *A parte maldita*², Bataille considerou prosseguir os caminhos teóricos ali delineados. Realizou várias tentativas de dar uma visão de conjunto, esboçou títulos e, de acordo com seu biógrafo Michel Surya, muitos nem foram redigidos (SURYA, 2014). Porém, como destaca Surya, devemos considerar essas tentativas de retomadas e prolongamentos como índice da importância dessa reflexão para Bataille, uma vez que esse considerava *A parte maldita* como um de seus livros mais significativos, ainda que tenha permanecido insatisfeito até o fim da sua vida por não ter desenvolvido mais as ideias contidas nessa obra e no artigo *A noção de dispêndio* que a precede. É o que diz também Jean Piel:

Posso, no entanto, dar testemunho da importante posição que lhes reservava dentro da sua obra; da inquietação que o perseguia, com a aproximação da velhice, por não ter conseguido dar a esse esboço a forma mais desenvolvida que ele desejava [...] (PIEL, 2016, p.08).

Essas referências elucidam-nos acerca da atenção primordial que o filósofo destinou à noção de excesso. Nessa direção, veremos adiante como a atividade erótica liga-se a ela, constituindo uma entrega ao movimento de excesso que habita o ser humano. O fascínio do erotismo advém de seu caráter excessivo que é a quantidade e intensidade a que nos entregamos, as quais nos permitem vivenciar uma espécie de gozo que tangencia a morte. Enfim, a nosso ver, é crucial que nos detenhamos na problemática do excesso para que possamos investigar a relação que o ator tece entre erotismo e morte.

² Bataille afirma na introdução a obra que o trabalho terá desenvolvimentos mais extensos e em nota explica que: “Este volume terá uma continuação. Ele é publicado em uma coleção dirigida por mim e que se propõe, entre outras, de obras de ‘economia geral’” (BATAILLE, 2016, p. 40).

Para tanto, iniciaremos acompanhando os argumentos de Bataille em *A parte maldita*, tomando-os como um ponto de inflexão privilegiado para deslindarmos o excesso, trilha que nos conduzirá as suas reflexões sobre o erotismo. Posteriormente, incursionaremos pelos escritos de Freud que, a seu modo, elaborou profundas reflexões sobre as forças que habitam o cerne do ser humano. É nesse entrecruzamento dos dois pensadores acerca do quantitativo que se encontra o norte do nosso trabalho.

1.3- A parte maldita

A questão que se coloca para Bataille em sua obra *A parte maldita* é a insuficiência da economia tradicional que condiciona toda a atividade produtiva aos processos de acumulação, lucro e conservação, conjuntamente com o equívoco de se isolar os fenômenos econômicos e subsumi-los ao princípio do lucro. Para o autor, é necessário tomar a economia em seu conjunto para apreender suas consequências gerais, contrariamente à perspectiva tradicional que isola os fenômenos estudados. Nesse novo enquadramento, os problemas econômicos devem ser relacionados ao movimento da energia sobre o globo. A contrapartida do autor é conceber uma economia que considere os movimentos de energia no planeta³ que está sempre em excesso e que impõe a necessidade de dispendir continuamente esse excedente. Acompanhemos o autor com mais vagar.

O filósofo inverte o pensamento econômico tradicional, ou seja, aquele preocupado com a escassez e com o equilíbrio entre produção e consumo e põe o acento sobre o consumo, o gasto. Nessa inversão, torna-se primordial para qualquer sociedade a preocupação com o dispêndio. Daí o empenho em elaborar o princípio de uma economia geral na qual o dispêndio das riquezas é primeiro em relação à produção. Nesse sentido, antes de mais nada, é preciso passar da economia restrita que trabalha apenas em fenômenos isolados e se preocupa com o dispêndio produtivo para uma economia geral, exercendo assim uma

3 Os estudos dos movimentos da energia sobre a superfície do globo originam-se das pesquisas conjunta de Bataille e seu amigo e físico Georges Ambrosino.

verdadeira revolução copernicana nos princípios da economia, colocando na base do sistema a necessidade de gastar o excedente, do dispêndio improdutivo e não o problema de aumentar indefinidamente a produção. Bataille nomeia sua interpretação de “economia geral”, na qual o dispêndio improdutivo, ou seja, a consumação dos bens, é primeiro em relação à produção e ao gasto produtivo. O pressuposto de Bataille é que o uso improdutivo das mercadorias é inelutável: “Na superfície do globo, para a matéria viva em geral, a energia está sempre em excesso, a questão está sempre colocada nos termos de luxo, a escolha está limitada ao modo de dilapidação das riquezas” (BATAILLE, 2016, p.46).

Essa perspectiva do pensador se ancora no fato de que existiria uma energia excedente que se manifesta no globo e, por conseguinte, na efervescência da vida, o ser humano faz uso dessa energia, mas não a esgota:

Partirei de um fato elementar: o organismo vivo, na situação determinada pelos jogos da energia na superfície do globo, recebe em princípio mais energia do que é necessário para a manutenção da vida: a energia (a riqueza) excedente pode ser utilizada para o crescimento de um sistema (de um organismo, por exemplo); se o sistema não pode mais crescer, ou se o excedente não pode ser inteiramente absorvido em seu crescimento, é preciso necessariamente perdê-lo sem lucro, despendê-lo, de boa vontade ou não, gloriosamente ou de modo catastrófico (ibid., p.45).

Bataille observa que tanto o crescimento quanto a reprodução dos seres vivos só são possíveis à medida que os organismos possuem um excedente de energia maior do que aquele necessário para as operações básicas da vida. Desse modo, o excesso serve em grande medida para a reprodução e o crescimento dos seres vivos. Entretanto, esse crescimento não é infinito, é limitado, ou seja, a partir de um dado limite de crescimento do organismo vivo é necessário o gasto inútil: “Essa energia em excesso alimenta o crescimento e a turbulência dos indivíduos, contudo o crescimento tem seus limites” (ibid.,p.50).

A economia geral destaca que existe na massa do globo e, por consequência, no ser humano, um excedente de energia que não pode ser utilizado somente como gasto útil e produtivo com vistas ao crescimento ou ao acúmulo. Essa energia excedente, preenchida já as demandas de crescimento que são limitadas, só encontra sua dissipação no gasto sem finalidade, no

dispêndio insensato e inútil. Os momentos em que esse excedente é dispendido são os momentos de guerras, luxos, enterros suntuosos, jogos, espetáculos, artes, sacrifício, violência, morte e o erotismo. Essas vivências são denominadas pelo autor como heterogêneas. Bataille denomina como heterogêneas as experiências individuais e coletivas que fogem à regra do proibido, do útil e do bom senso, sendo experiências de entrega à experiência do dispêndio. Em contraposição, ele denomina de homogêneas todas as experiências que estão submetidas à lógica do planejamento, do cálculo e do acúmulo de bens, típicas das sociedades voltadas apenas para o acúmulo de bens.

Sob essa perspectiva, a natureza é pura exuberância, puro excesso, e conquanto o homem tente impor-lhe finalidades, do ponto de vista da economia geral, o universo não responde a nenhuma finalidade humana, de modo que o egoísmo do indivíduo é constantemente enganado:

A sexualidade e a morte são apenas os momentos agudos de uma festa que a natureza celebra com a multidão inesgotável dos seres; uma e outra tem o sentido do desperdício ilimitado a que a natureza procede contrariando o desejo de durar, que é próprio de cada ser (BATAILLE, 2016, p.86).

Em Bataille a origem dessa exuberância provém do sol: “A fonte e a essência de nossa riqueza são dadas na irradiação do sol, que dispensa energia – a riqueza- sem contrapartida” (ibid.,p.50). É a irradiação solar que conduz a superabundância de energia presente na camada do globo, a matéria viva usa essa energia para crescer dentro dos seus limites. Atingido esse limite, impõe-se a necessidade da dilapidação, pois esse excedente não pode mais ser usado para o crescimento. Assim, essa perda inevitável não pode de forma alguma passar por útil e, como uma caldeira em ebulição, inicia-se a exuberância de um movimento sempre no limite da explosão:

A história da vida sobre a terra é principalmente o efeito de uma louca exuberância: o acontecimento dominante é o desenvolvimento do luxo, a produção de formas de vida cada vez mais onerosas (ibid., p.53).

O ser humano, enquanto inserido no movimento geral da vida, não pode esquivar-se desse problema. Aliás, ele não pode interromper esse movimento, uma vez que sua soberania depende disso, pois ao entregar-se a esse movimento “[...] ela o consagra, de modo privilegiado, à operação gloriosa, ao consumo inútil” (ibid., p.46). Ignorar esse excesso apenas torna mais trágico o destino humano, pois, uma vez que é impossível usá-lo para fins úteis, ele se acumula até a explosão inevitável, conseqüentemente, é o próprio homem que arca com os danos dessa força incontornável que nos destrói. Vale destacar que para Bataille, as sociedades engajadas em acumular e que não desenvolvem rituais de gasto arriscam-se a mais catástrofes, pois o fruto desse acréscimo ilimitado pode ser a ameaça de uma guerra, a consequência inelutável e incontornável do excesso⁴.

Alterberg atenta que Bataille concebe a matéria como princípio ativo, informe e irrepresentável - a matéria produz e destrói nela mesma, em sua própria imanência, o conjunto dos seres vivos descontínuos que constituem o universo. Desse modo, a matéria é informe e possui um princípio heterogêneo, excedente que é criador e destruidor, logo caracterizado por uma negatividade essencial. O autor destaca:

Esta intuição fundamental que constitui o núcleo central do pensamento batailliano e que é sem cessar repetida sob diferentes formas no curso de suas obras, é, parece-nos, aquela da unidade, contraditória em si, da força produtora e da força destruidora no universo (ALTBURG, 2014, 118-119).

Essa unidade entre criação e destruição aponta para que toda a produção das coisas se completa em direção ao informe, de modo que tudo o que é se destrói em pura perda e sem razão de ser. Existe, deste modo, na natureza, uma tendência a reencontrar a continuidade, o informe absoluto, que é sem cessar contradito por uma força produtiva cega, o fundo contínuo heterogêneo, a matéria, que não cessa de produzir seres descontínuos para os retomar em

⁴ Para Bataille, a Primeira Grande guerra é um desses exemplos: “Nega-se às vezes que o excesso da produção industrial esteja na origem das guerras recentes, em especial da Primeira. Foi porém, esse excesso que uma e outra exsudaram; foi sua grande dimensão que lhes deu sua extraordinária intensidade” (BATAILLE, 2016, p.47).

seguida para si. Ou seja, o universo é voltado à pura despesa de si, sem finalidade alguma e o que é criado é apenas para ser destruído em seguida. Nesses termos, a vida apenas se prolifera e cria seres para entregá-los para a orgia de aniquilamento que é a natureza em sua imensidade incomensurável.

O materialismo de Bataille concebe um universo material eterno que se consome em pura perda e não possui nenhum ordenamento exterior ou superior, devotado e entregue para o nada. A matéria informe constitutiva do universo cria os seres em sua infinita potência para os retomar em seguida nela mesma e os reconduz para seu fundo contínuo. O universo é constituído por tensões antagônicas irreduzíveis ordenadas para a pura despesa, a dilapidação, a superabundância e para a destruição. Diz Altberg: “Há, portanto, uma negatividade inerente para o que é visto que o princípio de produção é, ao mesmo tempo um princípio de destruição” (ibid., p.155-156).

Ante tal cosmologia regida pelo excesso, o ser humano não pode reservar as quantidades de energia disponíveis indefinidamente, pois o crescimento não é infinito e muito menos contínuo. É preciso que desperdice o excedente sob pena de vivenciá-lo de forma trágica e catastrófica, como a guerra. O homem deve buscar formas de dispêndio ou gasto do excesso que possibilitem a eliminação da energia excedente e ao mesmo tempo conduzam o ser humano na experiência da continuidade. É esse aspecto que veremos quando abordarmos o erotismo como um dos modos de gasto extremo.

Bataille destaca que a reprodução sexuada, a manducação e a morte são os grandes modos de consumação que realizam o dispêndio intenso de energia. A morte é um dos fenômenos mais luxuosos, o mais dispendioso, mas ela tem o sentido de abrir o espaço necessário para a vinda dos recém-nascidos, movimento sem o qual nós não existiríamos. A morte em seu aspecto luxuoso é similar ao luxo da sexualidade, sendo que, inicialmente, apresentam-se “[...] como a negação de nós mesmos e, depois, em súbita inversão, como a verdade profunda do movimento de que a vida é a exposição” (BATAILLE, 2016, p.54). Essas formas de dispêndio improdutivo, gasto, também se encontram nos fenômenos do luxo, sacrifício, enterros, sexualidade perversa, poesia, entre outros. Elas possuem uma finalidade em si mesmas e não visam uma atividade prática ou útil.

Ainda, de acordo com o filósofo, o ser humano é, dentre todos os seres vivos, o mais apto para consumir luxuosamente o excedente que a vida nos impõe. Porém, nos afastamos desse movimento vertiginoso que traz em si consequências angustiantes, como a morte e as turbulências da sexualidade. Contudo, ocultar essa necessidade em nós e fugir desse gasto é elidir uma verdade que nos habita que, consoante as palavras de Bataille, é a nossa parte maldita: “Sobre a vida humana pesa evidentemente uma maldição, na medida em que ela não tem força para entravar um movimento vertiginoso” (ibid, p.59).

A economia geral destaca, enfim, que os constantes incrementos de energia que animam o globo não podem ser canalizados somente em gastos úteis. É preciso, se não pretendemos fugir de nós mesmos, entregar-nos ao gasto inútil, pois a ebulição se encontra não somente para a vida em geral, mas também para o próprio ser humano, como aponta Bataille: “Com efeito, a ebulição que tenho em vista, a ebulição que anima o globo, é também minha ebulição” (ibid., p.38). Nesses termos, se existe para o ser humano, inserido no fluxo da vida, uma quantidade de energia que não se esgota nas funções básicas do viver, não se reduz à utilidade, leva-nos a um problema: “O problema colocado é o do dispêndio do excedente. Devemos, por um lado, dar, perder ou destruir”⁵(ibid., p.79).

Sob a perspectiva de Bataille, a natureza é o movimento incessante de criação e destruição dos seres que nunca chega a um término, não possui

5 É na dádiva que Bataille vai encontrar o modelo privilegiado que, de certa forma, fundamenta sua teoria da despesa. O costume da troca por dádiva é o polo oposto ao das práticas que perseguem o lucro e o acúmulo. O sentido dessa prática aparece na instituição do *potlatch* dos índios do noroeste dos Estados Unidos da América. A definição dada por Bataille é a que segue: “O potlatch é, como o comércio, um meio de circulação de riquezas, mas exclui o regateio. É, via de regra, a dádiva solene de riquezas consideráveis, oferecidas por um chefe a seu rival, a fim de humilhar, desafiar, obrigar. O donatário deve apagar a humilhação e rebater o desafio, é preciso que ele satisfaça à obrigação contraída ao aceitar: só poderá responder, um pouco mais tarde, com um novo potlatch, mais generoso do que o primeiro – ele deve retribuir com usura” (BATAILLE, 2016, p.78). Porém, a dádiva não se constitui na única forma do potlatch, existem momentos em que um rival é desafiado mediante à destruição solene e intensa de riquezas. Assim, degolam-se equipagens de cães de valor inestimável, degolam-se escravos, destroem-se as aldeias e as canoas, jogam ao mar lingotes de cobses. A instituição do potlatch é a principal referência de Bataille para a elaboração da economia geral. Em nota, o autor diz: “Posso indicar aqui que a leitura do “Essai sur le don” encontra-se na origem dos estudos cujos resultados hoje publico. Em primeiro lugar, a consideração do potlatch levou-me a formular as leis da economia geral” (ibid., p.79).

finalidade alguma. A parte maldita do ser humano é essa ebulição presente tanto em seu interior quanto no universo e da qual ele não logra esquivar-se jamais. Essa energia, essa quantidade, parte maldita do ser humano, requer outros meios para se amainar, não bastam os prazeres comedidos, as ações meditadas, o bom uso, ela requer mais, é imperiosa e insensata. O excesso exige do ser humano o impossível, impõe que saltemos fora dos limites bem definidos do racional, que saltemos na escuridão da noite em direção ao nada. No excesso o sujeito revela-se em sua natureza na medida em que realiza o gasto inútil.

O cosmos batailliano e sua filosofia da natureza são inspirados pela potência natural superabundante da energia solar, o excesso impera na movimentação energética global e na dinâmica subjetiva. A economia geral de Bataille faz uma crítica ao antropocentrismo ao destacar que o núcleo da economia não é o sujeito, mas a movimentação exuberante e inútil de energia que não serve a nenhuma finalidade. É nesse sentido que Sasso destaca:

A Natureza está submetida a um gasto intenso, e o ser particular que quer perseverar em seu ser está ontologicamente na mais total ilusão. O Universo inteiro é apenas perda, despesa, dilapidação e os desejos de um particular como o homem não são a medida do Universo [...] (SASSO, 1978, p.172).

A natureza também se insere nesse movimento de vida e morte e é regida pelo dispêndio intenso, ela não obedece à nenhuma finalidade. Neste sentido, o ser humano ao se apegar a sua individualidade vai contra o movimento da natureza que é puro excesso e dispêndio.

Como antes mencionado, o excesso atravessa desde a radiação do sol até o corpo humano e se manifesta em todos os seres como uma espécie de princípio fundante do ser. Podemos afirmar que, para Bataille, o excesso é o ser na natureza e no interior do ser humano (SASSO, 1978). Nesse sentido, existe, no pensamento do autor, a premissa ontológica do excesso como fundamento do ser e é o que nos atesta as palavras do autor no Prefácio de *Madame Edwarda*: “[...] porque o ser em nós só está lá por excesso[...] e [...] o excesso é aquilo mesmo pelo que o ser é em primeiro lugar, antes de todas as coisas, fora de todos os limites[...]”(BATAILLE, 2014, p.295). Por ora, apenas

pontuamos o excesso como elemento fundante do pensamento de Bataille. Prosseguiremos com outro pensador que tematizou o quantitativo como um polo privilegiado para pensar o ser humano, a saber, Sigmund Freud.

1.4- A teoria da defesa

Sigmund Freud, pai da psicanálise, foi um dos poucos pensadores que desenvolveu intensamente as relações entre amor e morte como forças antagônicas que habitam o coração do ser humano. Em uma famosa entrevista o pensador afirma que “A morte é a companheira do amor. Juntos eles regem o mundo”⁶. Na letra de Freud, a força do sexual nas motivações humanas mais prosaicas e os aspectos cruéis e contraditórios da alma humana são inquiridos e desvelados, são forças que se impõem como um excesso presente no ser humano. Tal excesso se manifesta inicialmente como quantidade que coloca para o indivíduo a urgência do desgaste, do escoamento, da satisfação, da agressividade, da autopunição e que, embora se apazígue por certos subterfúgios, nunca encontra seu término.

Na busca de esclarecer o que entendemos por excesso e quantidade na obra freudiana, nos deteremos em alguns trabalhos nos quais essa noção se fez presente de maneira marcante. Nos preocupamos em escolher textos pertencentes ao período pré-psicanalítico e outros pertencentes a fase madura das teorizações freudianas. Com tal estratégia, pretendemos destacar que o excesso e a quantidade permeiam toda a obra de Freud. Abre-se, assim, uma instigante seara para o diálogo entre o pensamento freudiano e a obra de Bataille.

Podemos apontar que as primeiras elaborações sobre a noção de quantidade nos trabalhos de Freud ocorrem acerca de sua investigação da histeria e das psiconeuroses desenvolvidas, inicialmente, em parceria com Joseph Breuer na obra conjunta *Estudos sobre a Histeria (1893-1895)*. Os autores trabalhavam com o postulado de um conflito psíquico entre representações carregadas de afeto que eram impossibilitadas de serem

6 Entrevista concedida a George Sylvester Viereck, em 1926. Publicada em Sigmund Freud & O Gabinete do Dr. Lacan, 1990, p.120)

escoadas pelos caminhos habituais e que, por isso, acabavam por se constituir como fator patogênico dos distúrbios histéricos. Os autores tomaram como suposição básica a ideia de que as experiências vinculadas a um forte componente de afeto precisariam ser descarregadas em atos reflexos intencionais ou desgastadas pela associação psíquica com outros atos mentais conscientes. Nos pacientes histéricos, esse afeto intenso é estrangulado e a vivência é isolada da consciência, dando origem a uma série de sintomas. Desse modo, as lembranças se tornam traumas porque, na ocasião em que se formaram, não passaram por uma descarga emocional adequada. Isso se deve a dois possíveis motivos: a situação do evento não permitiu à pessoa uma reação adequada ou ela se encontrava sob um estado psíquico peculiar, estado denominado por Breuer de estados hipnóides⁷.

Os “estados hipnóides” impediam a elaboração associativa das ideias com o restante dos conteúdos psíquicos da mente. Dessa maneira as ideias sem conteúdo associativo eram destituídas da descarga emocional adequada no momento em que o sujeito era submetido aos violentos choques emocionais. Os sintomas eram deflagrados, devido a uma descarga inadequada do conteúdo afetivo ligado à representação de um evento considerado traumático e que atuara como motivo desencadeador do processo todo. Essa representação estava associada a uma intensa vivência afetiva, sendo condição do trauma psíquico em questão. Nas palavras de Freud e Breuer:

Assim, pode-se dizer que as representações que se tornaram patológicas persistiram com tal nitidez e intensidade afetiva porque lhes foram negados os processos normais de desgaste por meio da ab-reação e da reprodução em estados de associação não inibida (2006, v.II, p.47).

7 “Expressão introduzida por J. Breuer: estado de consciência análogo ao criado pela hipnose. Esse estado seria tal que os conteúdos de consciência que nele aparecem pouco ou nada entram em ligação associativa com o restante da vida mental, tendo como efeito a formação de grupos de associações separados. Breuer vê no estado hipnóide uma introdução de uma clivagem no seio da vida psíquica o fenômeno constitutivo da histeria” (LAPLANCHE & PONTALIS 1988, p. 218).

As causas precipitantes das neuroses traumáticas configuravam-se pelo afeto do susto que, por sua vez, causava o trauma psíquico e não o dano físico, na maioria das vezes era ínfimo. As experiências que podiam desencadear esses traumas psíquicos eram eventos aflitivos designados como susto, angústia, vergonha ou dor física que se constituíam causas de um trauma. Somado a esses eventos, ocorria uma certa suscetibilidade da pessoa afetada que Breuer designou como os “estados hipnóides”. Desse modo, tais traumas implicavam, por sua intensidade, na incapacidade de o sujeito reagir de forma adequada, o que aconteceria, não obstante, por parte de certos indivíduos. Por conseguinte, a origem do trauma se devia à impossibilidade do aparelho psíquico em lidar com algumas cenas ou vivências experienciadas por certos indivíduos. A terapêutica desenvolvida para tratar tais casos foi elaborada por Breuer como o “método catártico” e descrito da seguinte maneira na *Comunicação Preliminar*, de 1893, que precede os *Estudos sobre a Histeria*:

[...] verificamos, a princípio com grande surpresa, que cada sintoma histérico individual desaparecia, de forma imediata e permanente, quando conseguíamos trazer à luz com clareza a lembrança do fato que o havia provocado e despertar o afeto que o acompanhara, e quando o paciente havia descrito esse fato com o maior número de detalhes possível e traduzido o afeto em palavras (BREUER e FREUD, 2006, v II, p 42).

Devemos salientar que inicialmente a noção de trauma elaborada por Freud tem forte influência dos estudos que ele realizou quando jovem, entre 1885-1886, no hospital de Salpêtrière, dirigido pelo grande cientista Charcot, um dos maiores médicos neurologistas da sua época. Freud aprendeu com Charcot a recusar o diagnóstico que tradicionalmente associava a histeria às causas relacionadas a uma irritação no útero – ideia que remontava à antiguidade - ou devido às simulações dos pacientes. Para o mestre francês, a doença histérica configurava-se como um distúrbio nervoso e fazia parte do grupo das neuroses que eram perturbações sem lesão e que não apresentavam lesões orgânicas. Entretanto, Charcot ainda previa um quadro causal da histeria estritamente fisiológico, sendo a capacidade de desenvolvimento da doença vinculada à deterioração do cérebro ou por caracteres hereditários. Nas palavras de Roudinesco e Plon:

Remetida a uma causa traumática que tinha ligação com o sistema genital, a histeria de Charcot tornou-se, durante esse período, uma doença funcional de origem hereditária, que tanto afetava os homens quanto as mulheres (1988, p.339).

Mas, se para Charcot a hereditariedade jogava um peso considerável no aparecimento da histeria, ele também reconhecia o que designava de ‘agentes provocadores’, elementos responsáveis por desencadear os sintomas nos indivíduos com predisposição para o adoecimento. O principal dentre os agentes provocadores era o trauma:

O trauma era tido como um choque acompanhado de emoções intensas. Seus efeitos seriam ainda mais poderosos em situações de esgotamento, quando o sistema nervoso está fragilizado por doenças ou outros fatores da vida” (RUDGE, 2009, p.10).

Freud partiu da doutrina funcionalista de Charcot e formulou a noção de trauma, transpondo-o do domínio físico e orgânico para o plano psíquico, de sorte que a neurose foi enquadrada como uma afecção puramente psíquica. De fato, Freud, em suas *Conferências Introdutórias à Psicanálise* (1916-1917), explicita a conceituação de trauma⁸ usada por ele nesse período:

Com efeito, a expressão “traumática” não tem outro sentido que não esse, econômico. Chamamos assim uma vivência que, em curto espaço de tempo, traz para a vida psíquica um tal incremento de estímulos que sua resolução ou elaboração não é possível na forma costumeira, disso resultando inevitavelmente perturbações duradouras no funcionamento da energia. Essa analogia nos leva a caracterizar como traumáticas também vivências em que nossos doentes dos nervos parecem ter se fixado. Isso nos proporcionaria uma condição simples para o adoecimento neurótico. A neurose equivaleria a um adoecimento traumático e nasceria da incapacidade de dar conta de uma vivência carregada de um afeto muito intenso (FREUD, 2014, v.13, p.367).

⁸ As lições de Charcot foram muito bem aproveitadas pelo jovem Freud. Nesse sentido, o discípulo vienense aprendeu a importância da técnica do hipnotismo e seu uso no trato dos pacientes histéricos, demonstrando, através do método hipnótico, que os sintomas histéricos podiam ser induzidos em pacientes saudáveis e concluindo a influência das ideias na formação dos sintomas.

Como podemos ver, as experiências traumáticas são portadoras de uma intensidade suficiente para causar sofrimento psíquico, uma vez que não encontram um caminho adequado de escoamento ou solução psíquica. Strachey, editor inglês das obras completas de Freud, destaca que precisamos nos perguntar o porquê de um afeto precisar ser descarregado para não ocasionar terríveis consequências para o indivíduo. Ele aponta que a necessidade da ab-reação, ou seja, a descarga do afeto é dada “[...] pela tendência muito mais geral (expressa no princípio da constância) a manter constante a quantidade de excitação”. (STRACHEY, v.II, 2006, p.23). Princípio de constância que expressa a tendência do aparelho psíquico em manter a quantidade de energia no menor nível possível e que receberá um tratamento mais detalhado em um texto limiar da obra freudiana, como *Projeto de uma psicologia*, no qual nos deteremos adiante e também em texto de caráter tardio, a saber, *Além do princípio de prazer*.

De todo modo, um pouco antes da publicação de *Estudos sobre a histeria*, Freud enuncia esse princípio ainda de forma provisória na conferência, de 1893, *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos - uma conferência*:

Quando uma pessoa experimenta uma impressão psíquica, alguma coisa em seu sistema nervoso, que chamaremos provisoriamente de soma de excitação, aumenta. Ora, em todo indivíduo existe uma tendência a tornar a diminuir essa soma de excitação, a fim de preservar a saúde (FREUD, v.III, 2006, p.44).

Ou seja, o princípio de constância expressa um modo de funcionamento do organismo que persegue um funcionamento equânime, de modo a ver-se livre do aumento quantitativo que, em última instância, é incômodo. Assim, cabe ao organismo subsumido a esse funcionamento encontrar meios para escoar o excesso energético que estrangulado causa sintomas.

Desse modo, podemos destacar como o registro econômico se faz presente nessas elaborações iniciais de Freud, à medida que compreende o aumento das excitações como um movimento que coloca em risco o bom

funcionamento do psíquico mediado pelo princípio de constância, período esse marcado pela colaboração intelectual com Breuer. Ainda que tenha sido muito profícua a colaboração entre ambos, os dois pesquisadores divergiram no que se refere às causas dos fenômenos da histeria, o que levou o primeiro a uma elaboração própria: a teoria da defesa.

É interessante observar que a teoria da defesa é importante para o caminho que estamos trilhando, porque, a partir dela, Freud assume que todo ato psíquico é constituído por representação e quantidade. O energético passa a ser constitutivo das ideias, veremos como a partir desse princípio a cisão entre a representação e o quantitativo será determinante para o funcionamento psíquico, perspectiva teórica que ganha sua plena sistematização em *As Neuropsicoses de defesa*, de 1894.

Sob a perspectiva de Breuer, as causas da histeria eram tributadas aos estados hipnóides que deixavam os pacientes como que em um estado de dissociação mental e incapacitados de elaborarem psiquicamente experiências afetivas intensas. Breuer não conseguia explicar o que levava os pacientes a serem atingidos pelos estados hipnóides, o que ele creditava a uma disposição constitucional do indivíduo. Freud, por seu turno, afirmava existir uma limitação no “método catártico” de Breuer, uma vez que esse recurso não conseguia atingir as causas subjacentes da histeria, permanecendo no campo do fenômeno, isto é, dos sintomas expressos. Diante dessa insuficiência, ele elabora a teoria da defesa: a defesa é inferida por Freud quando da manifestação da misteriosa força de resistência dos pacientes à análise clínica, força que se revela na clínica quando Freud abandona o uso da hipnose. Assim, esse mecanismo agiria como uma força psíquica que impede o trabalho associativo sobre a representação patogênica e, num momento posterior - o do trabalho terapêutico -, criaria barreiras para o retorno da lembrança à consciência, sob a forma de resistências. Nesse sentido, a “defesa” é responsável pela origem das patologias, pois o “mecanismo de defesa” funciona dissociando a ideia de sua quota de afeto, uma vez que apenas uma ideia enfraquecida pode ser recalçada. Em seguida, a própria ideia fica excluída da associação mental, formando o núcleo do que será um segundo grupo psíquico. Logo, a defesa consiste em “[...] transformar uma representação forte numa representação fraca, em roubá-la de seu afeto” (FREUD, 2006, v.II, p.293).

Para elaborar a teoria da defesa, Freud partiu do pressuposto de que qualquer fenômeno psíquico possui dois elementos, representação e afeto. Com isso, o processo defensivo seria o responsável pela origem das patologias, uma vez que ele era a causa da dissociação da quota de afeto de representações que eram de natureza penosa e concebidas como incompatíveis pelo Eu. As representações, uma vez separadas de sua “soma de excitação” ou “afeto”, ficariam enfraquecidas e incognoscíveis pela consciência desperta, já o afeto se transformaria em algo somático dando origem à histeria de conversão:

Na histeria, a excitação é convertida; nas neuroses obsessivas e fobias é transportada ou deslocada; na psicose alucinatória, objeto da última secção do artigo, [As Neuropsicoses de Defesa] tanto o afeto quanto a ideia intolerável são reprimidas (MEZAN, 1982, p.13).

Ao fim do artigo sobre as neuropsicoses, Freud torna explícita, pela primeira vez, a hipótese da quantidade⁹ que usou como pano de fundo de sua investigação:

Gostaria, por fim, de me deter por um momento na hipótese de trabalho que utilizei nesta exposição das neuroses de defesa. Refiro-me ao conceito de que, nas funções mentais, deve-se distinguir algo – uma carga de afeto ou soma de excitação – que possui todas as características de uma quantidade (embora não tenhamos como medi-la) passível de aumento, diminuição, deslocamento e descarga, e que se espalha sobre os traços mnêmicos das representações como uma carga elétrica espalhada pela superfície de um corpo (FREUD, 2006, v.III p. 66).

Evidenciado o modo pelo qual Freud chega à questão da quantidade na dinâmica dos processos psíquicos, perseguiremos a concepção energética na

9 As referências à noção de quantidade aparecem também em outros escritos de Freud desse período. No verbete Histeria, de 1888, ele diz: “A histeria baseia-se total e inteiramente em modificações fisiológicas do sistema nervoso; sua essência deve ser expressa numa fórmula que leve em consideração as condições de excitabilidade nas diferentes partes do sistema nervoso” (FREUD, 2006, v. I p.77). Também no texto de 1893, *Algumas considerações para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e Histéricas*, “Todo evento, toda impressão psíquica é revestida de uma determinada carga de afeto da qual o ego se desfaz, seja por meio de uma reação motora, seja pela atividade psíquica associativa” (FREUD, 2006, v.I, p.215)

obra freudiana. Teremos, pois, por norte essa concepção intensiva, a qual, na citação acima, é equiparada a uma soma de excitação ou a quantidade e que, no âmbito da teoria freudiana, se perpetua sob a forma do ponto de vista econômico. Nessa direção, há um texto crucial ante o qual não podemos nos desviar: *Projeto de uma Psicologia*, redigido em 1895. Notemos que ao seguirmos tal direção, buscamos clarificar que em Freud, como em Bataille, a quantidade e o excesso estão relacionados aos fundamentos mais intensos e íntimos do ser humano.

1.5- O Projeto de uma Psicologia

Nesse contexto em que estamos vislumbrando a emergência do ponto de vista econômico no pensamento freudiano, o *Projeto de uma Psicologia* (1895) é um trabalho freudiano em que a noção de quantidade é destacada ao máximo. A obra em questão foi redigida logo após a publicação dos *Estudos Sobre a Histeria* (1893), mas sua publicação foi efetivada apenas 50 anos depois, uma década após o falecimento do autor.

Notadamente, esse texto está ligado à atmosfera positivista do século XIX. Encontra-se, pois, inserido nos debates científicos em que seu autor se formou, no qual teve por mestres Ernest Wilhelm Von Brucke, Hermann Von Helmholtz e Emil Du Bois-Reymond, todos defensores do positivismo e da ideia de que o organismo se estrutura somente por forças físicas e químicas (ROUDINESCO, 2016, p.40).

Em que pesem as divergências em torno da importância que *O Projeto de uma Psicologia* ocupa na obra freudiana, ele é relevante por trazer o esboço de ideias e conceitos que se farão presentes no desenvolvimento da psicanálise, tais como recalque, defesa, desejo, a economia mental e suas forças energéticas em conflito. Strachey, na introdução ao *Projeto de uma Psicologia* (2006, v.I, p.343), destaca que esse texto atua como um espectro sobre toda a obra freudiana: “Mas, na realidade, o Projeto, ou melhor, seu espírito invisível, paira sobre toda a série de obras técnicas de Freud até o fim”. Mas, além de antecipar conceitos, o *Projeto de uma Psicologia* coloca uma série de procedimentos, hipóteses e problemas que serão retomados continuamente por Freud no

decorrer de seu trabalho, apresentados sob novas vestes, mas nunca inteiramente descartados, como já notaram alguns de seus comentadores.

Assim, Freud desenvolve, no texto de 1895, uma psicologia de cunho naturalístico, cujo objetivo é o de descrever empiricamente o funcionamento da mente humana de acordo com causas naturais (GABBY JR. 2003). Ora, como sinalizamos acima, ao posicionar-se como herdeiro da escola positivista do século XIX, Freud coloca-se claramente ao lado das ciências naturais. No âmbito desta obra sua adesão ao naturalismo é clara. Acerca do discurso naturalista e fisicalista prevalente no projeto, assinala Gabby Jr. (2003) em seu trabalho *Notas a projeto de uma psicologia*:

Ao pretender deduzir uma psicologia que seria científica e naturalista, Freud posiciona-se claramente em relação ao debate, nascido na metade do século XIX, entre as ciências do espírito ou morais, que visam compreender, e as ciências naturais, que procuram explicar. Uma psicologia natural tem as seguintes características: (a) toma a física como modelo, (b) supõe que não haja diferença essencial entre fatos físicos e fatos psicológicos e (c) explica os processos pela sua gênese (GABBY JR., 2013, p.19).

Nesse sentido, as primeiras linhas do trabalho de Freud são explícitas: “O propósito é fornecer uma psicologia científica e naturalista, ou seja, expor os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partes materiais capazes de serem especificadas e, com isso, torná-los intuitivos e livres de contradição” (FREUD, 2003, p.176). Ou seja, Freud pretende explicar o funcionamento do psiquismo usando o neurônio e a quantidade. Para nossa investigação, convém destacar como o quantitativo joga nesse texto papel relevante, sendo estabelecido como princípio explicativo do funcionamento mental. É importante observar, no entanto, que ele não permanecerá nesse registro permanentemente. Quando publica sua obra magna, *A Interpretação dos sonhos* (1900), por exemplo, a linguagem será outra. Naquele momento, ele já não alude aos neurônios investidos, mas antes a representações investidas. Desse modo, o funcionamento mental passa a ser descrito em caracteres psíquicos, ponto destacado por Garcia-Roza:

O aparelho psíquico de 'A interpretação dos sonhos' não faz referência a neurônios ou a quaisquer outras entidades materiais, seus referentes são ideias, representações, pensamentos, desejos, sonhos, linguagem (GARCIA- ROZA, 2008, p.164).

No *Projeto de uma Psicologia*, contudo, obra não reconhecida por seu autor e publicada postumamente, Freud procura generalizar as hipóteses até então desenvolvidas em *Comunicação Preliminar* (1893) e no artigo *As Neuropsicoses de Defesa* (1894). Em carta ao seu amigo Fliess, de 25 de maio de 1895, carta 24, afirma:

Vivo atormentado por duas intenções: descobrir que forma tomará a teoria do funcionamento psíquico se nela for introduzido um método de abordagem quantitativo, uma espécie de economia de força nervosa, e, em segundo lugar, extrair da psicopatologia tudo o que puder ser útil à psicologia normal (FREUD, 2006, v. I, 335).

Conquanto a arquitetura do *Projeto de uma Psicologia* seja levada ao máximo de generalidade, seus pressupostos estão correlacionados com a clínica das neuroses, como é o caso da hipótese quantitativa que por ora investigamos. A hipótese quantitativa surge da prática clínica e fundamenta-se na observação, buscando dar conta da interpretação dos fatos patológicos e pela explicação das estruturas psicológicas normais. Freud, ao discutir o primeiro postulado desse trabalho, a concepção quantitativa na economia mental, aponta que essa:

Decorreu diretamente da observação clínico-patológica, em que se tratou em especial da representação superintensa, como no caso da histeria e da compulsão, nos quais, como se mostrará, o caráter quantitativo se sobressai de forma mais pura do que em processos normais. Processos, como substituição, conversão, eliminação, que deveriam ter sido descritos ali, sugeriram diretamente a concepção da excitação nervosa como quantidade em fluxo. Não pareceu ser ilícita uma tentativa que procurasse generalizar esse conhecimento (FREUD, 1995, pp.09-10).

Nessa vertente, o autor concebe um modelo explicativo do funcionamento psíquico baseado em dois princípios: a quantidade (Q) e o neurônio (N). Estão

aí delineadas as duas ideias principais que regem o aparelho: “1.) concebe o que diferencia atividade de repouso como Q, submetida à lei geral do movimento; 2.) toma os neurônios¹⁰ como partículas materiais” (ibid., p.09).

A quantidade é o primeiro pilar da teoria e para representá-la Freud faz uso dos símbolos Q e Qn, o primeiro usado para a quantidade de origem externa ao organismo e o último para quantidade interna. Embora, como destaca Strachey (v. I, 2006), essa diferença nem sempre foi seguida à risca pelo autor. Ademais, Freud não detalha qual é a característica básica da noção de quantidade. Nessa senda, Strachey também observa que, apesar de Freud ter comparado vagamente com “soma de excitação” a uma “carga elétrica”, como vimos no artigo *As neuropsicoses de defesa*, não há indícios claros de qual seria a natureza dessa quantidade.

Para se referir a quantidade no Projeto, Freud determina a quantidade como Q em fluxo, indo de um neurônio a outro e as expressões usadas para descrever esse processo são elencadas por Strachey, como excitação neuronal em estado fluente, Q fluente, corrente e passagem de excitação. Nesse sentido, alguns pesquisadores da obra freudiana, como Pribam e Gill (1976), identificaram excitação neuronal como uma carga elétrica. No entanto, Strachey salienta que apesar do uso comparativo que Freud faz entre quantidade e carga elétrica, ele não estava delimitando o quantitativo como simplesmente carga elétrica, o emprego de tais termos eram apenas analogias. Desse modo, não há nenhuma afirmação no *Projeto de uma Psicologia* que sugira que o quantitativo fosse de natureza elétrica: “Ao contrário, ele [Freud] não cansa de salientar que desconhecemos a natureza do ‘movimento neuronal’”(STRACHEY, 2006, p.450).

Gabbi Jr., por sua vez, alerta que o termo excitação é usado por Freud no sentido de “estar em funcionamento”, ou seja, trata-se de um termo descritivo e qualitativo, denotando apenas ‘resultado ou indicação de trocas de energia:

Assim, Q é usada para indicar o resultado do processo levando de um estado de movimento para outro, como o próprio processo de passagem de um estado de movimento para outro. [...] Nesse

10 Os neurônios também fazem parte dos elementos em destaque na investigação científica da época de Freud. “A teoria neuronal havia sido formulada em 1891 por Wilhelm Waldeyer, fruto de uma longa série de estudos experimentais, no qual introduziu o termo ‘neurônio’ (GARCIA-ROZA, 2008, p.47).

sentido, uma psicologia quantitativa pretende expor os processos em termos dos movimentos das partículas materiais e não em função de propriedades intrínsecas dessas mesmas partículas (GABBY JR., 2003, p.23).

De acordo com o comentador, Freud não alude no *Projeto de uma Psicologia* ao movimento dos neurônios como se fosse de natureza elétrica. Observa antes que Q é usada por Freud para descrever um estado de movimento para outro, na medida em que atribui a Q a diferença (Q estática) e ao que diferencia (Q dinâmica). Nesse sentido, Freud toma empréstimos da física moderna e, tal como essa, abandona o explicar pela forma substancial e pela busca das propriedades intrínsecas à substância para conceber o movimento baseado nesse quadro da física moderna, ou seja, como um princípio explicativo. Decorre dessa perspectiva, segundo Gabby Jr. que: “[...]uma psicologia quantitativa pretende expor os processos em termos dos movimentos das partículas materiais e não em função de propriedades intrínsecas dessas mesmas partículas” (ibid., p.23). Assim, Freud estaria caracterizando Q como resultado de um processo de diminuição, deslocamento e eliminação e que possui a capacidade de mudar de um estado de menor movimento para um de maior movimento, de mudar o estado de movimento de um local para outro e de diminuir o seu estado de movimento. Portanto, como aponta ainda Gabby Jr., Freud concebe Q em analogia com o modelo da mecânica, diferentemente da interpretação acima de Pribam e Gill que destacam Q como de natureza elétrica.

Em suma, ancorados nos comentadores, podemos considerar que Freud buscou delimitar a existência de um estado afetivo presente nos distúrbios neuróticos que, em seus aspectos gerais, denota a presença do quantitativo no psíquico. Em sua tentativa de descrição dessa quantidade, podemos destacar a gênese de uma concepção geral do afeto que se equipara a uma soma de excitação e origina-se da dimensão afetiva dos distúrbios neuróticos. Dessa generalização teremos o futuro ponto de vista econômico da metapsicologia.

Voltando a Freud, a partir desses pressupostos, seu texto postula como princípio fundamental da atividade nervosa relacionada a Q o princípio de inércia nervosa, segundo o qual o aparelho psíquico busca escoar, livrar-se de Q. O aparelho desenvolvido é determinado inicialmente em seu funcionamento e

estrutura-se a partir do princípio de inércia, ou seja, com base numa tendência a descarregar toda a quantidade que o atinge buscando um nível zero. Os neurônios constituintes desse aparelho são idênticos anatomicamente e estabelecem reciprocamente uma conectividade através de um tecido não neuronal, absorvendo quantidade através dos prolongamentos celulares e emitindo-a através dos cilindros de eixo. Portanto, o arranjo dos neurônios corresponde à tendência fundamental do aparelho, porquanto favorece a descarga de quantidade, assemelhando-se a um sistema reflexo. Numa palavra, os neurônios trabalham no sentido de descarregar a quantidade recebida, consoante a tendência fundamental do aparelho de anular todo aumento quantitativo.

O aparelho psíquico elaborado por Freud, nesse momento, é formado por três sistemas neuronais: o sistema ϕ responsável pelas percepções, o sistema ψ responsável pela memória e o sistema ω responsável pelo surgimento da consciência:

Há, por conseguinte, neurônios permeáveis (que não opõem resistência e que não retêm nada) que servem à percepção, e impermeáveis (dotados de resistência e que embargam $Q\eta$), os portadores da memória e, assim, provavelmente dos processos psíquicos em geral. Daqui por diante chamarei o primeiro sistema de neurônios de ϕ e o último de ψ (FREUD, 1995, p.13).

Isto posto, é importante destacar que os neurônios não possuem diferenças constitucionais, sendo que o que distingue os sistemas neuronais em seu funcionamento é a ação da quantidade em cada um deles. Entre esses neurônios existem as barreiras de contato que apresentam certa resistência à condução do processo excitatório de um neurônio para outro. Desse modo, somente as quantidades de intensidade superior à resistência dessas barreiras conseguem a transposição das intensidades para outro neurônio. Em consequência, essas barreiras de contato seriam facilitadas pela passagem das intensidades e, na ocorrência de uma segunda ocupação dos respectivos neurônios, a resistência ao fluxo energético será menor. De acordo com Simanke e Caropreso (2011, p.91),

A facilitação diferenciada das barreiras de contato faria com que se constituíssem caminhos preferenciais no interior do aparelho, os quais possibilitariam a memória, em outras palavras a possibilidade da memória é representada pela capacidade do sistema de fazer percorrer novamente um caminho anteriormente percorrido.

Se a memória depende da reocupação de neurônios anteriormente investidos, a representação por sua vez também é pensada como um fenômeno psíquico atado ao quantitativo. Ela se origina quando o caminho facilitado estiver ocupado, pois a representação é formada por um grupo de neurônios cujas barreiras de contato estão facilitadas. O que queremos destacar é que a circulação de quantidade é um processo formador da representação. Desse modo, a representação é inseparável de seu componente energético (CAROPRESO, 2008).

Como já foi assinalado, esse aparelho possui uma tendência primordial para esquivar-se de todo o incremento quantitativo. Seu objetivo precípua consiste em assegurar o nível de quantidade no interior desse aparelho como igual a zero - meta que, nas palavras de Freud, se expressaria na tendência primária de funcionamento do aparelho. Contudo, esse aparelho encontra-se submetido por influências quantitativas de ordem endógena derivadas das prementes necessidades vitais que o obrigariam a uma alteração dessa tendência primária de funcionamento. Segundo o autor, as quantidades de origem exógena que atingem esse aparelho podem muito bem ser descarregadas mediante uma fuga de estímulo. No entanto, as quantidades de origem endógenas¹¹ não poderiam ser eliminadas por esse mecanismo reflexo:

Contudo o princípio de inércia é violado desde o começo a partir de uma outra relação. Com a complexidade crescente do interior do organismo, o sistema nervoso recebe estímulos do próprio elemento corporal, estímulos endógenos, que devem ser igualmente eliminados. Estes se originam em células corporais e dão como resultado os grandes carecimentos: fome, respiração, sexualidade (FREUD, 1995, pp. 10-11).

11 Essas quantidades de origem endógena são o gérmen do pulsional.

A consequência dessas necessidades endógenas é que para a anulação de suas fontes internas de estímulo - fome, respiração e sexualidade - exige-se uma interação do organismo mais complexa com o meio, denominada por Freud de ação específica e que busca fazer cessar a estimulação endógena. Para a efetivação da ação específica, entretanto, exige-se um significativo acréscimo de quantidade no aparelho, o que leva a uma alteração na sua tendência primeira, que, como vimos consiste em manter o nível de quantidade igual a zero. Ou seja, para a realização da ação específica ocorre o abandono da função de quantidade zero e passa a vigorar a tendência de manter uma quantidade constante no nível mínimo necessário:

Com isto, o sistema nervoso é coagido a abandonar a tendência originária para a inércia, isto é, para nível=0. Tem de permitir a ocorrência de armazenamento de Q_1 para satisfazer a exigência da ação específica” (ibid., p.11).

Ou seja, instaura-se o princípio de constância que impõe a manutenção de um nível mínimo de energia no sistema. Nesse sentido, destaca Osmyr Gabbi Jr. que:

[...] se não existissem estímulos internos, o sistema nervoso simples (uma ficção teórica) funcionaria segundo o princípio da inércia; como existem estímulos internos, o sistema nervoso humano (o sistema nervoso real e complexo) obedece ao princípio da constância, mas conserva a tendência imposta pelo princípio da inércia (GABBY JR, 2003, p.30).

Como observa o comentador, Freud procede a uma detalhada constituição de um hipotético aparelho psíquico que se encontra desde seu funcionamento inicial premido pela necessidade de lidar com quantidades energéticas. Desse modo, apesar dessa alteração com o princípio de constância, o princípio de inércia continuaria manifestando a tendência mais fundamental do sistema nervoso. Temos, então, no desenvolvimento desse aparelho duas funções: a função do princípio primário que busca evacuar toda quantidade do organismo e a função secundária imposta pela necessidade da vida que busca cessar o acréscimo de estímulos internos. As consequências dessa passagem do funcionamento primário para o funcionamento secundário são explicitadas por Simanke e Caropreso (2011, p.90):

A impossibilidade de cumprir de forma reflexa a função secundária, quando se trata das quantidades endógenas, vai motivar todas as modificações que Freud introduz no esquema inicial governado pela inércia neuronal. [...] Em suma, o princípio de inércia daria lugar a uma 'tendência à constância', mas esta última não se oporia ao primeiro; ao contrário, atuaria, no final das contas, a seu favor, permitindo que a quantidade endógena fosse, de fato, descarregada adequadamente ou com o máximo de eficiência.

A passagem para o modo de funcionamento secundário com a efetivação do princípio de constância é exemplificado por Freud no caso do bebê e a satisfação de sua fome que, no *Projeto de uma Psicologia*, é considerada a experiência que estrutura a atividade psíquica normal. Uma primeira vez em que esse sentisse fome ocorreria também uma primeira ocupação do ψ do núcleo e um concomitante aumento de $Q\eta$ (quantidade endógena). Deve-se atentar para o fato de que o aparelho psíquico busca evacuar todo acúmulo de energia de acordo com o princípio de inércia, buscando, em suma, descarregar a tensão presente em ψ que se manifesta como desprazer no sistema ω . Diante desse fato, as respostas reflexas, como o choro, o grito e a agitação física são inúteis para eliminação da estimulação endógena. As referidas reações não podem eliminar o desprazer oriundo da fonte interna de estimulação, contudo elas serviriam como um modo de comunicação entre a criança e o adulto, uma vez que fariam com que este último atentasse para o estado de carência do recém-nascido. Por conseguinte, quando a mãe ou outro adulto, realizasse a ação específica, por exemplo, oferecesse o seio à criança, a recepção de estímulos internos terminaria e a conseqüente sensação de desprazer também desapareceria. A supressão da tensão interna, ou seja, a eliminação dos estímulos internos endógenos dá ensejo para a vivência de satisfação. Freud assim se manifesta:

Se o indivíduo prestativo realizou o trabalho da ação específica no mundo externo para o desamparado, este foi capaz, através de organizações reflexas, de executar sem demora o desempenho necessário no interior do seu corpo para cancelar o estímulo endógeno. Então, a totalidade apresenta uma vivência de satisfação, que tem as conseqüências mais decisivas para desenvolvimento das

funções do indivíduo. Ou seja, ocorrem três coisas no sistema ψ : 1.realizou-se uma eliminação duradoura, e, dessa forma, dá-se fim à incitação que produzira em ω desprazer; 2.origina-se no manto a ocupação de um neurônio (ou de vários) que correspondem à percepção de um objeto; 3.chegam em outros lugares do manto as notícias de eliminação devida ao movimento reflexo desencadeado que se segue à ação específica. Entre essas ocupações e os neurônios nucleares forma-se uma facilitação (FREUD, 1995, p.32).

O que surge entre as duas representações do ψ do manto, a de objeto e a de movimento, é uma facilitação e essas duas representações constituem-se ao mesmo tempo que a ocupação do ψ nuclear. A facilitação é a passagem da excitação de um neurônio ao outro ao vencer as resistências das barreiras de contato dentre esses. Tendo ocorrido essas facilitações e, posteriormente, quando surge novamente a excitação no núcleo pelo reaparecimento das necessidades endógenas, o processo de excitação trilharia o caminho já estabelecido e ocuparia a representação do objeto de satisfação inscrito no núcleo ψ do manto. Nas palavras de Garcia-Roza:

A partir dessa vivência primária de satisfação, estabelece-se uma facilitação de tal modo que ao se repetir o estado de necessidade, surgirá um impulso psíquico que procurará reinvestir a imagem mnêmica do objeto, com a finalidade de reproduzir a satisfação original (GARCIA-ROZA, 2004, p.183).

Essa passagem acima de Freud é importante, pois é o momento em que temos a ocorrência primeira da vivência de satisfação e sua relação com o desejo, tal como nos explica Laplanche e Pontalis:

A imagem do objeto satisfatório assume então um valor preferencial na constituição do desejo do indivíduo. Ela poderá ser reinvestida na ausência do objeto real (satisfação alucinatória do desejo) e irá guiar sempre a ulterior procura do objeto satisfatório (1988, p.687).

Na psicanálise freudiana, o desejo será sempre essa busca por reviver a experiência inicial de satisfação, constituindo um impulso para reencontrar a totalidade perdida. O desejo se singulariza nas manifestações da fantasia que

cria objetos substitutivos e parciais, porquanto o objeto primeiro da satisfação nunca será atingido plenamente uma vez que a realidade lhe barra o acesso. Esse objeto almejado é a imagem representativa de um estado de plenitude, ou seja, a origem da experiência de completude advinda da vivência simbiótica com a progenitora. Portanto, o desejo é movimento e repetição inacessível, restando apenas a realização imaginária, busca por uma totalidade inatingível que é substituída por miúdos prazeres fragmentados, objetos parciais, cavados pelo incessante movimento pulsional.

Sob a letra freudiana, pois o desejo é esta tendência para reocupar a representação de um objeto primeiro de satisfação, quando da recorrência do processo – a fome, como exemplificado - não haverá somente uma privação a ser sanada, mas também um desejo, porque a condição de necessidade estaria agora agregada à representação de um objeto pelo qual o processo psíquico objetivaria propriamente a sua ocupação. Freud enfatiza, no *Projeto de uma Psicologia*:

Assim, origina-se, através da vivência de satisfação, uma facilitação entre duas imagens recordativas e os neurônios nucleares que, no estado de incitação, são ocupados. Com a eliminação de satisfação, a Q η também é, sem dúvida, retirada das imagens recordativas. Com o reaparecimento do estado de incitação ou de desejo, a ocupação prossegue agora também para ambas as recordações e anima-as. A imagem recordativa do objeto, certamente é a primeira a ser afetada pela animação de desejo. Não tenho dúvidas de que essa animação de desejo resulte em primeiro lugar no mesmo que a percepção, ou seja, em alucinação. Se em consequência disso a ação reflexa for iniciada, não há como não faltar a desilusão (FREUD, 1995, p.33).

Portanto, quando da recorrência da necessidade e da concomitante ligação ao objeto do desejo, teremos novamente a ocupação da representação de objeto que será vivida como se fosse percepção externa, o que levaria na verdade a uma alucinação do objeto de desejo¹². Como Freud aponta na citação

12 É importante destacar que em *A Interpretação dos sonhos* (1900), Freud define mais uma vez o desejo, agora fora de um registro fisicalista. A situação é a mesma, as carências iniciais da vida ensejam a busca pela cessação dos estímulos que são

acima, uma vez surgida a alucinação, ocorre a ação reflexa - a sucção executada pelo bebê -, mas devido à ausência do objeto-seio, o bebê vivencia a frustração e o sentimento de desamparo¹³. Ou seja, para a sobrevivência do indivíduo, é preciso ocorrer uma mudança na tendência primária do processo associativo para que a representação de desejo não seja intensamente ocupada, isso possibilitaria que o Eu diferenciase uma rememoração de uma percepção e, com isso, impedisse a ocupação das representações de movimento na inexistência do objeto desejado na realidade. Ora, o que acontece, nesse processo, é que para a sobrevivência do indivíduo seria preciso substituir o processo primário pelo secundário.

Em se tratando da realização de desejos e para finalizar essa rápida imersão nessa complexa e primordial obra freudiana, gostaríamos de abordar a satisfação e apaziguamento propiciados pelo estado do sono, elaborados por Freud no item 19 da parte primeira do *Projeto de uma Psicologia*. A questão colocada pelo autor é que mesmo com o desenvolvimento necessário do processo secundário para a sobrevivência do organismo, o processo primário não é eliminado por completo, ele ressurgir todos os dias durante o estado do

desagradáveis: "A excitação estabelecida pela necessidade interna buscará um escoamento na motilidade, que podemos chamar de 'alteração interna' ou de 'expressão da emoção'. A criança faminta chorará ou se debaterá desamparadamente. Mas a situação permanece inalterada, pois a excitação proveniente da necessidade interna não corresponde a uma força que percute de maneira momentânea, mas a uma que atua de maneira contínua. Apenas pode ocorrer uma mudança quando, por uma via qualquer - no caso da criança por meio da assistência alheia -, se faz a experiência da vivência de satisfação, que elimina o estímulo interno. Um componente essencial dessa vivência é o surgimento de certa percepção (no exemplo, a percepção da nutrição), cuja imagem mnêmica daí por diante fica associada com o traço mnêmico da excitação da necessidade. Tão logo essa necessidade reapareça, resultará, graças à ligação estabelecida, uma moção psíquica que pretende investir outra vez a imagem mnêmica daquela percepção e causar novamente a própria percepção, ou seja, na verdade estabelecer a situação da primeira satisfação. Uma moção dessas é o que chamamos desejo; o reaparecimento da percepção é a realização do desejo, e o investimento pleno da percepção por parte da excitação da necessidade é o caminho mais curto para a realização do desejo (FREUD, 2017, pp.593- 594).

13 De todo modo, o organismo humano sofrerá adaptações para alcançar a realização de suas satisfações, ele não pode alucinar o real o tempo todo, portanto ocorre uma solução de compromisso entre o processo primário e o processo secundário, assim "A formação do eu [pelo processo secundário] vem atenuar o fracasso primitivo do indivíduo ao distinguir entre uma alucinação e uma percepção. Pela sua função de inibição, impede que o reinvestimento da imagem do objeto satisfatório seja demasiado intenso" (LAPLANCHE & PONTALIS, 1988, p.688).

sono: “É um fato importante que, todos os dias durante o sono, temos diante de nós processos primários ψ como aqueles que foram, pouco a pouco, suprimidos biologicamente no desenvolvimento ψ ” (FREUD, 1995, p.49). O que nos interessa destacar é o fato de que o sono se apresenta como um processo primário no interior do Eu produzindo alucinação que regride até uma forma de satisfação plena à medida que alcança o estado de inércia¹⁴ almejado desde o início.

Sobrevoamos os princípios básicos do *Projeto de uma Psicologia* apenas para destacar como o ponto de vista quantitativo assume um papel primordial nesse texto, bem como para sinalizar que o ponto de vista econômico se fará presente em outros trabalhos de Freud, particularmente em textos importantes da Metapsicologia que trataremos a seguir. Podemos destacar ainda que o aparelho psíquico, elaborado por Freud, possui por função precípua lidar com quantidades. Sua função é controlar e encontrar caminhos de escoamento para um determinado estímulo endógeno que é excessivo e, ao se acumular, provoca distúrbios no bom funcionamento mental. Mais à frente chegaremos ao ponto em que a energética freudiana se coaduna com o excesso concebido por Bataille.

1.6- O quantitativo no pulsional

É no texto metapsicológico *O Inconsciente*, de 1915, que Freud introduz formalmente o ponto de vista econômico:

Como se pode perceber, introduzimos paulatinamente um terceiro ponto de vista na nossa apresentação dos fenômenos psíquicos. Agora, além do dinâmico e do tópico, destacamos o ponto de vista econômico, isto é, uma perspectiva que visa acompanhar o destino das quantidades de excitação e busca, ao menos aproximativamente, estimar as magnitudes dessas quantidades. [...] Sugiro chamar toda descrição do processo psíquico que envolva as relações dinâmicas, tópicas e

14 Gabbi Jr. aponta a relação entre o sono e o estado de inércia: “O sono é o estado regressivo por excelência. Pelo menos teoricamente, o sistema nervoso comportar-se-ia como o sistema primitivo, sem qualquer fonte de estimulação interna. Aqui, mais uma vez, torna-se manifesto o equívoco de tentar já encontrar em Entwurf a pulsão de morte. O estado de inércia ideal é dado pelo sono, e não pela morte. A fonte de estimulação desconsiderada é apenas a interna, nada foi dito ainda sobre os estímulos externos que agem sobre o objeto do mundo” (GABBI JR., 1995, 159).

econômicas de descrição metapsicológica. (FREUD, 2006, v.2, pp.32-33).

As pulsões, assim como outros conceitos da teoria freudiana, pertencem à metapsicologia, termo cunhado por Freud em 1896 para designar o conjunto da sua elaboração teórica, bem como sua “[...] psicologia que leva ao outro lado da consciência [...]” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1998, p.284). É lícito considerar que a metapsicologia se apresenta como o arcabouço epistemológico da psicanálise freudiana, como nota P.L. Assoun: “É a metapsicologia que constitui a superestrutura teórica da psicanálise, mas também sua identidade epistêmica” (ASSOUN, 1996, p.13). Sob esse registro, devemos considerar que esse conjunto de constructos teóricos faz uso de noções e hipóteses abstratas que fundamentalmente elaboram ou explicam as hipóteses subjacentes à psicanálise. Dele fazem parte as concepções elaboradas por Freud acerca de um aparelho psíquico dividido em instâncias, o conceito de recalque, a teoria das pulsões etc. Freud considerava de extrema importância esse trabalho de construção metapsicológica, uma vez que ele lhe possibilitava a criação de “ideias abstratas” que o ajudariam na pesquisa e na fundamentação do arcabouço teórico da psicanálise. Ademais, seu uso se concretizaria à medida que, nos momentos em que a exposição dos fatos fosse interrompida, se impusesse a necessidade de recorrer aos recursos de ordem não clínica para completar as lacunas apresentadas na observação.

Consoante Birman, a metapsicologia busca clarificar as hipóteses teóricas com as quais se fundamenta a psicanálise em sua nova leitura do psiquismo: “Portanto, forjando conceitos originais, Freud denominará a sua prática teórica de metapsicologia. Esta, vale dizer, identificava-se organicamente com a psicanálise propriamente dita, enfatizando sua construção como uma teoria” (BIRMAN, 2017, p. 28). Freud inventou a palavra metapsicologia, pois queria se distanciar de dois discursos contemporâneos, a psicologia e a filosofia. Em relação à psicologia, sustentava que não era científica, pois se limitava a descrever as faculdades psíquicas do sujeito articuladas com os registros da consciência e do eu. Inversamente, uma psicologia científica deveria elaborar uma leitura do psíquico que conjugasse o registro da qualidade e da quantidade, do sentido e da força: “Assim, o aparelho psíquico se organizaria entre a ordem

da representação (registro da qualidade) e a da intensidade (registro da quantidade), pois ambas estariam presentes na totalidade dos processos psíquicos” (ibid, p.31).

Convém destacar que as análises elaboradas por Freud dentro do labor metapsicológico apontam para o modo pelo qual a pulsão torna predominante uma concepção energética da psique. E observemos que a espinha dorsal do nosso trabalho se encontra nessa concepção energética do pulsional que encontramos com matizes parecidos na concepção de Bataille, ou seja, no excesso. O excesso para o pensador francês também é da ordem do fundamento e exige uma série de condutas do ser humano para ser domada ou voltada ao dispêndio.

Antes de mergulharmos diretamente no ponto que nos convém, a saber, o quantitativo no universo pulsional, vale lembrar o lugar central que a noção de pulsão ocupa nas elaborações freudianas. Freud considerava as pulsões como um dos conceitos principais da psicanálise e, embora permanecesse inconcluso, desempenhava um papel de fundamental importância para suas elaborações teóricas: “Um conceito convencional desse gênero, no momento ainda bastante obscuro, mas que não podemos dispensar na psicologia, é o de pulsão” (FREUD,2004, v.1, p.145).

Posteriormente, em uma nota acrescentada, em 1924, ao trabalho *Três Ensaios sobre a Sexualidade* (1905), o autor reafirma a importância das pulsões, “A doutrina das pulsões é a parte mais importante, mas também a mais incompleta da teoria psicanalítica” (FREUD, 2006, v.VII, p.159). Podemos alcançar uma caracterização das pulsões no trabalho metapsicológico de Freud, *Pulsões e destinos da pulsão* (1915). No início desse texto, Freud compara a pulsão com um estímulo fisiológico, porém, ao contrário desse, ela é um contínuo para o psíquico e não se confunde com outros estímulos fisiológicos que agem de forma impactante, como uma luz forte que atinge o olho. Sua origem não reside no mundo externo, mas sim no próprio organismo, colocando exigências específicas ao psiquismo e, diferentemente do estímulo externo que age como um único impacto, a pulsão impõe-se ao organismo como uma força constante. Assim, o estímulo pulsional, uma vez que se origina do interior do corpo, instância biológica, impede que ele possa livrar-se dele pela fuga.

Nesse texto, Freud sustenta que: “A melhor denominação para o estímulo pulsional é o termo 'necessidade' e a tudo aquilo que suspende essa necessidade denominamos 'satisfação’” (FREUD, 2004, v.1, p.146); e acrescenta, “Portanto, inicialmente podemos descrever a essência da pulsão a partir de suas principais características: sua proveniência de fontes de estímulo no interior do organismo e sua manifestação como força constante” (FREUD, 2004, v.1, p.147). Freud destaca que o organismo pode subtrair-se dos estímulos externos mediante à fuga e aos movimentos musculares, mas os estímulos pulsionais oriundos do organismo não se deixam eliminar pela estrutura muscular, uma vez que:

Eles impõem ao sistema nervoso exigências muito mais elevadas. Incitam-no a assumir atividades complexas e articuladas umas com as outras, as quais visam a obter do mundo externo os elementos para a saciação das fontes de estímulos, e para tal interferem no mundo externo e o alteram” (ibid., p.147).

Podemos também, seguindo ainda o autor, caracterizar a pulsão enquanto pressão, meta objeto e fonte:

Por pressão de uma pulsão entendemos seu fator motor, a soma da força ou medida de exigência de trabalho que ela representa. Esse caráter de exercer pressão é uma propriedade universal das pulsões, na verdade, sua própria essência. [...] A meta de uma pulsão é sempre a satisfação, que só pode ser obtida quando o estado de estimulação presente na fonte pulsional é suspenso. [...] O objeto da pulsão é aquilo em que, ou por meio de que, a pulsão pode alcançar sua meta. Ele é o mais variável na pulsão e não está originariamente vinculado a ela, sendo-lhe apenas acrescentado em razão de sua aptidão para propiciar satisfação. [...] Por fonte da pulsão entendemos o processo somático que ocorre em um órgão ou em uma parte do corpo e do qual se origina um estímulo representado na vida psíquica pela pulsão (ibid, p.148-149).

Podemos destacar, mediante esse detalhamento de Freud acerca das características que compõem a pulsão, dois aspectos que são importantes para nosso trabalho: primeiro, a pulsão enquanto advinda do interior do organismo, ou seja, enquanto força que surge de dentro e para a qual não existe fuga

possível, o que conduz a todo um esforço do aparelho psíquico para lidar com essa força que, em última instância, pode ser traumática. Segundo, o caráter de pressão da pulsão que é o fator de força constante que impele constantemente sem encontrar apaziguamento. Essa pressão ou força constante é consoante o autor a própria essência da pulsão. Nesse sentido, não fugimos da trilha por ele seguida ao afirmarmos continuamente do aspecto quantitativo das pulsões.

A pulsão se constitui como um conceito limite entre o físico e o mental (FREUD, 2004, p.148). Mas, em si mesma e ontologicamente, ela seria algo não psíquico (STRACHEY, 2004, p.134). Ela jamais poderia tornar-se fato da consciência. Assim, somente a ideia que a representa pode servir como objeto da consciência. Desse modo, a pulsão em si sempre será desconhecida, sendo que o que emerge no psíquico é algo que a representa, no duplo aspecto ideativo e afetivo, sendo que esse algo é passível de ser conhecido somente sob certas condições.

No entanto, além de representarem as exigências somáticas que são feitas à mente, as pulsões também são responsáveis pelas tensões causadas no organismo humano. O organismo, então, percebe a elevação dessas tensões como desprazer e, quando do relaxamento dessa tensão, ele tem a sensação de prazer. Porém, a variação do que é sentido como prazer ou desprazer não remete à intensidade absoluta dessa tensão, mas a algo relacionado ao ritmo das suas modificações. Aliás, é importante notar que, em relação à localização das pulsões, na teoria estrutural, Freud enraíza a origem destas energias num substrato biológico (cf. Freud; O Eu e o Id de 1923). Assim, o estímulo pulsional, uma vez que se origina do interior do corpo, instância biológica, impede que ele possa livrar-se dele pela fuga¹⁵. Com efeito, em se tratando do Id, a elaboração

15 A teoria estrutural ou segunda tópica foi concebida por Freud, em 1923, na obra *O Eu e o Id*. Nessa nova concepção do aparelho psíquico, o mesmo se divide em três instâncias: Eu, Id, e Supra-eu. A segunda tópica foi desenvolvida para sanar as insuficiências da primeira teoria do aparelho psíquico e para integrar as novas elaborações teóricas da psicanálise. Desse modo, Freud procede a uma reavaliação do Eu, traz à tona o importante conceito de Supra-eu e aloca o inconsciente no Id. O Id, além de ser inteiramente de natureza inconsciente, é concebido como reservatório pulsional que inclui os dois tipos de pulsões e está em conexão direta com as forças somáticas, em que, numa situação limite, o psíquico se enraíza no biológico. Essa região do aparelho mental está intimamente ligada às pulsões e ao substrato biológico

dessa nova instância psíquica comporta os elementos levantados desde o trabalho *Além do princípio do prazer* (1920), ou seja, ele responde a problemática do local em situar as pulsões de vida e de morte que nessa nova leitura significam um aprofundamento no biológico. Monzani destaca que, desde o artigo *O Inconsciente* (1915), Freud avança a hipótese que existe um carço no inconsciente atado ao biológico: “A noção de id aparece, entre outras coisas, para dar conta desse substrato biológico no inconsciente [...]” (MONZANI, 1989, p.266).

O caráter econômico quantitativo do Id também é acentuado em textos tardios de Freud, principalmente seu ímpeto para a descarga. Na conferência XXXI, *A Dissecção da Personalidade Psíquica* presente nas *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*, de 1932, Freud qualifica o Id como “caldeirão cheio de agitação fervilhante”, aberto às influências somáticas e cheio de energias que chegam das pulsões e repleto de impulsos plenos de desejos. Desse modo, podemos destacar como o Id acentua o caráter energético quantitativo que invade o psíquico. São estas as palavras de Freud sobre o Id: “

Domina todos os seus processos o fator econômico ou, se preferirem, o fator quantitativo, que está intimamente vinculado ao princípio de prazer. Catexias instintuais [pulsionais] que procuram a descarga – isto, em nossa opinião, é tudo o que existe no id (FREUD, 2006, v.XXII, p.79).

Não é outro nosso intento senão o de acentuar o modo pelo qual nas elaborações freudianas o quantitativo, após a caracterização oficial das pulsões feitas, em 1915, como vimos acima, vai ganhando espaço e se afirmando como essencial para a compreensão do funcionamento mental. Nessa direção, Laplanche em *O Inconsciente e o Id* afirma que:

O afeto é portanto, no inconsciente, o aspecto mais energético; e talvez o interesse dessa segunda teoria, a do id, reside em enfatizar ainda mais esse energético e, desta vez, sob o nome de pulsões (LAPLANCHE, 1992, p.161).

inconsciente. No Id, encontram-se em permanente luta as pulsões de morte e vida, Eros e Tânatos.

Afirmamos, linhas atrás, o caráter heurístico dos conceitos metapsicológicos e das pulsões, porém não devemos encarar as pulsões como meras convenções que pouco se relacionariam com a prática clínica. De fato, se Freud sempre acentuou o conflito psíquico como oriundo de um embate entre ideias incompatíveis, com as pulsões, esse conflito é concebido em suas molas mais profundas e primordiais, pois, sob a perspectiva freudiana, a pulsão é portadora em nosso corpo dos ciclos fisiológicos e químicos, bem como das leis da natureza em geral e das espécies em particular (HANNS, 2004). Sob esse prisma, é possível acompanhar a manifestação pulsional em todos os seres vivos e nos indivíduos sempre de um ponto de vista que comporta gradações que podem ir da espécie ao indivíduo, obtendo, no caminho, um importante ganho de inteligibilidade, como nos mostra Hanns:

[...] o pressuposto de um conflito inerente aos processos vitais não se restringe ao brotar da moção pulsional, permeia toda a sua teoria das pulsões e se expressa de formas diferenciadas, combinadas e complexas, conforme o patamar de manifestação da pulsão considerado (HANNS, 2004, p. 139).

Por essa razão, Freud expõe constantemente diversos pontos de vista ou ângulos mediante aos quais examina a pulsão e coaduna suas análises em diversos níveis de circulação do pulsional e suas contradições próprias. Assim, no plano biológico, apresenta o embate entre as pulsões de reprodução da espécie e as pulsões de conservação do indivíduo. No patamar fisiológico, a oposição aparece nos deslocamentos opostos entre carga e descarga. No processo primário de funcionamento psíquico na oposição entre prazer e desprazer e no processo secundário o confronto nos remete à oposição entre representações. Nesse sentido, Luiz Hanns assinala que:

[...] Freud destaca uma especificidade humana e cultural que altera profundamente o percurso, interfere na síntese e fusão entre pulsões e retroage sobre todo o arco pulsional: as pulsões aderem (bindensich, ligam-se, enlaçam-se) a representações e afetos organizados como linguagem, de modo que o conflito pulsional se expressa na dimensão humana como desejos opostos que englobam as camadas anteriores e estão ancorados na

história biológica, sendo determinados não só por esta, mas também por significações (ibid, p.140).

Ademais, é fundamental considerar que o conceito de *Trieb* (pulsão)¹⁶ possibilita a Freud relacionar camadas e intensidades em um conjunto complexo e amplo, no qual as pulsões se fundem, se enlaçam, retroagem e passam por transformações de natureza, caminhando entre o corpo e a psique, entre o consciente e o inconsciente, manifestando diversos caracteres nos processos psicodinâmicos. Por fim, cumpre notar que as teorias das pulsões desenvolvidas por Freud passaram por sucessivas transformações, mas permaneceram sempre dualistas. Sua última elaboração teórica sobre esse conceito foi construída em *Além do princípio de prazer*, de 1920.

Ao término desse capítulo, enveredamos pelos textos de Freud e Bataille procurando delimitar como esses dois pensadores privilegiaram a presença do excesso no ser humano. Do lado de Bataille, destacamos a figura do excesso que atravessa o cosmos, a natureza e o íntimo do ser humano. Freud, por seu lado concebe, a psique humana empenhada em domar as forças das pulsões que nos assolam. Vejamos a seguir o que há de comum na reflexão dos dois autores em relação ao energético que habita o ser humano.

Ao voltarmos nosso olhar para as reflexões freudianas podemos destacar que a presença das pulsões no ser humano também sinaliza a existência desse quantitativo que nos habita. Na definição clássica de Freud as excitações pulsionais originam-se no interior do organismo e se caracterizam como força

16 Como sustentam inúmeros estudiosos de Freud, é por esses aspectos que não se deve destacar do *trieb* apenas aspectos biológicos e traduzi-lo por instinto - o que remeteria a forças e objetos predeterminados – pois, o termo alemão permite contemplar tanto o aspecto biológico como humano. Nesse sentido, vale aludir às observações tecidas por Luiz Hanns acerca da tradução do conceito para o português. Sob a perspectiva do autor, a palavra pulsão, em detrimento de instinto, contempla a carga de significados e patamares de circulação que Freud almejou atingir com o uso desse conceito, abarcando o biológico, o humano e o psíquico, sentidos irreduzíveis das pulsões: “Além de seu significado genérico, é também da pulsão em suas manifestações específicas, na clínica, na fisiologia, na psique, na biologia e na cultura, de que trata Freud nos diversos momentos. [...] É da posição de uma psique que se situa entre a biologia e a cultura que Freud irá sempre tratar” (HANNIS, 1999, p.42).

constante. Desse modo, as exigências pulsionais são forças que agem de dentro e são incontornáveis.

A quantidade e o impulsivo caracterizam o ser da pulsão e a definem como energia em movimento, o que implica força e intensidade, característica essencial da pulsão e manifesta sua natureza econômica:

Por isso mesmo, Freud pode enunciar sem hesitação que 'o caráter impulsivo é uma propriedade geral das pulsões e até mesmo a essência destas'. Vale dizer, o impulsivo definiria a essência da pulsão propriamente dita (BIRMAN, 2017, p.99).

É esse vetor energético que Freud insiste em destacar em sua concepção sobre a essência da pulsão, de modo que essa dimensão quantitativa é fundamental. As pulsões são forças contínuas que determinam um trabalho permanente para o psiquismo e é por isso que o aparelho psíquico tem por finalidade o domínio e o escoamento das excitações. O relevo dado à questão quantitativa se coaduna nas concepções de Freud com o funcionamento do aparelho psíquico que tem por função precípua regular as alterações quantitativas das pulsões, sua economia. Birman, em seu trabalho de introdução ao universo pulsional *As pulsões e seus destinos, do corporal ao psíquico*, destaca que:

[...] quando Freud enunciou que o psiquismo seria um aparelho e que este estaria voltado fundamentalmente para o domínio das excitações pulsionais, isso implicava uma concepção do psíquico no qual a sua dimensão intensiva seria básica. O registro intensivo do psiquismo se afirmava inscrito, assim, além do que se descrevia então no discurso de psicologia, pois colocava em papel de destaque e fundamental a dimensão econômica do aparelho psíquico (BIRMAN, 2017, p.93-94).

Uma vez que a excitação pulsional é para o organismo sempre perturbadora, o aparelho psíquico teria por função afastar ou eliminar todas as excitações que perturbam o equilíbrio do organismo com a finalidade última em

mantê-los em baixa intensidade ou em um estado de não excitação, de excitação zero. Consoante, Freud, no texto *Pulsões e destinos da Pulsão*:

[...] o sistema nervoso é um aparelho ao qual foi conferida a função de livrar-se dos estímulos que lhe chegam, de reduzi-los a um nível tão baixo quanto possível, ou, se fosse possível, de manter-se absolutamente livre de estímulos” (FREUD, 2004,v.1, p.147).

Se nos atentarmos para o caráter de pressão existente nas pulsões teremos um caminho para entender a possível convergência entre o excesso de Bataille e a pulsão freudiana. Assim, podemos apontar que a força sinaliza o excesso inerente ao universo pulsional, tal como a definição de pulsão detalhada por Freud no trabalho acima citado: “A pulsão, ao contrário, nunca age como força momentânea de impacto, mas sempre como força constante” (ibid., p.146). Sob essa perspectiva, a pulsão é um excesso de estimulação oriundo do interior do corpo que exerce uma tensão e procura a satisfação, a descarga. A pulsão é a manifestação de uma pressão que se origina de dentro do organismo, sendo que essa tensão é contínua e perturbadora, o que enseja a busca por seu escoamento adequado. Portanto, enquanto para Bataille a energia excedente é dispendida no gasto improdutivo, para Freud o excesso da pulsão é conduzido para a descarga energética, movimento em que a pulsão persegue o escoamento da energia excedente para que possa alcançar a satisfação.

Quando Freud afirma que o aparelho psíquico é elaborado a partir do ato reflexo isso significa que os estímulos externos, que acometem o organismo, são descarregados para fora via a ação reflexa. No entanto, no caso da estimulação pulsional que é interna ao organismo, a fuga é impossível, não se foge do estímulo endógeno. Daí que as pulsões exigem que o sistema nervoso dê conta do incremento contínuo e inevitável dos estímulos. E como destaca Birman:

Por se caracterizar pela força constante, a excitação pulsional provocaria uma perturbação também constante no aparelho nervoso, que teria que dispor de alguma outra modalidade de procedimento funcional para regulá-la (BIRMAN, 2017, p.79).

Nessa ótica, o simples ato reflexo já não dá conta de descarregar o quantitativo da pulsão, assim é necessário um arranjo mais complexo, o que se dá com a constituição do aparelho psíquico. Lemos em *Pulsões e destinos da Pulsão*:

Podemos então concluir que são as pulsões, e não os estímulos externos, os verdadeiros motores dos progressos que levaram o sistema nervoso, com sua capacidade de realizações ilimitadas, a seu nível atual de desenvolvimento (FREUD, 2004, v.1, p.147-148).

As pulsões constituem-se apoiadas no biológico, mas funcionam de maneira autônoma e necessitam de outros meios que não delineados pelo instinto animal para serem escoadas. É nesse sentido que o aparelho psíquico surgiu para dar conta de uma quantidade pulsional que não poderia ser eliminada pelos caminhos do puro reflexo, ou seja, foi necessário um mecanismo mais elaborado para lidar com as excitações endógenas: o aparelho psíquico. O movimento de passagem da constituição do aparelho nervoso para o aparelho psíquico se daria à medida que aquele não conseguisse mais dar conta de certos modos de excitação pulsional que são forças internas e constantes. Nesse sentido, Birman mostra que:

Não seria mais a descarga, tampouco a ação reflexa o que poderia regular o impacto perturbador da força constante. Necessário seria, então, constituir um aparelho psíquico para realizar essa tarefa (BIRMAN, 2017, p.93).

A pulsão é pura excitabilidade, é uma medida da exigência de trabalho imposta ao psiquismo. As intensidades pulsionais funcionam como uma demanda que faz o psiquismo propriamente trabalhar, tornando claro que é pelo trabalho de domínio das excitações que o psíquico se constitui e se produz. Cabe ao aparelho psíquico encontrar destinos adequados para o excesso pulsional, realizando a regulação do quantitativo no psiquismo, uma vez que agora a pura descarga reflexa não é possível. As observações de Fortes vêm a propósito:

Portanto, é necessário que o psiquismo trabalhe para que possa encontrar caminhos possíveis para o excesso pulsional. Trata-

se de um trabalho de descarga, de escoamento, de regulação, que visa conduzir a destinos psíquicos que viabilizem manejar a intensidade da estimulação e alcançar a satisfação (FORTES, 2010.p.08).

O aparelho psíquico surge com o objetivo principal de domínio dos estímulos configurando-se como um aparato de captura do excesso pulsional. Mediante o domínio dos estímulos, é possível amainar a pressão constante da pulsão. Esse domínio do pulsional é a principal função do aparelho psíquico frente ao impacto das intensidades pulsionais. Sob essa perspectiva, cabe ao psiquismo regular os excessos pulsionais que se não forem devidamente descarregados e que produzem incômodo, sofrimento e sintomas. Desde o início dos trabalhos de Freud, existe uma atenção especial pela regulação quantitativa do psiquismo, uma vez que o excesso de estímulo manifestado pelos pacientes é sempre da ordem de algo incômodo e perturbador que precisa ser eliminado. Em *À Guisa de Introdução ao Narcisismo*, de 1914, Freud é explícito ao mencionar:

Constatamos que ao nosso aparelho psíquico cabe sobretudo lidar com as excitações que, de outra forma, seriam sentidas como dolorosas ou provocariam efeitos patogênicos. Esse trabalho psíquico que o aparelho realiza presta um inestimável serviço ao escoamento interno de excitações que não podem sofrer remoção imediata para o exterior, ou cuja remoção imediata seria indesejável naquele momento (FREUD, 2004, v.1, p.106)

Como esclarece a passagem acima, o pulsional é responsável pelas excitações que exercem uma pressão constante, perturbando o organismo e motivando a exigência da descarga quantitativa ou elaboração psíquica¹⁷, o que ocorre mediante o domínio dos estímulos realizado pelo aparelho psíquico.

17 Consoante à definição de Laplanche e Pontalis (1988, p.196): “Expressão utilizada por Freud para designar, em diversos contextos, o trabalho realizado pelo aparelho psíquico com o fim de dominar as excitações que chegam até ele e cuja acumulação ameaça ser patogênica. Este trabalho consiste em integrar as excitações no psiquismo e em estabelecer entre elas conexões associativas

Existe uma similaridade entre o dispêndio em Bataille e o ponto de vista econômico em Freud? É possível pensarmos em uma similaridade à medida em que ambos os pensadores concebem uma espécie de princípio da perda energética como característica inerente aos organismos vivos, ocasionada pelo pulsional em Freud e o excesso em Bataille. Como antes problematizado, também em Bataille existe uma pressão que atua constantemente sobre os organismos vivos, fruto do excesso de energia, de modo que se torna imperativo para o organismo perder essa energia em constante crescimento sob a pena de sofrer constantes perturbações.

Para Bataille, seja de maneira coletiva ou individual, os seres humanos se encontram frequentemente empenhados em ações de dispêndio, eles são premidos de uma maneira ou de outra pelo princípio da matéria viva que sempre dispõe para o ser vivo energia em excesso. Não importa de que modo, o que é imperioso é sempre o princípio da perda que é uma imposição incontornável. Bataille o assinala em *A parte maldita*: “No conjunto dos casos, a energia em excesso alimenta o crescimento ou a turbulência dos indivíduos” (BATAILLE, 2013, p.50).

As intensidades energéticas postuladas por esses pensadores ensejam no ser humano uma diversidade de condutas mediadas pelo corpo e pela cultura que tentam, de alguma maneira, dar conta dessas quantidades. Conquanto essas quantidades abram espaço para vivência do prazer em Freud ou o movimento do abalo erótico em Bataille, essas vivências trazem em suas dobras um anseio por uma experiência regressiva da continuidade perdida e do ilimitado. Esses são os temas que trataremos em nosso próximo capítulo.

Observamos também que a questão sobre o mal voltará ao final do segundo capítulo, especialmente quando tivermos realizado a discussão sobre a pulsão de morte.

2- O erotismo e o pulsional

2.1 O erotismo

Em 1957, Bataille publica uma de suas obras mais conhecidas: *O erotismo*. Sobre esse trabalho Alexandrian afirma que é [...] “uma das mais belas meditações filosóficas sobre o tema [...]” (1999, p.355). Nesse livro são retomadas ideias importantes para o autor, como violência, excesso, sacrifício, morte, sagrado, dentre outras. Todas, porém relacionadas ao erotismo. Essa ênfase particular, no entanto, decorre de um conjunto de reflexões já estabelecidas pelo autor em obras e textos precedentes, destacando-se *A parte maldita*, sobre a qual nos debruçamos no capítulo anterior. Acerca dessa relação entre o livro em questão e os escritos anteriores, Schiebe observa:

O livro que ficou conhecido como *A parte maldita* era inicialmente apenas a primeira parte - “A consumação” - de uma trilogia. Na contracapa da edição de 1949 encontra-se o anúncio da segunda parte que deveria então se chamar “Da angústia sexual à infelicidade de Hiroshima”. Essa pode ser considerada a gênese de *O erotismo*, uma vez que Bataille logo abandona esse título e passa a redigir o também inacabado *História do erotismo*. O que importa é que a partir de então o conceito de erotismo (assim como o de soberania, que deveria ser o título da terceira parte) passa a ser explicitamente central na reflexão de Bataille (SCHIEBE, 2014, p.16).

A discussão anteriormente tecida sobre a noção de despesa e de excesso ancora-nos para que compreendamos mais verticalmente o erotismo em Bataille. Abordamos que o excesso impõe ao ser humano a exigência do gasto e do dispêndio improdutivo. Nesse sentido, veremos a seguir como o erotismo constitui um caminho privilegiado para adentrar as experiências de dispêndio do excesso.

Diante da necessidade de conter a agitação violenta da natureza, o homem criou o trabalho e o interdito. O erotismo surge desse acordo entre uma sexualidade contida, interdita e uma transgressão meditada: “O erotismo é a

dança, propriamente humana, que se dá entre estes dois polos: o do interdito e o da transgressão” (SCHIEBE, 2014, p.16). É também a atividade sexual do homem na medida em que ela se diferencia da atividade sexual dos animais, diferença que Bataille pontua com precisão. Nesse sentido, o autor enfatiza que o homem se humanizou pelo trabalho devido aos vestígios encontrados de suas ferramentas nos povos antigos. Tal processo durou milhares de anos e ocorreu entre o paleolítico inferior e o paleolítico médio, ao fim do qual o ser humano saiu da animalidade: “Ele saiu dela trabalhando, compreendendo que morria e deslizando da sexualidade sem vergonha à sexualidade envergonhada, de que o erotismo decorreu” (BATAILLE, 2014, p.55). Conjuntamente com o trabalho, os homens criaram as proibições que são os interditos postos diante da morte e da sexualidade desenfreada.

Inicialmente, o trabalho e a razão serviram de anteparo ao mundo da violência. Nesse processo, o ser humano identificou-se à ordenação criada pelo mundo do trabalho e se separou da violência que agia no sentido oposto. Sob a análise de Bataille, o trabalho instaurou um hiato no movimento da violência ao qual o homem estava submetido e, desde então, a sociedade, enquanto dedicada ao trabalho, opõe-se aos movimentos de excesso contagioso presente na sexualidade e na morte, ou seja, à violência: “Dessa forma, a coletividade humana, em parte consagrada ao trabalho, se define nos interditos, sem os quais ela não teria se tornado esse mundo do trabalho que ela é essencialmente” (ibid, pp.64-65). De acordo com sua análise, o trabalho instaura o espaço da identidade e do projeto, ele não é só o caminho da consciência com o qual o ser humano saiu da animalidade, mas é pelo trabalho que temos consciência clara dos objetos e tornamos nós mesmos em objeto. É essa instância que funda a humanidade e instaura o tempo homogêneo que é essencialmente ordem, comedimento e projeto. O passo seguinte foi o de excluir desse tempo homogêneo a vida sexual, o assassinato, a guerra, a festa e a morte, concebidos como momentos heterogêneos e ameaças graves ao tempo do trabalho.

Consoante Bataille, existe na natureza, e por consequência no ser humano em geral, um excesso que ultrapassa os limites e que nunca chega a ser reduzido totalmente, é essa marcha vertiginosa que o trabalho e o interdito buscam bloquear. Por conseguinte, a condição para o surgimento do mundo

calmo e equilibrado da razão é a constituição de uma barreira ao movimento tumultuoso da natureza, a saber, o interdito que: “[...]elimina a violência, e nossos movimentos de violência (entre os quais aqueles que correspondem à impulsão sexual) destroem em nós a calma ordenação sem a qual a consciência humana é inconcebível” (ibid., 2014, p.61). O ser humano surgiu à medida que negou sua animalidade, em que ocultou de si mesmo a violência e o excesso que lhe são inerentes.

Para Bataille, desde sua origem, os interditos obedeceram à urgência de recusar a violência presente no curso da natureza e no ser humano e o objeto principal das proibições é justamente tal violência, imanente à reprodução sexual e à morte. Depois que o processo de humanização se efetua, o homem já não se entrega sem reservas ao movimento ilimitado da natureza e interpõe a ele essa recusa. Os interditos ligados à morte e à sexualidade são, desse modo, uma recusa posta à dissipação sem fim da natureza que encontra seu canal mais expressivo nessas duas dimensões da existência. No que toca à experiência da morte, as interdições remontam aos homens pré-históricos, na medida em que o ato de morrer exerce um fascínio que perdura desde essas épocas remotas, por volta do fim do Paleolítico médio, consoante Bataille.

A morte exerce um fascínio sobre o ser humano na medida em que ela é a imagem daquela violência da qual escapamos com os interditos, mas para a qual estamos condenados inelutavelmente. Nas palavras de Bataille em *O Erotismo*:

Para cada um daqueles que fascina o cadáver é a imagem do seu destino. Ele testemunha uma violência que não apenas destrói um homem, mas que destruirá todos os homens. O interdito que se apossa dos outros à vista de um cadáver é o recuo em que rejeitam a violência, em que se separam da violência” (BATAILLE,2014, p.68).

A proibição do assassinato é uma parte específica de um interdito mais geral da violência. No início, a comunidade que afastou de si a violência pelo trabalho evitou o assassinio dos seus membros, visando assegurar a regularidade ao mundo do trabalho. Nesse sentido, o interdito age no interior da comunidade. Entretanto, há momentos em que, fora do tempo homogêneo, por

ocasião das festas e do sacrifício, a comunidade pode exercer a violência do assassinato dentro dela mesma ou na guerra contra outras comunidades. Para Bataille, o desejo de matar no ser humano é tão comum quanto o desejo sexual: “A frequência, através da história, dos massacres inúteis torna sensível o fato de que em todo homem existe um assassino em potencial” (ibid, p.95). Se a atividade sexual é interdita apenas em alguns casos específicos, ocorre o mesmo com o interdito do assassinato que apenas limita a licença para matar em determinadas situações:

Formula-se com uma simplicidade contundente: ‘Não matarás’. E é verdade que é universal, mas evidentemente fica subentendido: ‘salvo em caso de guerra e em outras condições que o corpo social mais ou menos previu’ (ibid., p. 95).

A atividade sexual da mesma maneira é uma violência que atrapalha o trabalho e dissolve a individualidade estável. Além disso, ela possui força o suficiente para desagregar o tecido social. Por isso, a liberdade sexual também teve que receber um limite pelo interdito, pois nada mais contrário à homogeneidade do mundo do trabalho e da razão do que os desregramentos da sexualidade. Para Bataille, os seres humanos, em toda sua historicidade e em todos os lugares, estão submetidos a uma conduta sexual regrada, sua condição é a de animal interdito diante da sexualidade. As restrições variam no tempo e nos lugares, mas a proibição que coíbe a liberdade sexual é universal. Bataille afirma, continuamente em seu trabalho *O Erotismo*, a dependência que o erotismo tem para com o interdito que cria um obstáculo para a livre sexualidade animal, mas ao mesmo tempo instaura o poder de sedução para o que é proibido, convidando a ultrapassá-lo. O interdito bloqueia a livre sexualidade original, mas, ao fazer isso, abre o espaço para a atração e chama a transgressão que instaura a vivência erótica ao adentrar o espaço do proibido em instantes de intensidade:

O erotismo nasceu do interdito, vive do interdito, e se não tivéssemos o interdito em nós mesmos, se não conservássemos esse sentimento de interdito no que tange o essencial do erotismo, não poderíamos ser eróticos no sentido em que falei, ou seja, num sentido que implica a violação [...] (BATAILLE, 2014, p.325).

Existe no erotismo uma força que o impulsiona a ultrapassar o interdito pela prática da transgressão que possibilita vivenciarmos a abertura para a continuidade e para a experiência do sagrado. Ela abre para o ser humano o caminho do excesso, conjuntamente, o sagrado e o erotismo são acontecimentos que inserem o homem em contato com a continuidade perdida.

Consoante Bataille, somente os seres humanos transformaram a atividade sexual em uma atividade erótica e, por conseguinte, em uma procura psicológica livre dos fins da natureza como a reprodução e o cuidado com a prole: “O erotismo do homem difere da sexualidade animal justamente por colocar em questão a vida interior. *O erotismo é, na consciência do homem, o que nele coloca o ser em questão*” (ibid., p.53; grifos do autor). O erotismo faz parte da vida interior do ser humano e, mesmo que ele estabeleça uma busca exterior pelo seu objeto, esse sempre é um reflexo da interioridade do desejo. O fenômeno erótico é resultado de um ser consciente de si que se problematiza e que tem consciência de sua finitude, da sua morte, daí a necessidade de ser abordado nos movimentos interiores da consciência. O autor considera o erotismo sob o aspecto da vida interior do homem, similar ao da vida religiosa. Moraes também destaca que: “Para Bataille o erotismo é, por excelência, uma experiência interior, na medida em que seu sentido último está em conduzir o sujeito a um estado de interioridade plena, onde o silêncio substitui o discurso [...]” (MORAES, 1995, p.26).

No entanto, Bataille acentua que o erotismo não deixa por isso de se atar aos aspectos da animalidade, visto que o sentido profundo da reprodução é a chave do erotismo, à medida que a reprodução coloca em jogo seres descontínuos. No pensamento do filósofo, continuidade e descontinuidade possuem significação essencial para a compreensão do fenômeno erótico. Os seres que se reproduzem e os reproduzidos possuem individualidades completamente distintas uma das outras, de modo que cada ser é diferente de todos os demais: “Ele só nasce. Ele só morre. Entre um ser e outro, há um abismo, uma descontinuidade” (BATAILLE, 2014, p.36). Para os seres descontínuos, a morte tem o sentido da continuidade do ser. Existe uma afinidade entre a continuidade dos seres e a morte e o erotismo aparece como um instante que se abre nesse

movimento do descontínuo ao contínuo: “[...] sem a noção de continuidade e descontinuidade a significação geral do erotismo e a unidade de suas formas nos escapariam” (ibid., p.40).

Na reprodução sexual surge a passagem da descontinuidade à continuidade, isto é, o espermatozoide e o óvulo são seres descontínuos que se unem e, em decorrência, abre-se uma continuidade entre eles para gerar um novo ser a partir da morte desses enquanto seres distintos: “O novo ser é, ele próprio, descontínuo, mas traz em si a passagem à continuidade, a fusão, mortal para cada um deles, dos dois seres distintos” (ibid., 2014, p.38). Na análise de Bataille, somos seres descontínuos e essa descontinuidade que há em nós determina nossa relação com o erotismo e com a nostalgia pela continuidade. Descontinuidade que só recupera a almejada continuidade na morte ou nos flertes transitórios das experiências do erotismo. Caracterizamo-nos por sermos singularidades que morrem isoladas, mas que possuem a nostalgia da continuidade perdida:

Somos seres descontínuos, indivíduos que morrem isoladamente numa aventura ininteligível, mas temos a nostalgia da continuidade perdida. Suportamos mal a situação que nos prende à individualidade fortuita, à individualidade perecível que somos. Ao mesmo tempo que temos o desejo angustiado da duração desse perecível, temos a obsessão de uma continuidade primeira, que nos religa geralmente ao ser (BATAILLE, 2014, p.39).

Sobretudo, a consciência da nossa finitude gera em nós a angústia da transitoriedade, tornando-se claro que sofremos por estarmos sujeitos à individualidade do acaso e condenados a uma singularidade passageira e perecível. Por isso, de acordo com Bataille, desejamos algo que nos revele o ser, que nos tire do isolamento e no lance para a continuidade profunda. Essa nostalgia terá consequências determinantes na maneira pela qual o ser humano encara o erotismo. Assim, nas três formas do erotismo - o erotismo dos corpos, o erotismo sagrado e o erotismo dos corações, o que se coloca é a mudança de um ser isolado em sua descontinuidade por um sentimento de continuidade profunda. O almejado mergulho na continuidade é se entregar ao movimento do excesso que busca o dispêndio de energia. O mesmo ocorre, como veremos

adiante com mais detalhes, em Freud com a pressão da carga energética das pulsões que impõe também a premência para a descarga.

Bataille destaca que a morte é o domínio maior que abre a continuidade inteira do ser com a qual a atividade erótica se irmana. A atividade erótica e a experiência do sacrifício¹⁸ possibilitam a entrada na continuidade do ser. Essas vivências nos inserem na desordem primordial e permite a evasão efêmera do nosso encarceramento na descontinuidade:

[...] sucede-se na atividade erótica um movimento de destruição da estrutura do ser fechado e decorre daí uma violência frente à unidade fixa da particularidade do ser, nos expondo que essa dissolução das formas compostas que está em jogo no erotismo está estritamente relacionada a um fascínio pela morte, que seria o ápice dessa dissolução no mais alto grau (BATAILLE, 2014, p.39)

A experiência do ser ocorre nesses instantes da paixão, momentos de flerte entre a vida e a morte em que se abre para os seres descontínuos as portas para a imersão no mundo da continuidade da qual fazem parte. É precipuamente na experiência erótica que se descortina essa relação de vida e morte. A violência surge nesse processo na medida em que o abalo erótico significa a desagregação intensa da individualidade estabelecida - nos flertes eróticos com a continuidade a individualidade se perde no movimento de dissolução de si ante uma força violenta. Nesse sentido, Bataille enuncia que:

Essencialmente, o domínio do erotismo é o domínio da violência. [...] se nos remetemos à significação que esses estados têm para nós, compreendemos que o arrancamento do ser à descontinuidade é sempre mais violento. O mais violento

18 Sobre o sacrifício, Bataille diz que: “No sacrifício, não há apenas desnudamento, há imolação da vítima (ou se o objeto do sacrifício não é um ser vivo, há, de qualquer maneira, destruição desse objeto). A vítima morre enquanto os assistentes participam de um elemento que sua morte revela. Esse elemento é o que podemos nomear, com os historiadores das religiões, o sagrado. O sagrado é justamente a continuidade do ser revelada aos que fixam sua atenção, num rito solene, sobre a morte de um ser descontínuo” (BATAILLE, 2014, p.45).

para nós é a morte que, precisamente, nos arranca à obstinação que temos de ver durar o ser descontínuo que somos (BATAILLE, 2014, p.40).

O erotismo carrega esse mistério de tocar o acesso à continuidade dos ser. Bataille aponta como o acesso à continuidade excessiva ocorre na atividade erótica: “A passagem do estado normal ao de desejo erótico supõe em nós a dissolução relativa do ser constituído na ordem descontínua” (ibid., p.41). Em todo ser humano há uma ferida que se abre no excesso e que, por sua vez, é signo do desejo de tocar o ser e de ultrapassar os muros da existência fechada e descontínua. Nesse sentido, as experiências da transgressão e da atividade erótica permitem esse contato com a continuidade perdida. O erotismo é a experiência em que, mesmo mantida sua descontinuidade, coloca o ser em jogo ao máximo para vivenciar os instantes de continuidade no qual as estruturas do sujeito são dissolvidas frente aos momentos de êxtase. O que se visa no erotismo é abalar os alicerces dos seres descontínuos até o limite, instantes em que a individualidade é perturbada e desordenada. Comumente, o orgasmo é denominado pelo filósofo de ‘pequena morte’. Nele, o dispêndio de energia é acentuado, embora a morte nesses momentos seja um caso extremo e a perda de energia é motivo de temor. O desfalecimento que se segue ao prazer guarda similitudes com o morrer e a excitação que antecede o orgasmo traz em si a sensação de perder pé e de soçobrar. Em verdade, somos atingidos por um desejo imenso de desfalecer e de atingir o limite do prazer diz Bataille:

Esse desejo de soçobrar, que fustiga intimamente cada ser humano, difere, entretanto, do desejo de morrer, por ser ambíguo: é o desejo de morrer, sem dúvida, mas ao mesmo tempo o desejo de viver, nos limites do possível e do impossível, com uma intensidade sempre maior (ibid., p.266).

Ora o que é essa intensidade de vida senão o livre fluxo do excesso em nós? O excesso manifesto no erotismo coaduna-se com a experiência da morte e inserem a desordem na estabilidade do ser descontínuo. O paroxismo, causado pela desordem sexual presente na pequena morte, torna clara essa

irmandade do intenso gozo sexual com a morte e indica ambas como momentos de desorganização e desestruturação do ser:

Há um excesso horrível do movimento que nos anima: o excesso ilumina o sentido do movimento. Mas, para nós, trata-se apenas um sinal pavoroso, incessantemente nos lembrando que a morte, ruptura dessa descontinuidade individual a que a angústia nos prende, se propõe a nós como uma verdade mais eminente que a vida (ibid., p.42).

O erotismo aloja-se fora do âmbito da normalidade e da ordem, situando-se no lado oposto, no espaço da violação, da dissolução da ordem estabelecida, da transgressão e ele destrói em nós a estrutura do ser fechado, nossa descontinuidade que nos isola dos outros. Nessa vertente, podemos dizer que existe em Bataille a ideia de desorganização das individualidades descontínuas exatamente no domínio do excesso, dado que o ser é excesso dele mesmo, continuum que não pode ser limitado em estruturas subjetivas. Impõe-se para o ser descontínuo ultrapassar seus limites lançando-se em uma procura incessante pela continuidade nos momentos da experiência do êxtase erótico e do contato com a morte, uma vez que a sexualidade permite que os seres descontínuos tenham, ainda que de modo efêmero, a experiência da continuidade perdida.

Como desenvolvemos antes, o excesso é da ordem daquilo que transborda a experiência meditada e ponderada do mundo do trabalho e do mundo ordenado. O excesso é a vivência de intensidade que encontra no erotismo seu momento de êxtase e de entrega. Nesses momentos, a individualidade ordenada se esvai e vive a experiência do êxtase erótico. Nessa direção, Moraes nos aponta que:

Bataille propõe que 'o sentido do erotismo é a fusão, a supressão de limites', inscrevendo a atividade erótica nos domínios da violência. À fusão dos corpos corresponde a violação das identidades: dissolução de formas constituídas, destruição da ordem descontínua das individualidades. Na experiência do amor, objetos distintos se fundem e se confundem até chegar a um estado de ambivalência no qual o sentido de tempo de

duração individual- amplia sua significação. A passagem da vida é, então, testada no seu termo final: 'o sentido último do erotismo é a morte', conclui o autor de *L'erotisme* (MORAES, 2012, p.51).

Como sugere a comentadora, o erotismo é o instante pelo qual nos perdemos no movimento do excessivo que perturba as formas, o mundo constituído e a consciência de si. No pensamento de Bataille o erotismo sempre manifesta uma face de violência, uma vez que a mudança da identidade estável para o estado de desejo sexual instaura no ser humano a dissolução do ser estável na continuidade, na solvência da individualidade. A ação erótica arrebatava o ser humano e destrói o acabamento do ser fechado, introduzindo com o desejo um fascínio pela morte: "O que está em jogo no erotismo é sempre uma dissolução das formas constituídas" (BATAILLE, 2014, p.42).

É relevante observar que o arrebatamento e a dissolução já se iniciam no instante da nudez. A nudez é um caminho importante de acesso à experiência erótica, pois ela nos mostra o processo de desapossamento de si e o fascínio que o corpo nu, mais próximo de sua animalidade, exerce sobre o ser humano. O erotismo nos instantes da nudez nos revela sua ligação com a animalidade oculta, o fascínio da nudez é acompanhado pela angústia da sua ligação com a animalidade elidida pelos interditos. Vejamos essa questão com mais detalhes.

Alexandrian (1999, p.359) lembra que "Georges Bataille, filósofo da despesa e da transgressão, desenvolveu em todos os seus livros uma extraordinária ontologia da nudez". Em Bataille, a nudez não aparece como a manifestação da plenitude do estado natural, mas sim como um dilaceramento do ser. A nudez revela o inacabamento do ser humano e possibilita a abertura para a comunicação entre seres descontínuos, dissolvendo a ilusão da individualidade perfeita, isolada e fechada em si mesma. Sentimos, diante da nudez, um sentimento sagrado em que o deslumbramento se mistura ao temor. A nudez é erótica e angustiante, frente a ela o indivíduo desloca-se para o liame entre a identidade formada no espaço social e a volúpia do corpo que o arranca desta representação para lançá-lo na turbulência do desejo. Elide-se o sujeito constituído na ordem descontínua e entra em ação o corpo que convulsiona. Nas

palavras de Bataille: “A nudez arruína a decência que nos damos com nossas roupas. Mas, uma vez na via da desordem voluptuosa, não nos satisfazemos com pouco” (BATAILLE, 2014, p.197). A nudez é o início da entrega para o movimento do excesso. Ao se despir, o ser humano abre mão da sua individualidade bem constituída e paulatinamente se insere no movimento de dissolução das formas estabelecidas do mundo ordenado. Ela inicia o contato com e a aceitação da animalidade escondida ao revelar aos olhos dos amantes as partes sexuais antes escondidas, a carne em seu aspecto direto e cru.

Deste modo, pelo caminho da desordem voluptuosa posto pela nudez, queremos ir além, almejamos a convulsão do corpo até o seu limite, até o momento da efusão em que desfalecemos. Desse modo, entregamo-nos inteiramente na descarga do excesso que busca se efetivar, daí a sensação de apaziguamento temporário, a calma que sucede a tempestade. É importante destacar que essas passagens do descontínuo ao contínuo, esses vislumbres da continuidade nos movimentos da nudez e da paixão, esses contatos fugidios com a face da morte são momentos de violência justamente por lançar-nos fora da estabilidade bem construída das nossas identidades. E mais que isso, no excesso erótico é o próprio corpo que convulsiona e se perde.

Enfatizamos acima o modo pelo qual, para o autor, a vivência erótica em seu conjunto significa infração à regra dos interditos e embora essa vivência se inicie como negação da animalidade não deixa de ser seu fundamento. A experiência erótica é o movimento de entrega à animalidade negada, ainda que a volta a ela jamais se realize por completo. Mas, podemos considerar que o erotismo se constitui pela vivência da força contida na animalidade que é puro excesso e que convulsiona o corpo até o limite. De pouco adianta a humanidade se desviar dessa verdade animal com horror, pois com o erotismo essa animalidade é mantida. Como afirma Bataille: “Se há interdito, é, a meus olhos, de alguma violência elementar. Essa violência é dada na carne: na carne, que designa o jogo dos órgãos reprodutores” (ibid., p.117). No entanto, o erotismo nunca é uma volta para a pura animalidade primeira, ele nos abre para o vislumbre dessa, mas sua vivência já é a de um ser humano que se pensa e tem consciência de si e de sua interioridade, o que o aparta da condição meramente animal. De todo modo, no erotismo vivenciamos a experiência de uma violência

desmedida, da convulsão da carne que é signo do excesso presente no corpo. Na convulsão erótica os órgãos pletóricos se colocam em jogo para além da vontade dos amantes:

Uma violência que a razão não controla mais, anima esses órgãos, tenciona-os até a explosão e, de repente, é a alegria dos corações de ceder ao excesso da tempestade. O movimento da carne excede um limite na ausência da vontade. A carne é em nós esse excesso que se opõe à lei da decência (ibid., p.116).

O movimento dos órgãos genitais é um movimento animal que é em nós a origem da crise. As intumescências dos órgãos tumultuam um ordenamento que visa manter a eficácia: “O ser, em verdade, se divide, sua unidade se rompe desde o primeiro instante da crise sexual. Neste momento, a crise pletórica da carne se choca contra a resistência do espírito” (ibid., p.130). Dessa forma, não há acordo, a convulsão da carne exige que o espírito se cale:

A pleura dos órgãos leva a esse desencadeamento de mecanismos estranhos ao ordenamento habitual das condutas humanas. Um inchaço de sangue abala o equilíbrio sobre o qual a vida se fundava. Uma fúria bruscamente se apossa de um ser (ibid., p.130).

Essa crise possui por fundamento o excesso, ou seja, aqui também se trata de uma quantidade de energia que coloca em atividade os órgãos sexuais. Comumente sobrevive-se a esse excesso, só em raros momentos a crise sexual leva à morte, mas essa não deixa de estar intimamente ligada, uma vez que ao gozo sempre se segue a pequena morte:

Se a reprodução dos seres sexuados não leva a morte imediatamente, leva a ela a longo prazo. A superabundância tem por consequência inevitável a morte, só a estagnação assegura a manutenção da descontinuidade dos seres (de seu isolamento). Essa descontinuidade é um desafio ao movimento que fatalmente derrubará essas barreiras que separam os

indivíduos distintos uns dos outros. A vida – o movimento da vida – exige talvez por um instante essas barreiras, sem as quais nenhuma organização complexa seria possível, nenhuma organização eficaz. Mas a vida é movimento, e nada no movimento está ao abrigo do movimento (ibid.,p.125).

Esse acontecimento da vida no qual a sexualidade se liga à morte é uma experiência que põe o ser em questão: “É a crise do ser: o ser tem a experiência interior do ser na crise que o põe à prova, é a colocação em jogo do ser na passagem que vai da continuidade à descontinuidade, ou da descontinuidade à continuidade” (BATAILLE, 2014, p.125). A reprodução abala, no plano da interioridade, o sentimento de si, do ser e dos limites do ser isolado. De modo que para Bataille: “Os outros na sexualidade, não cessam de oferecer possibilidade de continuidade, os outros não cessam de ameaçar, de provocar um rasgão no vestido sem costura da descontinuidade individual” (ibid., p.127). Desde o início, o erotismo manifesta um abalo causado pela desordem sexual, ele estremece as bases de um ordenamento que representa uma realidade comedida e calculada, uma realidade fechada. Contrariamente à realidade animal que não opõe nenhuma resistência à desordem pletórica, no ser humano, a violência sexual abre uma ferida. Essa chaga, fissura presente na atividade erótica, é inerente à sensualidade humana e fonte de prazer. Consoante Bataille, essa chaga jamais se fecha:

E sem uma constante atenção, que a angústia funda, ela não pode permanecer fechada. A angústia elementar ligada à desordem sexual é significativa da morte. A violência dessa desordem, quando o ser que a experimenta tem o conhecimento da morte, reabre nele o abismo que a morte lhe revelou. A associação da violência da morte e da violência sexual tem esse duplo sentido (ibid., p.129).

Bataille destaca que a violência sexual abala por um tempo o edifício da vida. Decerto, a barreira assim ultrapassada não é a morte ainda, contudo, no momento da volúpia, abre-se uma brecha menor evocadora da morte. De um

lado, o flerte com a morte serve a ativação dos movimentos voluptuosos, de outro, um sentimento de transgressão que ameaça a estabilidade da vida, mas a transgressão é necessária para o livre desencadeamento das forças contidas: “Acontece que, sem a evidência de uma transgressão, não experimentamos mais esse sentimento de liberdade que a plenitude sexual exige” (BATAILLE, 2014, p.131).

Vivenciar o excesso erótico é abrir-se para a experiência do dispêndio à medida que é imperioso ceder ao excesso que acomete o ser humano. É necessário transgredir as barreiras do interdito para adentrar as experiências de dispêndio erótico que abre para a continuidade.

Buscamos a continuidade em relação a qual afirma Bataille: “[...] só a violência, uma violência insensata, que quebra os limites de um mundo redutível à razão, nos abre à continuidade” (ibid., p.164). Estabelecemos os limites com os interditos e, uma vez definidos, saímos deles. Desse modo, é impossível não sair dos limites, é impossível não morrer. Destarte, morrer e sair dos limites são faces de um mesmo movimento.

Procuramos explicitar aqui o modo pelo qual o erotismo, em seu movimento tumultuoso do gozo, revela a realidade do excesso, da morte e da violência. Bataille concebe que existe uma energia inerente ao ser humano que é sentida como uma maldição, como uma ferida aberta, que não se esmaece e não se limita nas experiências úteis da sociedade voltada para o trabalho e para o acúmulo de bens e riquezas. Essa parte maldita do ser humano, por ser quantidade, perturba o equilíbrio e lança o homem na procura por gastos inúteis e dispendiosos. Desse modo, o erotismo possibilita o dispêndio inútil e tem o potencial de propiciar um vislumbre no qual presenciamos e vivenciamos a continuidade do ser, momento em que a individualidade desfalece e se esvai. Mas, nas dobras do gozo também tangenciamos a verdade da morte que abre para os seres descontínuos a verdade da continuidade do ser, por isso as experiências excessivas sempre se mesclam ao horror da dissolução e a angústia ligada à possibilidade de aniquilamento.

Desse modo, o excesso é a parte maldita do ser humano, uma vez que representa o quantitativo que não cessa jamais. Lembremos que, para Bataille,

o excesso é a energia presente na natureza e no ser humano que ultrapassa o âmbito das necessidades. Conquanto a uma parte dessa energia seja, de fato, canalizada para o crescimento do organismo, esse crescimento não é contínuo, dado que existe um limite, daí a necessidade do dispêndio. Surge, então, o imperativo do gasto que é efetivado nas atividades eróticas, mas também nas festas, sacrifícios, risos, ou seja, todas aquelas atividades não voltadas para o acúmulo. Não parece ser outra coisa o que vimos sob a letra de Freud, a concepção do aparelho psíquico freudiano também considera a presença de uma intensidade pulsional que busca continuamente a descarga energética, principalmente no ato sexual, no qual encontra sua forma de escoamento mais intensa. Também, o acúmulo pulsional é incômodo para o organismo e não pode ser obstaculizado de forma contínua. De um modo ou de outro a descarga pulsional deve se efetivar, sob pena de perturbar o bom funcionamento do organismo. Logo, ambos os pensadores pensam o ser humano premido por uma força interna incoercível que não se doma facilmente. Força essa que exige do homem que tenha sempre estratégias para domar essa quantidade ou caminhos para experienciá-la da forma mais segura possível, pois entregar-se ao excesso sem limites é desestruturar a individualidade perigosamente.

A seguir, nos deteremos sobre o texto de Sigmund Freud, *Além do princípio do prazer* (1920), que destaca o princípio energético no ser humano sob a égide do universo pulsional. Ao acompanharmos a elaboração do novo dualismo das pulsões, veremos seu caráter quantitativo e como, no segundo dualismo pulsional, o vetor do excesso e da morte se fazem presentes. Desse modo, teremos colocado em perspectiva como, em ambos os pensadores, o excesso se faz presente no ser humano. A partir disso, passaremos a discutir as consequências desse quantitativo que nos habita tanto em Freud quanto em Bataille. Desse modo, pretendemos abordar como para esses autores é preciso que o ser humano crie barreiras para conter o excesso que os constitui, no entanto, como já destacamos, o excesso e o pulsional são indomáveis, de modo que essas barreiras impostas a eles serão prenes de consequências, como veremos à frente.

2.2- A pulsão de morte

Além do princípio do prazer é um importantíssimo texto, datado de 1920, com o qual convencionou-se representar o início da segunda tópica freudiana, os dois grandes tipos de pulsões, as de vida e as de morte, são postulados regendo a dinâmica do organismo. Essa será, doravante, a nossa direção privilegiada, visto que ela nos conduz para uma abordagem mais verticalizada sobre o quantitativo na obra de Freud. Ao investigarmos a instauração da pulsão de morte, ainda estamos nas pegadas da concepção quantitativa inscrita nos primeiros escritos freudianos e que adquire, neste texto, lugar privilegiado.

Mediante a concepção da pulsão de morte, Freud rearticula um novo dualismo pulsional, modificando a antiga dualidade baseada nas pulsões sexuais e pulsões do Eu. Com a introdução do conceito de narcisismo, em 1914, o primeiro dualismo pulsional ficara já ameaçado. Porquanto, com a instauração desse conceito, o Eu passa a ser investido pela libido sexual, colocando em dúvida a divisão em pulsões do Eu e as pulsões sexuais. Ou seja, na medida em que o Eu é objeto de investimento da libido - que é sexual - o dualismo pulsional torna-se passível de equacionamento em uma energia única, tal como defendia o monismo junguiano¹⁹. Entretanto, é importante frisar que, para Freud, não se tratava de manter um dualismo renitente, mas também de assegurar um princípio distinto da libido que desse conta dos fenômenos da agressividade, da culpabilidade, do ódio e da repetição (MANNONI, 1968).

Ao iniciar o texto de 1920, Freud retoma a hipótese do princípio de prazer que, em sua teoria do funcionamento mental, indica uma tendência de redução das tensões nos organismos, as quais são sentidas como desagradáveis. O conseqüente escoamento dessas tensões é um modo de evitar o desprazer ou

19 Freud relata e analisa estas divergências em torno da libido em sua obra *A História do Movimento Psicanalítico* (1914) que, além de apresentar as hipóteses e desenvolvimentos básicos da psicanálise, acentua a diferença entre a sua “Psicanálise” e a de seus ex-discípulos Adler e Jung que, após a dissidência com o mestre, nomearão suas teorias respectivamente como “Psicologia Individual” e “Psicologia Analítica” (STRACHEY, 2006, v.XIV, pp. 15-16).

produzir prazer. Desse modo, o desprazer sinaliza o aumento quantitativo no aparelho psíquico e o prazer é o efeito secundário do escoamento e diminuição dessa quantidade. O autor pressupõe que o funcionamento da mente é regulado por uma tendência que busca eliminar as tensões do organismo e, se tal objetivo não é alcançado, busca-se ao menos diminuí-las ao mínimo para em prol de sua sobrevivência.

A hipótese do domínio do princípio de prazer na vida mental se assenta, pois na ideia de que o aparelho mental se esforça por manter a quantidade de excitação nele presente no nível mais baixo possível ou próxima a um nível constante. A essa tendência Freud deu o nome de “princípio de constância” que passa a ter uma formulação mais explícita somente no trabalho de 1920, ainda que essa noção já apareça em germen nas teorizações feitas em conjunto com Breuer nos anos de 1892-1895. Portanto, o aparelho psíquico, quando regido pelo princípio de constância, toma por função primordial o livre escoamento de energia (que é no fundo pulsional), próprio dos processos psíquicos primários (por exemplo, os sonhos), permitindo a ocorrência dos processos psíquicos secundários nos quais a energia está ligada, como ocorre nos processos de pensamento²⁰.

Contudo, Freud acentua que nada seria mais falso do que pressupor a total hegemonia do princípio de prazer no funcionamento dos processos mentais. Assinala ele, em *Além do princípio de prazer*, que:

20 Quanto aos dois modos de funcionamento do aparelho psíquico, tais como foram definidos por Freud, podemos distingui-los radicalmente: a) do ponto de vista tóxico: o processo primário caracteriza o sistema inconsciente e o processo secundário caracteriza o sistema pré-consciente-consciente; b) do ponto de vista econômico-dinâmico: no caso do processo primário, a energia psíquica escoar-se livremente, passando sem barreiras de uma representação para outra segundo mecanismos de deslocamento e de condensação; tende a reinvestir plenamente as rerepresentações ligadas às vivências de satisfação constitutivas do desejo (alucinação primitiva). No caso do processo secundário, a energia começa por estar “ligada” antes de se escoar de forma controlada; as representações são investidas de uma maneira mais estável e a satisfação é adiada, permitindo assim experiências mentais que põem à prova os diferentes caminhos possíveis de satisfação. A oposição entre processo primário e processo secundário é correlativa da oposição entre princípio de prazer e princípio de realidade. (LAPLANCHE & PONTALIS, 1988, p.475).

Por outro lado, em rigor, seria incorreto falar de um domínio do princípio de prazer sobre o curso dos processos psíquicos. Se esse domínio existisse, a imensa maioria de nossos processos psíquicos deveria ser acompanhada de prazer ou conduzir-nos ao prazer; entretanto, a experiência mais comum está em flagrante contradição com essa conclusão. Portanto, somos obrigados a admitir que existe na psique uma forte tendência ao princípio de prazer, mas que certas forças ou circunstâncias se opõem a essa tendência, de modo que o resultado final nem sempre poderá corresponder à tendência ao prazer (FREUD, 2006, v.2, p.137).

Sob essa perspectiva, o princípio de prazer consiste numa tendência, ou seja, é algo que pode ou não atingir seu objetivo dependendo das condições de sua execução. No entanto, existem circunstâncias em que o funcionamento do princípio de prazer deve ser suspenso em obediência ao princípio de realidade. Isso não implica, contudo, a renúncia ao objetivo de alcançar o prazer. Na verdade, ante as forças que se lhe opõem, ele apenas envereda por um périplo que leva ao adiamento da satisfação instantânea e à concomitante abdicção das possibilidades de efetivação por um caminho mais curto, impondo até mesmo uma aceitação temporária do desprazer.

Freud já postulara em *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico* (1911), bem como em *A interpretação dos sonhos*, a diferença entre os dois princípios que regulam o funcionamento do aparelho psíquico, o princípio do prazer e o princípio de realidade. No texto de 1911, lemos que os processos psíquicos inconscientes são os:

[...] mais antigos e primários, remanescentes de uma fase de desenvolvimento na qual eram os únicos existentes. É fácil distinguir a tendência dominante à qual esses processos primários obedecem: denomina-se princípio do prazer e tais processos aspiram à obtenção de prazer (FREUD, S., 2004, v.1, p.65).

Contudo no processo primário, o pensado e o desejado manifestam-se de forma alucinatória, de modo que ao não ocorrer a satisfação buscada e uma

consequente frustração, ocorre o abandono da tentativa de satisfação pela via alucinatória. Freud desenvolve que: “Em vez de alucinar, o aparelho psíquico teve então de se decidir por conceber as circunstâncias reais presentes no mundo externo e passou a almejar uma modificação real deste” (idem, 66). Desse modo, é introduzido um novo princípio de atividade psíquica: o princípio de realidade que corresponde ao processo secundário pertencente ao sistema pré-consciente que funcionará em paralelo com o processo primário que vige o princípio de prazer e caracteriza o sistema inconsciente. O processo secundário não nega o princípio do prazer, ele apenas funciona como a prorrogação desse na medida em que agora deve considerar em sua busca por satisfação pulsional as demandas da realidade.

Considerando-se que o princípio de prazer liga-se a um modo de funcionamento do aparelho psíquico denominado primário, ele se torna ineficaz e perigoso diante da necessidade de o organismo fixar-se ao ambiente e relacionar-se com o mundo externo. Desse modo, as pulsões de autoconservação do Eu obtêm a seu favor o fato de que, com o passar do tempo, o princípio de realidade prevalece sobre o princípio de prazer. Notadamente, o primeiro visa obedecer aos ditames do real, ainda que não imponha nenhum obstáculo insuperável ao segundo, representando, antes, uma prorrogação da sua efetivação.

Explicitadas as bases dos modos de funcionamento da vida mental, lembremos que nosso propósito com essa incursão consiste em acompanhar como Freud elabora um novo dualismo pulsional em que a presença do quantitativo joga um papel importante para nossa discussão. Passemos ao texto.

Freud, no início do *Além do princípio de prazer*, objetiva encontrar a razão de ser de certos fenômenos que não se encaixam nos domínios do princípio de prazer e não estão subsumidos ao princípio de realidade. Nesses fenômenos, a ligação entre o prazer e a descarga energética falha. Os fatos descritos nos capítulos iniciais deste texto, e que parecem não obedecer à consecução do prazer, são as neuroses traumáticas acompanhadas de sonhos angustiantes e repetitivos, as peculiaridades dos jogos infantis e o fenômeno da transferência durante a análise dos pacientes neuróticos. É a partir do solo desses fatos que Freud, aos poucos, levanta a hipótese da repetição que, como veremos adiante,

abre a senda para inferir uma nova característica do universo pulsional. Insistimos, isso nos levará a uma concepção do pulsional em que o quantitativo tem um papel principal. Iniciamos pelo caso da brincadeira infantil. Acompanhamos, no texto em questão, o relato freudiano sobre um caso dessa natureza, no qual Freud observa uma criança que apresenta o costume de lançar objetos para longe e posteriormente recolhê-los, brincar enigmático e repetido inúmeras vezes, destaca Freud. De acordo com seu relato, a criança lançava seus brinquedos para longe de si para que desaparecessem de sua visão, ao mesmo tempo pronunciava o-o-o que consoante o julgamento da mãe da criança significava 'fort' e queria dizer 'desapareceu', quando os encontrava novamente, ou puxava por um cordão atado ao carretel comemorava seu reaparecer com um alegre 'da' (está aí). Essa era a brincadeira completa: desaparecimento e retorno. Brincadeira, sob a perspectiva do autor, diretamente relacionada à encenação da partida e do retorno da mãe do pequeno. Esse jogo representa, insiste Freud, "[...] uma grande aquisição cultural dessa criança: a renúncia pulsional que ela conseguiu efetuar (renúncia à satisfação pulsional), por permitir a partida da mãe sem manifestar oposição" (FREUD, 2006, v.2, p.142). Decerto, o que interessa ao investigador nesse episódio é a necessidade de ajustar o princípio de prazer com a observação da criança que repete, no seu brincar, uma experiência de dor, ou seja, a partida da mãe. Assim, com essa ação repetitiva, entra em cena, para o pequeno indivíduo, a reprodução de experiências cuja repetição podem não estar em consonância com o princípio do prazer.

Outra experiência a qual Freud se atém consiste na repetição compulsiva²¹, detectada no decorrer do tratamento analítico:

21 Ainda que tenha somente dado um tratamento teórico ao conceito de repetição, no texto de 1914, *Recordar, repetir, elaborar* (1914), Freud considerou desde o início de seus trabalhos – como se pode verificar na *Comunicação Preliminar*, de 1893 – a correlação entre as ideias de compulsão e repetição, de modo que essa se manifestaria em processos inconscientes e indomáveis que obrigariam o indivíduo a reproduzir vivências, atos e pensamentos de forma dolorosa (cf. ROUDINESCO e PLON, 1998). Freud assinala o traço intrínseco da repetição e seu caráter pulsional que, ao se manifestar no curso da terapia, indica a presença de forças pulsionais novas e mais profundas que até então ainda não haviam se manifestado.

O fato novo e impressionante que iremos descrever em seguida é que a compulsão à repetição também faz retornar certas experiências do passado que não incluem nenhuma possibilidade de prazer e que, de fato, em nenhum momento teriam proporcionado satisfações prazerosas, nem mesmo para moções pulsionais recalçadas naquela ocasião do passado (FREUD, 2006, v.2, pp 145-146).

Freud refere-se às experiências com conteúdo afetivo doloroso, vividas na infância e relacionadas à situação edipiana. Em geral, essas experiências foram recalçadas para o inconsciente permanecendo em estado de latência. Mediante o processo analítico, tais acontecimentos são compulsivamente repetidos, o que finda por obstaculizar o desenvolvimento da análise e da cura, uma vez que a repetição impede a elaboração da lembrança ao atuar como artifício de resistência e defesa. No processo de análise, nas situações em que o paciente neurótico apresenta o fenômeno da repetição, o material reprimido repete-se como se fosse algo contemporâneo e não enquanto uma vivência passada. O autor considera que esse fenômeno possa ser um índice de algo a mais no funcionamento mental, de que existe na vida psíquica uma compulsão à repetição que ultrapassa o princípio de prazer, uma vez que são rememoradas experiências predominantemente dolorosas. O quadro que se desenha revela a repetição em oposição ao princípio de prazer, ou seja, temos uma recorrência da dor que é inconciliável com esse. Nos termos do autor:

Ao levarmos em conta essas observações a respeito da transferência e a fatalidade presente no destino de tantos seres humanos, vemo-nos encorajados a assumir a hipótese de que realmente existe na vida psíquica uma compulsão à repetição que ultrapassa o princípio de prazer. Estaremos também inclinados a relacionar essa compulsão aos sonhos que ocorrem na neurose traumática, bem como ao impulso da criança para a brincadeira (ibid., p.148).

Ademais, Freud sugere que a compulsão à repetição encontrada nos neuróticos aparece na vida das pessoas que jamais apresentaram indícios de

conflitos psíquicos sob a forma da neurose de destino²². Esses sujeitos parecem submetidos sempre as mesmas fatalidades e aos mesmos desenlaces nas ocorrências de suas vivências em um constante retorno do mesmo:

Os mesmos fenômenos de transferência que a psicanálise revela nos neuróticos podem ser encontrados também na vida dos não-neuróticos. Muitas pessoas nos passam a impressão de estarem sendo, por assim dizer, perseguidas por um destino maligno, isto é, de haver algo de demoníaco em suas vidas. Desde o início a psicanálise considerou que esse destino fatal era quase que inteiramente preparado por elas mesmas e determinado por influências infantis precoces (ibid., p. 145).

Nesse quadro que delineamos, a repetição se torna algo problemático na medida em que ela não remete às experiências agradáveis, ou seja, trata-se de repetir algo que nada tem a ver com o princípio de prazer. Certamente, nenhum desses casos apreendidos separadamente autoriza Freud a concluir a existência de um funcionamento psíquico contrário ao princípio de prazer, aspecto que ele ressalta claramente. Contudo, as experiências acima mencionadas parecem sugerir que existe na mente humana uma compulsão à repetição, cuja natureza independe do domínio do prazer. Nessa direção, Monzani ressalta que, tomada isoladamente, cada experiência específica não autoriza de fato nenhuma conclusão. Entretanto, ao serem tomadas numa série, ou seja, uma série composta pelas neuroses traumáticas, pelos jogos infantis e pelo fenômeno da transferência nos pacientes neuróticos elas adquirem valor confirmativo: “É só o encadeamento numa série, repetimos, que pode nos indicar essa 'outra coisa'” (MONZANI, 1989, p.156).

Qual seria essa outra coisa aludida pelo comentador? Ora, o caminho em torno da série indica a possibilidade de se assumir a hipótese de um além do princípio de prazer. Isso significa que ao tomarmos as neuroses traumáticas, as

22“Designa uma forma de existência caracterizada pelo retorno periódico de encadeamentos idênticos de acontecimentos, geralmente infelizes, encadeamento a que o indivíduo parece estar submetido como a uma fatalidade exterior, quando, segundo a psicanálise, convém procurar as suas causas no inconsciente, e especificamente na compulsão à repetição” (LAPLANCHE e PONTALIS, 1988, p.389).

brincadeiras infantis e os seus jogos, mais a insistência dos neuróticos em repetir situações dolorosas, estabelece-se entre o conjunto desses casos uma relação que aponta uma atividade que não busca diretamente o prazer. Freud enuncia que: “Na transferência, todas essas ocasiões indesejadas e as situações afetivas dolorosas são repetidas e revividas pelo neurótico com especial habilidade” (FREUD, 2006, v.2, p.146). Ou seja, durante a análise, essas experiências dolorosas são repetidas continuamente sob a pressão de uma compulsão e na vida prática de pessoas que parecem submetidas sempre as mesmas fatalidades e aos mesmos desenlaces no decorrer de suas vivências

Essa alusão ao movimento argumentativo de Freud basicamente nos mostrou que existem indícios que apontariam para a existência de um funcionamento mental que não obedece aos ditames do princípio de prazer. Entretanto, o autor ratifica que as situações até aqui elencadas não são ainda suficientes para afirmar insuspeitadamente a hipótese de uma compulsão à repetição. O autor observará, inclusive, que, entre os fenômenos estudados, apenas a análise das neuroses traumáticas oferece de fato certa garantia para justificar a hipótese da compulsão à repetição: “E penso que o caso menos duvidoso de todos é talvez o dos sonhos traumáticos [...]” (FREUD, 2006, v.2, p.148). Seus argumentos sustentam que os pacientes tomados por esse tipo de neurose manifestam sonhos que podem ser entendidos como frutos de uma propensão originária e independente do princípio do prazer. Eles obedeceriam a uma compulsão à repetição, presente na recorrência dos sonhos dolorosos e desagradáveis dos neuróticos. Freud procura, então, desvelar como realmente opera essa compulsão à repetição e qual sua relação com o princípio de prazer: “Esta nos parece ser mais arcaica, mais elementar e mais pulsional do que o princípio de prazer, o qual ela suplanta” (ibid, p.148). Daí que essa relação passará a ser investigada a partir das neuroses traumáticas e da análise do modo pelo qual o aparelho psíquico reage diante da invasão de excitações intensas.

Notemos, uma vez mais, que estamos trilhando o caminho do segundo dualismo pulsional que será estabelecido por Freud como portador de uma intensa carga energética. É importante destacar que, nessa trilha, o trauma também é um elemento importante, pois ele sinaliza a presença de um excesso

que é incontornável e mobiliza constantemente o aparelho psíquico. Tal como o excesso em Bataille, o trauma sinaliza a presença de um excesso energético dificilmente simbolizável ou tratado pelos caminhos habituais do psiquismo. Nesse sentido, é importante destacar que a noção de trauma passará por um novo remanejamento teórico, agora sob a influência das neuroses de guerra. Vale esclarecer que tais neuroses surgiram nos anos das entreguerras e despertaram o interesse de toda a comunidade psicanalítica. Nessa senda, Freud, que também se volta para esse fenômeno, assume que as neuroses traumáticas eram diferentes da sua já estabelecida teoria das neuroses que abarcava os fenômenos da histeria, fobias e neuroses obsessivas. Misteriosas, essa nova forma de manifestação neurótica não se explicava pela etiologia estabelecida para as neuroses por ele estudadas anteriormente, ou seja, não pareciam determinadas nem por conteúdo da infância e nem por conteúdos sexuais. Elas tinham por causa um choque violento ou um acidente que desencadeava no paciente uma incessante repetição do incidente que ocorrera e que não se deixava transformar em passado. Nesse sentido, Laplanche aponta para essa diferença significativa das duas concepções de trauma: "[...] a teoria traumática na neurose estabelece um traumatismo sexual, enquanto a neurose traumática decorre de um acidente, um choque violento de sentido não sexual (LAPLANCHE, 1989,p.196). Assim, as vivências traumáticas eram inassimiláveis pelos indivíduos e ressurgiam em suas vidas repetidamente como um acontecimento atual e presente.

Para explicar a ressurgência do traumático, Freud recorre as suas especulações acerca do funcionamento do aparelho psíquico e suas funções. Ou seja, diante da ocorrência dos fenômenos repetitivos, indaga quais seriam a função e o objetivo do aparelho psíquico em repetir uma situação dolorosa. Ao refletir sobre a origem do aparelho psíquico²³, Freud concebe que todo organismo

23 A partir da hipótese da vesícula viva, Freud concebe a gênese e a constituição de uma organização estruturada que, em última instância, pode ser concebida como uma genealogia do aparelho psíquico. Giacoia destaca que: "No ponto mais recuado da genealogia a que se vê obrigada a construção teórica de Além do princípio do prazer seria identificável a atuação conjunta de forças físicas (elétricas) e químicas irradiadas sobre os corpos e materiais orgânicos, cuja incidência produziria neles uma perturbação de grande magnitude, que daria origem, a partir do inorgânico, a uma hipotética forma de vida primeva – denominada por Freud vesícula orgânica, a forma mais rudimentar e

vivo possui geneticamente um sistema de defesas, os recursos de “para-excitações” que servem para amainar os estímulos externos que atingem o organismo. Devido à intensidade dos estímulos externos, a ausência dessa camada de proteção conduziria à destruição do organismo. Todavia, esse mesmo organismo não possui um escudo protetor que o proteja das intensidades somáticas oriundas do seu interior. Nesses casos:

[...] a situação é diversa, pois uma proteção contra estímulos internos é impossível, já que as excitações oriundas das camadas ainda mais profundas se transmitem diretamente a esse sistema, sem sofrer nenhuma redução (FREUD, 2006, v.2, p.153).

Daí decorre que o afluxo para o interior do aparelho psíquico desses estímulos endógenos possui grande importância econômica, uma vez que motivam desequilíbrios quantitativos que apresentam similaridades com a etiologia das neuroses traumáticas.

Acontece que certa quantidade de estímulos externos pode ser suficientemente forte para romper a barreira operadora desse aparelho, a qual Freud denominará como traumática. Com isso, surge a necessidade de controlar o excesso de energia que invadiu o organismo. Tal invasão de energia em estado livre leva a uma necessidade de controlar e ligar a mesma. Notemos que a ligação constitui justamente o modo pelo qual o aparelho psíquico busca restringir o livre escoamento das excitações ligando as representações e constituindo formas vinculadas e estáveis. Esse processo busca elaborar a energia para posteriormente direcioná-las para os caminhos de investimentos possíveis. Mediante a ação de ligá-la e, posteriormente, evacuá-la tenta-se obter alívio da tensão acumulada.

Como enfatizamos acima, esse aparelho psíquico se constitui construindo um eficiente sistema de defesas. Trata-se das “para-excitações” que possuem a

elementar da vida. Dela se originaria o aparelho psíquico, no curso de uma longa, lenta e também meramente hipotética evolução, escalonada a partir de formas cada vez mais complexas e sofisticadas de formação orgânica” (GIACÓIA, 2008, pp. 50-51).

função de amenizar ao máximo os estímulos oriundos do exterior. Conseqüentemente, a investigação de Freud se orienta para a análise da situação desse aparelho submetido aos estímulos endógenos, uma vez que, nesse caso, o escudo protetor não existe. Monzani pondera acerca da importância desta passagem:

Trata-se, agora, portanto, de pensar, como o traumatismo pode violar essas situações de bom equilíbrio, e com isso, em estado de “pane”, fazer com que suas leis regulares e habituais sejam, por consequência, também colocadas em questão, ou melhor, entre parênteses. (MONZANI, 1989, p.159).

Freud descreve como traumáticas excitações oriundas do exterior e nota que elas são fortes o suficiente para atravessar o escudo protetor. Desse modo, ante a iminência de um abalo, o organismo toma as medidas defensivas:

Não há dúvida de que um acontecimento como o trauma exterior provoca uma grande perturbação na economia energética do organismo, além de acionar todos os mecanismos de defesa, e o princípio de prazer é, logo de início, colocado fora de ação. Já que não é possível impedir que grandes quantidades de estímulos inundam o aparelho psíquico, só resta ao organismo tentar lidar com esse excesso de estímulos capturando-o e enlaçando-o psicologicamente para poder processá-lo. (FREUD, 2006, v.2, p.154).

Essas peculiaridades no processo de excitação atuantes no aparelho psíquico são modos de funcionamento básicos, tais como o sistema de defesas contra intensidades que possuem a função de ligação e o escoamento delas. Freud argumenta que nos casos das neuroses traumáticas é um sistema de defesa do aparelho psíquico que entra em ação para aplacar a invasão de intensidades. A neurose traumática surge mediante a ocorrência concomitante de um dano somático e um dano psíquico, quando o sujeito é submetido a uma vivência de susto e pavor. Essa situação de pavor, na qual o sujeito é avassalado ao se deparar com um evento perigoso, para o qual não está preparado, é

tomada por Freud como característica determinante da neurose traumática. Nesses casos, o indivíduo não consegue administrar devidamente o afluxo excessivo de excitação, o qual não é equacionado nem por uma descarga adequada e nem através de uma elaboração psíquica. Impossibilitado de efetivar uma ligação, instaura-se um processo de repetição compulsiva, notadamente sob a forma de sonhos, a qual traduz a tentativa de controlar a situação traumática com o propósito de ligar e de escoar a energia excedente.

Especificamente, embora não ocorra somente sob efeito do traumatismo físico, a neurose traumática é acompanhada de uma grave comoção, provocando a liberação de libido sexual. Essa libido, não sendo escoada por um canal adequado, se “desestrutura” e se transforma em angústia:

[...] essa angústia é a invasão pulsional na forma de um puro afeto, uma pura soma de excitação sem ligação que aparece como problemática para o aparelho psíquico no caso dos acidentes graves sem lesão física (MONZANI, 1989, p.172).

Nesse caso, não é o dano físico que é traumático, mas sim a energia pulsional interna, que se torna traumática para o aparelho psíquico. Quando ocorrido o acidente, o que reaparece nos sonhos dos sujeitos atingidos por esse tipo de neurose tem a função tardia de ligar essa energia excedente, a qual se manifesta pela representação do evento acidental.

Em *Além do princípio de prazer*, Freud trabalha com a hipótese da existência de mecanismos que mobilizam as energias psíquicas para exercer um contra investimento que limite a energia invasora, sendo que esses mecanismos são mobilizados no caso da dor e nos casos do traumatismo, concebidos por Freud como semelhantes, visto que constituem rupturas na proteção antiestímulo dos organismos, porém se diferenciam na medida em que o trauma se apresenta como uma ruptura decorrente de um afluxo interno e a dor pelo rompimento em um ponto específico da proteção antiestímulo. Consoante o autor:

De todos os lados é convocada a energia de investimento para que a área afetada receba uma carga de energia com uma intensidade equivalente à da invasão. Produz-se, assim, um “contra-investimento” de grande envergadura à custa do empobrecimento de todos os outros sistemas psíquicos, que sofrem uma extensa paralisia, ou à custa de uma forte redução de qualquer outra função psíquica (FREUD, 2006, v.2, p.154).

Nesse momento da nossa discussão, podemos destacar como, para Freud, o quantitativo é um dos primeiros elementos que conduzem o funcionamento psíquico e sua busca para escoar essa quantidade. Bataille, por sua vez, também não deixa de destacar como o excesso é força constante que motiva a busca por caminhos da descarga. Consoante os dois autores, o grande mobilizador do ser humano é o excesso, o quantitativo. Como estamos desenvolvendo, o aparelho psíquico freudiano é formado tendo por função básica aplacar um quantitativo que se não for adequadamente controlado pode desestruturar totalmente o organismo. Bataille, por sua vez, também destaca que a possibilidade do ser humano sobreviver no mundo homogêneo e no mundo do trabalho, assim como possuir uma individualidade estável, é contendo o excesso que o acomete constantemente. Os autores, cada um a seu modo, destacam a necessidade de se conter ou escoar adequadamente um excesso que, se for liberado abruptamente, pode ocasionar turbulências para o ser humano.

Voltando a Freud, a citação acima sinaliza a situação em que o princípio de prazer é posto em suspenso. Isso porque sua função é descarregar energia, mas a exigência posta ao aparelho, nesse momento, é outra, a saber, vincular essa energia para que se transforme de energia livre em energia ligada. Agora, diante de um incremento de energia acima dos limites do aparelho, seu funcionamento afasta-se de outros objetivos e se empenha em vincular e mobilizar o acúmulo energético. No trabalho que acompanhamos, *Além do princípio de prazer*:

Quanto mais alta for a própria carga de investimento disponível em estado de repouso, tanto maior será também sua capacidade e força para capturar; e, inversamente, quanto mais baixo for seu estoque de carga

de investimento em repouso, menor capacidade terá o sistema de receber os novos afluxos de energia e tanto mais desastrosas serão as consequências de um eventual rompimento do escudo protetor (ibid., p.154).

Sob a perspectiva freudiana, a neurose traumática se originaria numa grande ruptura ocasionada no escudo protetor contra os estímulos, uma vez que a intensidade do trauma liberaria uma quantidade de excitação sexual que, aliada à falta de preparação para angústia, daria origem a um efeito traumático. Nesse sentido, é lícito considerar que a neurose traumática é acompanhada por uma invasão energética de origem interna, o que obriga o aparelho psíquico a trabalhar e dominar esse afluxo de energia. Se ele não o fizer quando ocorre o trauma, ele se empenhará em realizar essa função de maneira retrospectiva, mediante a repetição da lembrança quase alucinatória do evento ou pela repetição dos sonhos. Nesse sentido, podemos apreender a invasão energética presente no traumático como similar ao excesso presente no ser humano, tal como desenvolve Bataille. Isso porque, em Bataille, os momentos que antecedem ao dispêndio, como a festa, o erotismo, o riso e o êxtase, sempre são antecidos por uma tensão incômoda que sinaliza uma intensidade que está no limite do suportável.

Laplanche aponta que Freud faz uso da teoria do choque traumático e a transpõe para o psíquico, além de fazer uma passagem metaforizada do modelo somático para o psíquico, nas palavras do autor:

Pode-se desde já dizer que, num sentido, é uma relação de metáfora, uma relação de comparação. Depois de ter dado a imagem da vesícula, Freud, agora, a transpõe: ela nos serve para compreender, por analogia, algo que se passa, na realidade, a nível psíquico (LAPLANCHE, 1998, p.196).

Nesses termos, é possível a ocorrência de situações parecidas aquelas ocasionadas nas neuroses traumáticas derivadas de eventos externos, o que força o aparelho mental a trabalhar essa energia. Acontece que, em relação às excitações provindas do interior não existe uma camada cortical para proteger o organismo. As fontes dessa excitação interna são as pulsões do organismo,

forças originadas no interior do corpo e transmitidas ao aparelho mental. Esses impulsos surgidos das pulsões pertencem aos processos livremente móveis que pressionam no sentido da descarga, visto que a pulsão é uma energia em estado livre:

Talvez não seja muito ousado darmos agora mais um passo e supormos que os impulsos provenientes das pulsões não passam pelo tipo de processo nervoso que trabalha com energia fixada e presa, mas, ao contrário, que entram nos processos que operam com energia livre e móvel (FREUD, 2006, v.2, p.158).

Já destacamos que Freud descreve os processos encontrados no inconsciente como processo psíquico “primário” e processo “secundário”. Em sua análise, o autor identifica o primeiro deles com a energia livremente móvel, e o processo secundário com alterações em sua energia ligada ou tônica. Assim, o processo primário refere-se à circulação livre dessa energia, enquanto o processo secundário possui por objetivo ligá-la e orientá-la para finalidades advindas do Eu. Consequentemente, a tarefa da parte mais elevada do aparelho mental é aplacar a excitação pulsional que atinge o processo primário. Uma falha nessa tarefa provocaria algo análogo a uma neurose traumática, ou seja, uma vez instalada a situação traumática pelo excesso de excitação pulsional, somente após o domínio dessas pelo processo secundário é que seria possível a efetivação e o predomínio do princípio de prazer. Em *Além do Princípio de Prazer*, o autor observa que:

Enquanto isso não acontece, a tarefa do aparelho psíquico de processar ou enlaçar a excitação teria prioridade, não em oposição ao princípio de prazer, mas operando independentemente dele e, em parte, sem levá-lo em consideração” (ibid., p.158-159).

Em suma, o que se alcançou com a análise desses mecanismos é outro modo de trabalho mental que se efetiva quando o princípio de prazer é

temporariamente posto fora de ação. Temos então um mecanismo que realiza um trabalho de bloqueio e fixação de energia. Na análise de Monzani:

Mais uma vez, portanto, chegamos a uma atividade que, seguramente, está “além do princípio do prazer”. Atividade originária, primordial, que é a atividade de vinculação, de ligação (Bindung) da excitação invasora que se manifesta como energia livremente móvel, para posteriormente ser possível, por exemplo, descarregá-la adequadamente. O que está “além do princípio do prazer” é, portanto, a Bindung (Monzani, 1989 p.179).

Portanto, diante de uma invasão energética, o aparelho se mobiliza integralmente na tentativa de ligar e imobilizar essa energia para, em seguida, conseguir realizar outras funções. Essa ligação da energia livre é necessária como ato preparatório que antecede a efetivação do princípio de prazer, ou seja, o princípio de prazer não se realiza enquanto o aparelho psíquico não fixou e ligou a energia que o acometeu. Destarte, acompanhando os argumentos do autor no texto de 1920, vemos o modo pelo qual Freud elucida-nos a respeito de uma atividade do aparelho psíquico que, mesmo não sendo contrária ao princípio do prazer, caracteriza-se, contudo, por ser anterior e independente dele, de modo que se desenrola como uma função que está além do princípio de prazer. Para que o princípio de prazer possa dominar as atividades mentais, é necessário o domínio antecipado deste montante de energia. Esse controle é adquirido através da repetição. O importante é atentarmos para o fato de que a repetição, uma vez que se trata de uma repetição da dor, encontra-se numa relação de anterioridade e independência para com o princípio de prazer, mesmo que tangencialmente contribua para a efetivação e domínio desse.

Não obstante, notemos que mesmo que a repetição se coloque a serviço do princípio de prazer, o importante para Freud é sua independência em relação a ele, bem como sua anterioridade. É essa função prévia do aparelho psíquico, de ligação de energia livre, que mostra a relação entre a repetição e a pulsão como algo intrínseco a ambas, ou seja, a repetição é o modo de funcionamento da pulsão em estado livre quando ainda não domada pelo aparelho psíquico.

Uma vez que a pulsão se manifesta como busca de satisfação e de descarga de energia, ela, na verdade, procura atingir o momento anterior ao aparecimento desta elevação de tensão. Vemos, pois, que a repetição é incompatível com a obtenção de prazer, ela é autônoma e de grande intensidade. A repetição é um modo de ligar o excessivo que acomete o aparelho psíquico, constituindo uma energia ainda não domada, mas que está ali, pulsando, por assim dizer, em busca de um caminho. O excessivo em Bataille também acossa o ser humano constantemente e embora o pensador francês não fale em aparelho psíquico, o acúmulo energético faz-se sentir no corpo.

Será a partir da noção de repetição, enfim, que Freud chegará à pulsão de morte. Desse modo, podemos vislumbrar que a pulsão de morte enquanto medida de uma intensidade, uma energia em estado puro e não ligado se coaduna com o excesso batailliano que também é a presença de uma energia não trabalhada que acossa o ser humano.

2.3- Nas pistas da repetição

A compulsão à repetição é concebida como um atributo essencial da pulsão. Ela revela uma força que pressiona constantemente e insistentemente. Desse modo, Freud sustenta que o pulsional por excelência é essa força disruptiva, força demoníaca que busca a descarga total das tensões, evacuação essa que se manifesta com a pulsão de morte. Sob esse aspecto, o conceito de compulsão à repetição permite explicar os fenômenos observados nas brincadeiras infantis e nas psicopatologias, ao mesmo tempo que indica a presença, no aparelho psíquico, de uma força mais primitiva e elementar, reveladora de um modo de funcionamento da mente anterior ao princípio de prazer. Sua função é ligar a excitação que atinge o aparelho psíquico, impondo-se como condição para que o princípio do prazer se torne o princípio dominante. Daí deriva que “Ao refletir sobre a relação existente entre a compulsão à repetição e a atividade pulsional Freud chega ao conceito de pulsão de morte” (SIMANKE & CAROPRESO, 2011, p. 180). As investigações de Freud que conduzirão a esse polêmico conceito efetuam-se via o fenômeno da repetição e

da relação desse evento com as pulsões. A repetição é um conceito importante, pois ela radicaliza a concepção do pulsional como uma quantidade energética que busca incessantemente o escoamento. Nesse sentido, podemos dizer que a repetição é um modo de manifestação do pulsional e do excesso na medida em que perseguem o escoamento energético. Freud, em *Além do princípio de prazer*, menciona que:

Nessa altura, talvez estejamos na pista certa para encontrar uma característica universal das pulsões – ou até mesmo da vida orgânica em geral- a qual creio que até hoje ainda não foi claramente reconhecida ou pelo menos não devidamente destacada. Uma pulsão seria, portanto, uma força impelente interna ao organismo vivo que visa restabelecer um estado anterior que o ser vivo precisou abandonar devido à influência de forças perturbadoras externas. Trata-se, portanto, de uma espécie de elasticidade orgânica, ou, se preferimos, da manifestação da inércia na vida orgânica (FREUD, 2006, v.2, p.160).

Assim, Freud dá o passo final em seu caminho argumentativo e assume como característica principal das pulsões a força de inércia que impele os organismos para um escoamento total de energia. A repetição é a tentativa de escoar um quantitativo que ainda não foi trabalhado, que permanece em estado não ligado e pressionando o psiquismo. Em última instância, a repetição manifesta a presença de uma força que busca o dispêndio ou a descarga da forma mais rápida possível. Revela-se, por conseguinte, como um atributo do pulsional por excelência. Se um conteúdo representativo é subsumido pela forma de compulsão à repetição, o representante pulsional, ao qual ele se liga, é ele mesmo repetitivo e pode se constituir com a repetição de uma cena originária ou traumática. Temos então que a pulsão é por sua natureza repetitiva, podendo ser repetição de indefinidas renovações, visando alcançar um estado original. É essa nova característica das pulsões que Freud pretende perseguir até sua conclusão lógica. Essa nova hipótese propõe que as pulsões buscam a restauração de um estado de coisas anterior.

Mediante a compulsão à repetição como característica básica da pulsão, Freud postula que existe uma pulsão de morte que busca precipuamente o

escoamento energético total, o que seria um estado de inércia total. Desse modo, a relação entre a pulsão de morte e a repetição mostra um aspecto até então desconhecido das pulsões e, como afirma Freud, de toda vida orgânica, atesta uma característica regressiva que anseia por um retorno a um estado de não vida. Freud supõe que as pulsões são intrinsecamente conservadoras e são regressivas porque almejam o estabelecimento de um estado primeiro que precede o orgânico. Há em todo ser vivo o desejo de retornar ao estado do inorgânico que o precedeu, uma busca pela morte que está inscrita em seu próprio interior, repetir é a busca por alcançar um estado originário.

Logo, a pulsão de morte é intrínseca a todo organismo vivo e sua ação visa, primordialmente, escoar o quantitativo até o nível zero, almejar o zero energético é buscar a morte do próprio organismo. Inserido no interior do vivo, a pulsão de morte é regressiva, buscando atingir um estado inicial de apaziguamento. As palavras de Mezan ajudam-nos a elucidar de que modo Freud deduz a pulsão de morte a partir da repetição:

A regressão, forma exterior da repetição, acaba por conduzir o ser vivo à condição inorgânica de que partiu, ou seja, a morte repete o estado anterior ao nascimento. Daí a inferir a pulsão de morte como inerente a toda matéria viva não é mais que um passo, e Freud o dá mediante a consideração de que, se todo organismo morre necessariamente por causas internas, a morte deve ser uma possibilidade inscrita na própria trama da existência, de forma que o clamor da vida se dirige inexoravelmente para a paz dos cemitérios (MEZAN, 1982, p.260).

É necessariamente esse aspecto regressivo da repetição o importante para Freud. Trata-se de uma força que sinaliza o aspecto conservador das pulsões, aspecto que as torna autônomas e anteriores ao princípio do prazer, independentes dele. O que se desvela com a conceituação da pulsão de morte é um atributo específico que define a pulsão essencialmente pelo seu caráter regressivo. Com isso, os fenômenos da repetição constituem o alicerce que autorizam Freud a estabelecer um além do princípio de prazer.

Atingimos, desse modo, uma caracterização mais específica das pulsões de morte. Elas seriam adquiridas historicamente e possuem essa tendência para atingir um estado anterior. Ou seja, postula-se que esse estado deve ser antigo, inicial, estado do qual a entidade viva se afastou e ao qual agora tenta retornar. Podemos concluir, como o faz Freud, que esse estado inicial é o inorgânico, uma vez que ele precede o orgânico e que esse retorno ao inanimado é o objetivo de toda vida, ou seja, a morte. Por outro lado, os fenômenos da vida devem ser atribuídos às causas perturbadoras e desviantes, externas, que agiram no sentido de perturbar o estado gélido e inorgânico da matéria, dando origem à vida. Nesse sentido, esses organismos vivos tenderiam a atingir seu estado antigo, de não vida:

Se pudermos admitir como um fato sem exceção que todo ser vivo morre, ou seja, retorna ao estado inorgânico devido a razões internas, então podemos dizer que: O objetivo de toda vida é a morte, e remontando ao passado: O inanimado já existe antes do vivo (FREUD, 2006, v.2, p.161).

A tendência à evacuação de energia pode ser compreendida como tentativa de retorno ao inorgânico, uma vez que a pulsão possui uma finalidade que se manifesta como satisfação, ou seja, a diminuição de quantidades de energia que a atravessam, de sorte que o movimento pulsional almeja um estado anterior ao aparecimento desse estado de tensão. Numa palavra, o objetivo das pulsões é o de alcançar um estado de inexcitabilidade total. Para tanto, elas procuram um escoamento que cause uma vazão total de energia, conseguindo, com isso, a morte. Obviamente as coisas agora passam a tomar outros sentidos, pois o princípio de prazer, antes guardião da vida, parece estar a serviço da pulsão de morte. Freud esclarece que:

Nesse sentido um dos motivos mais fortes para acreditarmos na existência das pulsões de morte reside em nossa concepção de que a tendência dominante da vida psíquica, ou talvez da vida nervosa em geral, seja, tal como o expressa o princípio de prazer, o anseio por reduzir, manter constante e suspender a tensão interna

provocada por estímulos (o princípio de Nirvana, segundo expressão de Barbara Low) (FREUD, 2006, v.2, p.179).

Monzani aponta que o trabalho de ligação se efetiva permitindo o estabelecimento do domínio do princípio do prazer como prazer comedido. A ligação demonstra a função de suprimir o acúmulo de tensão e iniciar um estado de relativo esvaziamento com o predomínio do princípio de constância. No entanto, o comentador observa que “[...] se acompanharmos esse vetor de prazer até sua última instância, um significado mais profundo emerge: a de uma função mais radical, o zero, a inércia, a evacuação total” (MONZANI, 1989, p.211).

Podemos sinalizar, de acordo com o que estamos desenvolvendo, que a ligação é uma função que permite conter o acúmulo de excesso e escoá-lo de forma adequada ou, em última instância, descarregá-lo totalmente, como busca a pulsão de morte. O excesso quantitativo é o que mobiliza o aparelho psíquico e o que prevalece são sempre os mecanismos que tentam amainar o que é da ordem do intensivo. Vale notar que diante desse novo dualismo pulsional, as antigas pulsões do Eu e as pulsões sexuais ficam designadas pelas pulsões de vida ou Eros, opostas à pulsão de morte (Tânatos). As pulsões de vida trabalham no sentido de alcançar união entre os seres vivos, visando uma possível e constante união e incremento de novas tensões, enquanto as pulsões de morte, em sentido contrário, visariam a destruição e desligamento das novas tensões vitais impostas por Eros. Desse modo, uma última tarefa de esclarecimento se faz necessária para Freud: no último capítulo de *Além do princípio de prazer*, o autor busca explicar a relação entre compulsão à repetição e o princípio do prazer. O princípio do prazer é, como desenvolvido anteriormente, uma tendência instaurada em benefício da mais originária das funções do aparelho psíquico que consiste em descarregar as excitações que perturbam o aparelho. Trata-se de conservar a quantidade de excitação constante ou mantê-la tão baixa quanto possível. Para esclarecer essa relação, Freud mobiliza uma importante distinção entre função e tendência, de modo que o princípio do prazer configura-se como uma tendência que opera a serviço de uma função que se assenta em executar a descarga total das excitações presentes no aparelho mental:

Diferenciemos agora mais nitidamente os conceitos de função e de tendência. Diremos então que o princípio de prazer é uma tendência que está a serviço de uma função, a de tornar o aparelho psíquico inteiramente livre da excitação, ou de manter a quantidade de excitação constante, ou, ainda, de mantê-la tão baixa quanto possível (FREUD, 2006, v.2, p.180).

O princípio de prazer divide-se em duas tendências, a primeira se dirigindo ao zero ou inércia total e a segunda para a constância que visaria a manutenção de uma quota mínima de energia. A essa relação entre a repetição e o pulsional, teceremos algumas considerações adiante. Por ora, importa enfatizar que, na regulação inercial, o princípio de prazer serve à pulsão de morte e, na constância, ele está representando as demandas das pulsões de vida. Contudo no trabalho de 1924, *O problema econômico do masoquismo*, Freud busca delimitar melhor a relação entre os princípios que regem a atividade psíquica, de maneira que:

De toda forma, tivemos de nos dar conta de que, no curso do desenvolvimento dos seres vivos, houve uma modificação que transformou o princípio de Nirvana, associado à pulsão de morte, no princípio de prazer. Portanto, a partir de agora não mais consideraremos o princípio de Nirvana e o princípio de prazer como uma mesma coisa. Penso que não é difícil adivinhar de que força partiu essa modificação do princípio de Nirvana: só pode ter sido da pulsão de vida, da libido, que impôs sua co-participação na regulação dos processos de vida, colocando-se lado a lado com a pulsão de morte. Temos então uma pequena, mas interessante sequência de relações: o princípio de Nirvana expressa a tendência da pulsão de morte; o princípio de prazer representa a sua transformação em reivindicação da libido; e o princípio de realidade, a influência do mundo exterior (FREUD, 2007, v. 3,p.106).

Vemos assim um rearranjo dos princípios de prazer e de Nirvana em que Freud reafirma a autonomia do princípio de prazer enquanto vinculado aos ditames das pulsões vida e o princípio de Nirvana operando sob a égide das pulsões de morte. Diante dessas considerações, o princípio de Nirvana seria

mais originário, uma vez que a pulsão de vida se impõe como princípio de prazer, posteriormente. A ligação do princípio do prazer com a pulsão de morte indica uma mudança significativa no quadro teórico, visto que o princípio de prazer inicialmente relacionava-se apenas com o princípio de constância e seu objetivo consistia em conduzir o aparelho psíquico a um estado de funcionamento equânime. Contudo, com o princípio de Nirvana e sua tendência a zero, instaura-se um prevalecimento da tendência para o escoamento total da energia, de modo que os demais princípios tornam-se seus subordinados. Eles são apenas desvios mais ou menos longos, mas que, em última instância, buscariam um estado de não vida, a morte. Desvios, porque a morte opera no organismo a partir de dentro, ela é intrínseca à vida, permitindo que cada organismo morra a seu modo e os constantes desvios e tensões impostos pelas pulsões de vida são apenas um adiamento de uma fatalidade já presente no fenômeno da vida, a morte. De todo modo, Freud acentua que a tendência a zero, princípio de Nirvana, de alcançar a anulação total das quantidades e a função de esvaziamento das mesmas pelo princípio do prazer participariam “[...] da aspiração mais universal de todo ser vivo de retornar ao estado de repouso original do mundo inorgânico” (FREUD, 2006, v.2, p.180). Logo, fica sugerido no trabalho de Freud que o princípio do prazer na verdade é um serviçal das pulsões de morte. O texto fala por si: “O princípio de prazer parece, de fato, estar a serviço das pulsões de morte” (idid., p.181).

Dentro do quadro que estamos desenvolvendo sobre o excesso que constitui o ser humano, podemos destacar que as duas pulsões, de vida e de morte, almejam o controle do excessivo de modos diferentes. As pulsões de vida buscam escoar o excessivo de modo mais controlado ou, como dissemos acima, o princípio de prazer apenas se instaura quando o excesso é minimamente ligado e preparado para ser gasto sob o registro das pulsões de vida na consecução do prazer sexual. As pulsões de morte, por sua vez, concedem ao excessivo uma descarga sem barreira alguma, buscando o caminho mais rápido para a descarga do excessivo, o que para o organismo pode ser uma movimentação quantitativa abrupta, disruptiva, dolorosa e mortal.

Diante desse novo dualismo pulsional, as antigas pulsões do Eu e pulsões sexuais ficam designadas pelas pulsões de vida ou Eros, opostas à pulsão de

morte (Tânatos). As pulsões de vida trabalham no sentido de alcançar união entre os seres vivos, visando uma possível e constante união e incremento de novas tensões, enquanto a pulsão de morte, em sentido contrário, visaria a destruição e o desligamento das novas tensões vitais impostas por Eros. E se as pulsões são repetitivas em seus aspectos gerais, Freud aponta que, no caso de Eros, esse repetir se manifesta no repetir da reprodução, no progresso da vida. Mas, Eros, ao buscar uma indefinida ligação e união, mostra, por outro lado, seu caráter regressivo de busca por um estado de unicidade perdida. Para expressar esse retorno a um estado anterior, Freud faz uso do mito platônico do desejo expresso na fábula do andrógino narrada por Aristófanes no Banquete (LAPLANCHE, 1985, p.115)²⁴

Enfim, com o caminho aqui seguido, fica patente a existência de uma finalidade mortuária nesse novo dualismo pulsional presente na ligação entre prazer e regulação inercial. Para Freud, não há uma positividade do prazer, esse é apenas um efeito de um processo que primordialmente objetiva o escoamento

24 Laplanche faz esta referência em sua obra *Vida e morte em psicanálise* (1985, p.115): “A esse respeito acrescentemos, simplesmente que, em Além do princípio de prazer, a pulsão de vida ou Eros, força que mantém a unidade e a unicidade narcisista, não pode ser compreendida como retorno a um estado anterior, senão como referência ao mito: a fábula do andrógino, proposta por Aristófanes do Banquete de Platão”(LAPLANCHE, 1985, p.115). Uma vez que a regressão é um fenômeno da pulsão em seu aspecto geral, as pulsões de morte atendem plenamente a essa característica de regressão ao inanimado, a questão fica mais complexa em relação à pulsão de vida, ou seja como justificar seu caráter regressivo uma vez que ela busca preservar a vida e formar totalidades, como se manifestaria seu caráter regressivo? Essa é a questão que Freud busca resolver com a menção ao mito platônico: “Entretanto, em outro campo bem diferente, encontraremos tal hipótese, porém ela é de uma natureza tão fantástica – talvez mais próxima de um mito do que de uma explicação científica – que não ousaria mencioná-la aqui se ela não satisfizesse precisamente a condição que tanto buscamos: ela permite derivar a pulsão da necessidade de restabelecer um estado anterior. Estamos falando, naturalmente, da teoria que Platão desenvolve no Simpósio por intermédio de Aristófanes e que não só trata da origem da pulsão sexual, mas também de sua mais importante variação em relação ao objeto. ‘No início, nosso corpo não era formado como agora; era totalmente diferente. De início havia três sexos, não como agora, somente masculino e feminino, mas ainda um terceiro que unia ambos o sexo masculino-feminino (...)’. Porém, tudo nesses seres humanos era duplo, eles tinham, portanto, quatro mãos e quatro pés, dois rostos, dois órgãos genitais, etc. Então, Zeus decidiu dividir cada ser humano em duas partes, ‘como se cortam marmelos para fazer confeito (...). Estando agora o ser inteiro cortado em dois, a saudade impeliu [trieb] as duas metades a se juntarem: elas se abraçaram com as mãos, enlaçaram-se uma à outra no desejo de fundir-se em um só ser (...)’ (FREUD, 2006, v.2, pp.177-178).

de tensões. As pulsões em seus aspectos gerais são essencialmente regressivas e almejam um retorno para uma unicidade perdida, no caso da pulsão de vida, ou um estado inorgânico no caso da pulsão de morte. É esse vetor pulsional que instaura a busca por uma totalidade perdida ou uma fusão com o todo que pretendemos analisar mais adiante.

Quanto ao excesso, todo esse percurso evidencia o seguinte: o quantitativo é um princípio tanto para Freud quanto para Bataille. Para os pensadores, essa força instaura para o ser humano a necessidade de contenção ou descarga do que é da ordem do excessivo e apela ao ser humano para ser assumido como descarga prazerosa, como no erotismo, ou algo mais disruptivo, como o escoamento total na pulsão de morte. Subjaz ao percurso até aqui seguido, a ideia de que para Freud e Bataille não há como fugir do excessivo que habita o ser humano. A seguir veremos de que modo, para ambos, a experiência do excesso abre para a vivência do ilimitado e para a angústia.

2.4 Continuidade, busca pelo ilimitado e angústia

Procuramos evidenciar o modo pelo qual, em Bataille, o excesso é um princípio que atravessa o cosmos, a natureza e o ser humano. Para o autor, o ser é excesso. A presença dessa energia, por sua vez, impõe ao ser humano a busca por experiências de gasto que lhe propiciam o contato com a continuidade do ser que é, consoante Bataille, a verdade mais profunda do homem. Para o pensador, existe uma turbulência interna nos seres vivos que conduz todo organismo a desenvolver meios para lidar com uma energia que é desorganizadora e manifesta-se como excessiva, fora dos padrões das atividades vitais que buscam a adaptação e manutenção do ser vivo. Nessa perspectiva, entregar-se ao dispêndio é admitir um organismo que, em última instância, não busca somente preservar sua integridade vital.

Bataille enquadra a existência humana sob a ótica energética, conjugada com a natureza que é produtora e destruidora que dispõe de quantidades de

energia livre, opulentas e intermináveis que se renovam constantemente. Escreve ele em *O Erotismo*:

Há na natureza e subsiste no homem um movimento que sempre excede os limites, e que jamais pode ser reduzido senão parcialmente. Desse movimento, geralmente não conseguimos dar conta. Por definição, ele é mesmo aquilo de que jamais nada dará conta, mas perceptivelmente vivemos em seu poder: o universo que nos carrega não corresponde a nenhum fim que a razão limite [...] (BATAILLE, 2014, p. 63-64).

Essa visão energética revela-se de uma importância capital e decisiva para a reflexão de Bataille sobre o sentido do ser, porquanto implica uma necessidade vital de dispêndio individual. O ser humano encontra-se dividido entre dois horizontes contraditórios compostos sobre um plano ontológico tecido de diferenças irreduzíveis e incompatíveis com qualquer tipo de equilíbrio. Sasso (1978, p.59) diz que: “É nesse sentido que Bataille sustenta a tese de uma dualidade da realidade entendida como diferença irreduzível a uma medida comum”. O homem é capturado na armadilha de uma antinomia constitutiva e dilacerante, pois ele é constantemente solicitado em duas direções, uma que conduz à formação de organizações duráveis e de forças conquistadoras e a outra conduz, por intermédio das vivências dispendiosas, à direção da imersão na continuidade, na qual não há contornos fixos ou organização possível. Bataille, nesse sentido, reafirma: “De qualquer jeito, o homem pertence a um e a outro desses dois mundos, entre os quais a sua vida, queira ou não, está dilacerada” (BATAILLE, 2014, p.63).

O excesso presente no ser humano nos obriga a vivenciar experiências que possibilitem o escoamento, o gasto dessa energia que abre o acesso ao ser e nos lança na continuidade perdida. Para Bataille, o excesso é a parte maldita do ser humano, constitui, assim, uma verdade incontornável. O ser humano deve buscar a desmedida que possibilita o encontro com o ser da continuidade e do excesso que ocorre nos momentos do jogo, da festa, do êxtase e do erotismo. O excesso é o movimento violento da natureza e fundamento do ser “[...] porque o ser em nós só está por excesso, quando a plenitude do horror e da alegria coincidem” (ibid., p.295).

A continuidade é uma experiência que se encontra intimamente ligada à morte, uma vez que, mediante essa experiência, o ser descontínuo alcança a continuidade do ser e da totalidade. A dissolução da vida lança cada indivíduo para a continuidade do excesso, para a totalidade imanente do ser, para o estado orgânico que precede e que sucede a individuação. Sob essa perspectiva, a destruição de toda descontinuidade é imposta pelo movimento incessante da vida e explícita, como morte e vida são termos da dinâmica do excesso.

Nesse olhar do pensador, a morte é o agente de renovação do mundo, vida e morte são congêneres, sendo que essa é responsável pela renovação da matéria orgânica necessária para o fluxo da vida, ou seja, a putrefação surgida de seu trabalho é essencial para a permanência da vida. É nesse sentido que o autor afirma: “Considerada em seu conjunto, a vida é o imenso movimento que a reprodução e a morte compõem. A vida não cessando de engendrar, mas para aniquilar o que engendra” (ibid., p.109).

Consoante ao pensamento do autor, a morte não é o oposto da vida, não é o outro lado, ambas são o mesmo movimento incessante de criação e destruição das formas. Não existe a transcendência nem da morte, nem da vida, o que há é a pura imanência de uma matéria em constante mutação e, como já dissemos acima, sem finalidade alguma. É interessante aludir, assim, a Baudrillard que, em *A troca simbólica e a morte*, chama atenção para o fato de que Bataille introduz a morte como paroxismo de trocas, superabundância e excesso:

A morte como excedente sempre presente e como prova de que a vida só é defeituosa quando a morte lhe é tirada, que a vida só existe na irrupção e na troca com a morte, estando do contrário fadada à descontinuidade do valor e, portanto, ao déficit absoluto”(BAUDRILLARD, 1996, p.209).

O comentador acrescenta que a finitude é até mesmo desejada pela vida: “A morte e a sexualidade, em vez de se enfrentarem como princípios antagônicos (Freud), se permutam no mesmo ciclo, na mesma revolução cíclica da continuidade” (ibid, p.210). Morte e vida juntas trocam suas energias, elas se

renovam mutuamente: “Há, portanto, em Bataille uma visão da morte como princípio excessivo e como antieconomia” (ibid., p.210).

Desse modo, em Bataille a dissolução da individualidade não possui um aspecto meramente funesto, ela abre para a verdade do ser, para a continuidade: “Insisto no fato de que, a continuidade do ser estando na origem dos seres, a morte não a atinge, a continuidade do ser independe dela, e mesmo, ao contrário, a morte a manifesta”.(BATAILLE, 2014, p.45). E, mais à frente, acrescenta: “A vida é acesso ao ser: se a vida é mortal, a continuidade do ser não o é. A aproximação da continuidade, a embriaguez da continuidade dominam a consideração da morte” (ibid., p.47). Logo, mesmo ultrapassados os limites na busca pelo ilimitado ou morrendo esforçamo-nos por fugir do pavor que a morte provoca. A visão de uma continuidade para além dos limites constituídos causa-nos imenso pavor. Buscamos o extremo da continuidade, mas tememos a morte. E sempre procuramos trapacear ou nos enganar, almejando a continuidade que pode transpor os limites sem ultrapassar as fronteiras dessa vida descontínua: “Queremos atingir o além sem dar o passo decisivo, mantendo-nos comportadamente aquém” (ibid., p.165).

Para além da vida, não podemos conceber nada que seja reconhecível ou imaginável, nos horizontes da morte há somente o inconcebível. Em *O Erotismo* Bataille escreve:

[...] sabemos-lo, a morte não apaga nada, ela deixa a totalidade do ser intacta, mas não podemos conceber a continuidade do ser em seu conjunto a partir de nossa morte, a partir do que morre em nós. Desse ser que morre em nós, não aceitamos os limites. Esses limites, a qualquer custo, queremos transpô-lo, mas gostaríamos de, ao mesmo tempo, excedê-los e mantê-los (BATAILLE, 2014, p.165).

Consoante a passagem acima, buscamos o ilimitado. Bataille pensa o erotismo como a experiência que permite ao homem ultrapassar a si mesmo e vencer a barreira da descontinuidade. O erotismo abre a passagem para a continuidade do ser e ao ser levado ao extremo tangencia o ilimitado. Os indivíduos buscam a experiência da continuidade no erotismo, contudo não

suportam a verdade que os espera no transbordamento e da dissolução da individualidade. Por isso, a sexualidade humana, para Bataille, é terrível e angustiante, pois ela coloca em jogo a violência desordenada e o desequilíbrio instaurado pelo excesso. Nesse sentido, não há para o pensador a boa sexualidade, reconfortante e pacificada. Sobre esse ponto, os comentadores assim se manifestam: “Não há para Bataille, de fato, a sexualidade boa, gratificante ou serena. O erotismo, pelo contrário, coloca em jogo a violência desordenada, o desequilíbrio de quem toca o excesso [...]” (ARNAUD; EXCOFFON-LAFARGE, 1976, p.136). Decorre daí que a sexualidade em Bataille seja maldita, ferida aberta no ser humano, marca da descontinuidade no indivíduo que almeja adentrar a continuidade do ser, signo de uma separação que é o drama essencial para o homem e desconforto que sinaliza a dolorosa passagem do animal para a humanidade. A essência do erotismo é a nostalgia da continuidade perdida, é a busca incessante que coloca o ser humano em contato com as verdades abissais que nos constituem.

Entrar em contato com a continuidade é colocar a individualidade em jogo, é entregar-se ao movimento que abala a subjetividade voltada para o trabalho. A vertigem instaura o movimento de dissolução da individualidade fechada e tangencia a continuidade. Sob esse prisma, a vivência do excesso nos lança na desordem e na experiência fugidia da continuidade do ser, da qual somos elididos na medida em que estamos aprisionados na descontinuidade. É esse o sentido da afirmação de Bataille, segundo a qual somos seres descontínuos e indivíduos que morrem isoladamente numa aventura ininteligível, mas temos a nostalgia da continuidade perdida, ideia que o autor defende continuamente em seu trabalho *O Erotismo*. De acordo com o autor, o ser individual busca a vivência da continuidade perdida através das experiências eróticas, do sacrifício e do riso, uma vez que essas experiências conduzem a entrada para o movimento do excesso. O erotismo, movimento privilegiado de acesso à continuidade, enseja o processo de dissolução, no qual o indivíduo renuncia a sua identidade, de sua descontinuidade e se lança na imensidão do excesso e do ilimitado. Bataille, ao meditar sobre o dilaceramento e dissolução que ocorre no movimento erótico, alcança a íntima relação entre erotismo,

continuidade e morte. De fato, o que ocorre nesses processos é a entrega máxima ao movimento do excesso que os anima.

A relação com a morte é intrínseca ao erotismo, uma vez que os atos eróticos instauram a abertura para a continuidade e o ápice da continuidade é a morte. O erotismo, com seu movimento transgressivo, rompe os limites da estrutura do sujeito, favorecendo que o ser deslize momentaneamente para fora da sua individualidade fechada e entre em contato com a morte, com a continuidade do excesso. Mas, no jogo do erótico, trata-se de tangenciar a morte até a situação limite em que o corpo desfalece: “A destruição no erotismo, é provisória, posso consumá-la sem que o objeto seja aparentemente transformado” (BATAILLE, 2014, p.332). O erotismo é pura despesa inútil, insere o ser descontínuo na dilapidação e na exuberância. É possível tomarmos o erotismo como a forma mais completa de entrega ao excesso, principalmente pelo fato de que no erotismo o corpo entra em ebulição e a individualidade é embaralhada ao máximo.

Portanto, o que gostaríamos de destacar é que há no ser humano uma nostalgia pelo excesso original que se manifesta pelo anseio de acessar a continuidade. O excesso orgânico avassalador que viceja em todo ser humano é sua parte maldita, a parte que persegue a nostalgia da totalidade, a qual é almejada ainda que a inserção nessa experiência aponte, no limite, para a dissolução do indivíduo. Os seres humanos se lançam em ações que tangenciam a morte, que abrem seus limites em direção à continuidade para uma abertura ilimitada ao ser. Bataille estabelece que todo indivíduo cultiva a nostalgia por uma espécie de totalidade original designada pela continuidade, estado que antecede a individuação e é caracterizado pela presença violenta do excesso. Ante a precária descontinuidade do ser pessoal, temos o desejo de reencontrar “[...] essa continuidade perdida de que temos o irredutível sentimento de que é a essência do ser” (ibid., p.144). Mas, tal continuidade, assim tão sonhada, como acenávamos acima é também a manifestação do excesso que ameaça à integridade do ser individual.

Ao voltarmos nosso olhar para as reflexões freudianas, podemos destacar que a presença das pulsões também sinaliza a existência desse quantitativo que nos habita. Para ficarmos na definição clássica do autor, as excitações pulsionais

caracterizam-se como pressão constante, ou seja, as exigências pulsionais configuram forças que agem a partir da interioridade do indivíduo e cuja pressão é incontornável. A quantidade caracteriza o ser da pulsão e a define como energia em movimento. Foi por isso que procuramos, no decorrer desse trabalho, mostrar como a pulsão possui uma natureza quantitativa e econômica, tal como também afirma Birman:

Por isso mesmo, Freud pode enunciar sem hesitação que 'o caráter impulsivo é uma propriedade geral das pulsões e até mesmo a essência destas'. Vale dizer, o impulsivo definiria a essência da pulsão propriamente dita" (BIRMAN, 2017, p.99).

É esse vetor energético que Freud insiste em destacar em sua concepção sobre a essência da pulsão, de modo que sua dimensão quantitativa torne-se fundamental. As pulsões são forças contínuas que determinam um trabalho permanente para o psiquismo e é por isso que o aparelho psíquico tem por finalidade o domínio e o escoamento das excitações. O relevo dado à questão quantitativa se coaduna nas concepções de Freud com o funcionamento do aparelho psíquico que tem por função precípua regular as alterações quantitativas das pulsões, sua economia. Ou seja, o aparelho psíquico deve procurar meios de dispender o excesso que acossa o organismo e deve ser escoado:

[...] quando Freud enunciou que o psiquismo seria um aparelho e que este estaria voltado fundamentalmente para o domínio das excitações pulsionais, isso implicava uma concepção do psíquico no qual a sua dimensão intensiva seria básica. O registro intensivo do psiquismo se afirmava inscrito, assim, além do que se descrevia então no discurso de psicologia, pois colocava em papel de destaque e fundamental a dimensão econômica do aparelho psíquico (BIRMAN, 2017, p.93-94).

Uma vez que a excitação pulsional é para o organismo sempre perturbadora, o aparelho psíquico teria por função afastar ou eliminar todas as excitações que perturbam o equilíbrio do organismo com a finalidade última de mantê-los em baixa intensidade ou em um estado de não excitação, de excitação zero. Consoante Freud, em *Pulsões e destinos da Pulsão*:

[...] o sistema nervoso é um aparelho ao qual foi conferida a função de livrar-se dos estímulos que lhe chegam, de reduzi-los a um nível tão baixo quanto possível, ou, se fosse possível, de manter-se absolutamente livre de estímulos” (FREUD, S., 2004, v.1,p.147).

Como acompanhamos no capítulo anterior, com a publicação de *Além do princípio de prazer*, o ponto de vista econômico mostra-se como parte fundamental da psicanálise, principalmente na sua forma absoluta que é a tendência ao zero (LAPLANCHE, 1985). O princípio de nirvana sinaliza a tendência para a eliminação total do quantitativo energético que, em outras palavras, é a busca por um estado de zero energia, ou seja, a morte. Por conseguinte, a morte passa a constituir-se como inerente ao sujeito, definida como processo pulsional, inscrita no núcleo do Id como pulsão de morte. Roudinesco também pontua a radicalidade do discurso freudiano ao assinalar: “[...] a ideia de que a pulsão de morte estava a tal ponto enraizada no inconsciente que condenava o sujeito a jamais livrar-se dela.” (2016, p.297). Ainda, quanto a Freud, pautando-nos pelo texto de 1920, vislumbramos a ideia de que a pulsão de morte persegue o grau zero de investimento e que primordialmente objetiva o escoamento de tensões e busca por um estado anterior ao aparecimento da vida e não podemos deixar de pontuar aqui a convergência com Bataille que postula a procura pelo ser humano do excesso que abre para a continuidade. Nesse segundo dualismo pulsional freudiano, as pulsões já não regem somente a dinâmica do psiquismo, mas também a da vida do organismo em geral e sempre de modo conjunto, possuindo também por característica um forte ímpeto regressivo. Daí que o autor acentue em *O Eu e o Id*:

[...] podemos dizer que as pulsões se conduzem, no sentido mais estrito do termo, de forma conservadora, pois ambas visam ao restabelecimento de um estado que foi perturbado pelo surgimento da vida. Assim, tanto o empenho em prosseguir lutando pela vida, como a *nostalgia pela morte*, [grifo nosso] devem-se ao próprio brotar da vida. Diremos, então, que a vida consiste ao mesmo tempo em uma luta e um acordo de

compromisso entre essas duas pulsões opostas (FREUD, v.3, p. 49-50).

Desse modo, percebe-se que se a pulsão de morte busca estabelecer um estado originário que é anterior ao surgir da vida, esse estado é a quietude gélida e inorgânica do qual a vida surgiu. Assim, em todo ser vivo se inscreve essa nostalgia pela morte que se busca alcançar mediante as descargas quantitativas. Essa descarga quantitativa, efetivada pelo princípio do prazer mesmo que alinhavada com as pulsões de vida, está sempre, seja como função ou tendência, a serviço da pulsão de morte. Ou seja, a pulsão de morte ao almejar a descarga e o zero de tensão nada mais busca do que a dissolução de si e a destruição das diferenças em uma constante busca por um estado primordial. As pulsões de vida, ou eros, por sua vez também estimulam a busca por fantasias totalizantes, uma vez que perseguem um suposto estado primordial de unidade total, ambas as pulsões são movidas pela busca de um absoluto que eliminaria a clivagem, a separação constituinte do ser humano. O mesmo ocorre com a satisfação do desejo. De acordo com Mezan (1982, p.340), o desejo para Freud é desejo de abolir a divisão e reencontrar a experiência primeira de satisfação ocorrida quando da simbiose com a mãe. Essa experiência primeira de satisfação é o protótipo da ilusão da unidade originária constantemente buscada. Kimerle nos diz o mesmo:

No retorno ansioso da mãe ausente reflete-se certamente o anseio pelo regresso a toda simbiose originária, vivida de forma aprazível entre mãe e criança, permanecendo o protótipo de desejo para todas propensões de prazer e vivências de satisfação (KIMMERLE, 1999, p.55)

Sabe-se que existe uma forte experiência de prazer sexual na eliminação intensa da energia psíquica acumulada. Quando essa energia atinge níveis intoleráveis e desprazerosos é trabalhada pelo aparelho psíquico, visando que essa quantidade de excitação seja escoada no prazer da descarga. A energia livre presente no processo primário tende pelas vias mais curtas à descarga. Freud já havia sinalizado que a satisfação oriunda do processo primário é mais intensa e prazerosa, embora inviabilizadas pelo seu alto teor de descarga que em último caso obedecem ao princípio de Nirvana, ou seja, à descarga total. Em

Além do princípio de prazer, Freud vai nessa direção: “Também sabemos que o maior prazer que podemos atingir, o do ato sexual, está ligado a uma extinção momentânea de uma excitação que havia sido intensificada ao máximo” (FREUD, 2006, v.2, p.180). O que queremos sinalizar é que nas dobras do prazer e da descarga quantitativa encontra-se também a morte, uma vez que o máximo de escoamento energético é o que almeja o princípio de Nirvana. Na letra freudiana, o prazer intenso é uma busca por tensão zero presente negativamente na morte, na busca pelo nada, na nostalgia pela morte.

Sob essa perspectiva, não nos parece descabido apontar a semelhança entre Freud e Bataille em relação ao prazer sexual. A experiência erótica para ambos sempre traria em seu bojo os traços mortíferos de Tântalos. O gasto intenso em Bataille e a descarga pulsional em Freud possuem esse sentido de aproximar os seres da morte. Existiria, portanto, uma nostalgia pela continuidade perdida que em Bataille apresenta-se nos momentos de êxtase e na consecução da fusão erótica e em Freud se traduz no anseio pelo inorgânico presente na pulsão de morte ou nos anseios totalizantes das pulsões de vida.

Entretanto, é importante salientar que o prazer em Freud não é primeiro, ou seja, não existe uma visão positiva do prazer, isso porque, sob a letra freudiana, o prazer é somente resultado secundário do funcionamento do princípio de Nirvana que está a serviço da regulação inercial e da morte. No tocante a Bataille, é possível perceber que o erotismo permite introduzir o valor da vida intensa e da exaltação do excesso. A experiência erótica permite ao ser humano experimentar o extremo do possível no qual coincidem o cume da volúpia como o sentimento oceânico da plenitude (ALTBURG, 2014). Portanto, o erotismo em Bataille pode ser uma experiência de mais vida e de intensidade, mesmo que no momento do êxtase tangencie a morte. Em Freud, o prazer é apenas o resultado secundário pela busca da paz do cemitério.

Desse modo, embora seja indiscutível a similitude entre os autores no tocante à necessidade de escoamento energético e ao prazer intenso decorrente dessa descarga, a perspectiva frente ao valor do prazer e da experiência de intensidade são diversas. Em Bataille, o prazer é um caminho viável de afirmação do ser, apesar das turbulências que o acompanham, o que não ocorre para Freud, para o qual o prazer da descarga energética é apenas o resultado

secundário de uma necessidade de equilíbrio quantitativo. Para Bataille, a aproximação com as experiências de continuidade não é relaxante, pois, embora visem o dispêndio, essas vivências são acompanhadas por um aumento de tensão, por um certo arrebatamento na medida em que abrem para o ápice da vida e para a criação e destruição enquanto experiências intensas.

Mas, se para ambos os pensadores, todo ser vivo carrega em seu ser íntimo uma nostalgia pela morte, pela origem primeira, o estado inicial visado por Freud e Bataille não é o mesmo. Para Freud, a vida surgiu da matéria inorgânica e por ação de uma força não identificada. Segundo o autor:

A tensão que foi gerada na substância até então inanimada buscava por todos os meios desmanchar-se, e assim nasceu a primeira pulsão, a pulsão de retornar ao estado inanimado” (FREUD, S., 2006, v.2, p.162).

O retorno almejado pelo vivente em Freud é um estado do não vivo em que ele mesmo descreve como inanimado, inorgânico, gélido e mineral. É como se a pulsão de morte, em Freud, fosse mais radical por almejar um estado de não excitabilidade total e retornasse para um estado não energético, mineral. O que não ocorre em Bataille, já que sua perspectiva pressupõe que o retorno almejado e a imersão na continuidade são constituídos pela matéria amorfa em constante transmutação, uma espécie de orgia de criação e destruição de formas vivas sem fim ou finalidade. Morrer, em Bataille, é entregar-se ao excesso que é uma dissolução das formas constituídas na matéria orgânica da natureza. Por isso, ele afirma que a morte não apaga nada, ela deixa a totalidade do ser intacta e lança o indivíduo para a continuidade perdida por ele desejada para o estado orgânico que precede e que sucede a individuação.

Para Bataille, a morte causa horror e angústia por manifestar a destruição das descontinuidades, mas ela tem o papel de devolver a carne para a purulência geral da vida. Todo esse movimento incessante de geração e destruição que mantêm o fluxo orgânico da continuidade é a face do dispêndio que atua como uma energia excedente, com o vigor impetuoso da destruição, nas palavras do autor:

A vida é sempre um produto da decomposição da vida. Ela é tributária, em primeiro lugar, da morte, que desocupa a vaga; em seguida, da corrupção que segue a morte e recoloca em circulação as substâncias necessárias à incessante vinda ao mundo de novos seres” (BATAILLE, 2014, p.79).

Percebemos assim que, sob a ótica do autor, morrer, aspirar à nostalgia perdida equivale a retornar ao excesso orgânico da continuidade que está em constante transformação e para a orgia de criação e destruição. De fato, em Bataille, a matéria primordial é informe e está em permanente movimento. As formas constituídas e as individualidades estabelecidas são constantemente abaladas pelo movimento de criação e destruição, por meio do qual elas são novamente lançadas para o caos da matéria informe. Nesse sentido, o movimento erótico é o abalo das formas constituídas e estáveis, operando a turbulência da individualidade e a lança ao máximo no movimento do excesso. Horizonte bastante diferente do nirvana freudiano, no qual vislumbramos o silêncio absoluto da inércia total. O movimento energético freudiano parece, antes, buscar uma quietude gélida e mineral em que não há transformação da matéria, mas apenas paragem em seu estado primeiro, estado de zero energia.

Mas, é interessante destacar que, para os autores, a necessidade de expulsão dos estímulos é comum, o excesso e o pulsional pressionam continuamente pela liberação. Existe, em ambos, a necessidade do dispêndio que visa a redução da tensão insuportável. A liberação do quantitativo tanto em Freud quanto em Bataille pode ser pensada como uma redução da tensão e dos contornos subjetivos, visto que, nesses autores, essa redução conduz para os contornos indistintos do estado mineral freudiano e do informe orgânico da continuidade. Estados esses que precedem a individuação e são pura indistinção das formas. No entanto, o anseio pelo ilimitado presente nos autores, que é em última instância a dissolução de si mesmo, decorre da entrega ao excesso energético que vem acompanhado, de um doloroso e as vezes insuportável sentimento de angústia, afeto que nada mais é que o sinal de que o perigo de um desfalecimento total se aproxima. Nos escritos dos dois autores, a emergência do excessivo sempre se faz acompanhar pelo sentimento de angústia. Esse é o sentimento que toma o sujeito quando ameaçado pela invasão pulsional ou energética que implica a dissolução de si mesmo.

No percurso até aqui tecido, vislumbramos a presença do excesso e do quantitativo no ser humano em ambos os autores. A presença desse excesso manifesta o desejo do contato com uma totalidade imanente presente nas experiências do prazer intenso. No entanto, a aproximação com a vivência dessas experiências que tocam o excesso são causadoras de extrema angústia. Freud e Bataille tematizaram a presença dessa angústia diante do excesso, veremos a seguir como cada pensador tematizou a angústia e o quantitativo.

2.5- A Angústia

Consoante a nossa discussão, uma das possibilidades de abordarmos a angústia em Freud abre-se com uma incursão em *Inibição, sintoma e angústia*, de 1926. Nesse texto, Freud articula a angústia como sinal da presença do excesso energético que é pulsional. Esse excesso energético é perigoso, porquanto representa a ameaça avassaladora de que o aparelho psíquico do indivíduo possa submergir ante a invasão energética. Tal excesso também pode ser pensado como a ameaça de um gozo sem limites que pode aniquilar o indivíduo. Para além da angústia como prenúncio da ameaça quantitativa que invade o aparelho psíquico, veremos como este afeto se torna inerente ao indivíduo, ou seja, a angústia seria uma companheira do ser humano desde seu nascimento até sua morte. Vejamos como isso se dá no trabalho referido.

Freud preocupou-se com o fenômeno da angústia desde o início de seu trabalho²⁵. No entanto, não pretendemos fazer toda gênese dessa questão,

25 As primeiras pesquisas de Freud sobre a angústia datam de 1895. Essas eram descritas como estados de ansiedade flutuantes. A explicação deste estado afetivo ficava por conta de uma descarga de excitação sexual acumulada que não alcançou eliminação pelo ato sexual e não foi trabalhada por uma elaboração psíquica. Desse modo, essa excitação acabava por ser eliminada sob a forma de angústia. Posteriormente, a angústia será relacionada às moções pulsionais recalçadas, ela será fruto da libido recalçada no contexto das psiconeuroses de defesa que abrangia a histeria da angústia, a histeria de conversão e as neuroses obsessivas. Em todos esses fenômenos afetivos estudados por Freud, havia o denominador comum de um afeto, uma quantidade que se manifestava no psiquismo ou no corpo, a depender do caminho

pretendemos apenas abordar a última fase da angústia, aquela proveniente de seus últimos escritos e que abre perspectivas para repensar a angústia e seu elemento quantitativo. Nessa última fase, a angústia não mais será derivada da libido recalcada, mas será encarada como estruturante do ser humano, tendo uma função defensiva ante os perigos que ameaçam a existência (Rocha, 2.000).

Inibição, sintoma e angústia (1926) é um trabalho no qual a questão da angústia é reformulada por conta dos novos ordenamentos teóricos da psicanálise, principalmente com a elaboração da segunda tópica que concebe o aparelho psíquico dividido em Id, Eu e Super-eu. Nesse novo enfoque, a angústia passa a ser localizada no Eu, cabe a ele produzir a angústia como sinal ante a ameaça do perigo que pode ser interno (pulsional) ou externo:

A concepção de angústia sustentada neste ensaio distancia-se em algo daquela que até agora me parecia correta. Antes eu considerava a angústia uma reação geral do Eu em condições de desprazer, sempre buscava justificar seu aparecimento em termos econômicos e supunha que, com base na investigação das neuroses “atuais”, a libido (excitação sexual) que é rejeitada ou não utilizada pelo Eu encontra uma descarga direta em forma de angústia. Não há como ignorar que essas diferentes afirmações não combinam muito bem ou, de toda maneira, uma não decorre necessariamente da outra. [...] As objeções a essa concepção vieram da tendência a fazer do Eu a única sede da angústia; eram, portanto, uma das consequências da divisão do aparelho psíquico proposta em O Eu e o Id. Na concepção anterior, era plausível enxergar na libido do impulso instintual reprimido a fonte da angústia; na nova, O Eu tinha de responder por essa angústia (FREUD, 2014, v. 17, pp. 108-109).

Como Freud destaca, a sua concepção da angústia até então pressupunha o afeto como derivado da libido recalcada, o qual encontrava um caminho possível ao transformar-se em angústia. Agora, nesta nova leitura, a

que a energia tomou quando efetivado o mecanismo do recalque que separa afeto e representação.

angústia se localiza no Eu, esse faz uso daquela como um sinal diante de um perigo iminente.

Doravante, Freud destaca que a angústia é uma sensação caracteristicamente desprazerosa que, além de manifestar sensações físicas que envolvem órgãos respiratórios e o coração, envolve processos de descarga quantitativa. Desse modo, trata-se de um estado desprazeroso que conduz a reações de descarga por vias específicas. No entanto, o autor está ciente de que deve explicitar qual é a nova função da angústia e o motivo pelo qual ela é usada pelo Eu como sinal de perigo sempre que esse se aproxima. Se a angústia é reação a uma situação de perigo, Freud postula que a primeira vivência angustiante e perigosa para o ser humano é o nascimento.

O nascimento é uma vivência forte o suficiente para se configurar como uma experiência prototípica preñe de significados e consequências para o ser humano e pode ser qualificado como trauma pelo fato de colocar em movimento sensações e quantidade energética o suficiente para abalar a estrutura do recém-nascido. Vale lembrar que, para Freud, as situações em que um certo organismo é submetido às fortes descargas quantitativas são momentos traumáticos. Nascer é, pois, uma dessas circunstâncias:

A angústia, portanto, é um estado desprazeroso especial, com reações de descarga em trilhas específicas. Seguindo nossa concepção geral, acreditaremos que na base da angústia exista um aumento da excitação que, por um lado, gera o caráter desprazeroso e, por outro lado, alivia-a com as descargas mencionadas. Mas esse resumo puramente fisiológico não poderá nos satisfazer; ficamos tentados a supor que há um fator histórico que une firmemente as sensações e as inervações da angústia. Em outras palavras, que o estado de angústia é a reprodução de uma vivência que encerrava as condições para tal aumento da excitação e para a descarga em trilhas específicas, e que é desse modo que o desprazer da angústia adquire seu caráter próprio. No ser humano, tal vivência prototípica é o nascimento, e por isso nos inclinamos a ver no estado de angústia uma reprodução do trauma do nascimento (FREUD, 2014, v.17, p.73).

Assim, esse momento constitui uma vivência com uma forte perturbação da economia libidinal do indivíduo, devido ao aumento intenso de excitação no

instante do nascimento em que quantidades elevadas produzem sensações de desprazer²⁶. Similar ao que ocorre posteriormente na angústia que exhibe manifestações físicas fortes ligadas aos órgãos respiratórios e ao coração, evidenciam que processos intensos de descarga participam da angústia em geral. Freud destaca que, embora no ato de nascimento exista um perigo objetivo para a conservação do bebê, esse perigo não possui conteúdo psíquico para a criança que ainda não possui um Eu, ou seja, ela não terá uma lembrança nítida desse acontecimento. No entanto, fica instalada a vivência prototípica da angústia a partir da experiência do nascimento que é acompanhada de um intenso abalo energético, vivência que será repetida pelo bebê quando da ocorrência de situações desprazerosas e de aumento de tensão. A dependência do recém-nascido para com a mãe ou do adulto que lhe dispensa cuidados ocasiona essas primeiras experiências, de modo que a psique da criança em seus primórdios anseia pela percepção do cuidador porque esse contempla e sacia suas necessidades. Na verdade, o que ele teme, com a ausência dessa figura, comumente a mãe, é o aumento de uma tensão que pode ser insuportável. O autor o enuncia:

Se o bebê exige ter a percepção da mãe, isso ocorre porque sabe, por experiência, que ela satisfaz rapidamente todas as suas necessidades. A situação que ele avalia como perigosa, contra a qual deseja estar garantido, é a da insatisfação, do aumento da tensão gerada pela necessidade, diante da qual é impotente. Acho que considerado dessa maneira tudo se ordena. A situação de insatisfação, em que magnitudes de estímulo alcançam nível desprazeroso, não sendo controladas mediante utilização psíquica e descarga, deve ser análoga à vivência do nascimento para o bebê, uma repetição da situação de perigo. Comum a ambas é a perturbação econômica gerada pelo aumento das magnitudes de estímulo a pedir solução, sendo esse fator, portanto, o autêntico núcleo do “perigo” (ibid., p.79).

26 Em nota de 1909, acrescentada em sua obra *A interpretação dos sonhos*, Freud já destacava o nascimento como a primeira experiência da angústia: “Aliás, o ato do nascimento é a primeira experiência de angústia e, assim, a fonte e o modelo para esse afeto (FREUD, 2017, p.426).

Portanto, temos dois tempos na formação da angústia, o primeiro ligado ao nascimento e o segundo pautado pela percepção da criança acerca da ausência da mãe. Pereira observa:

Desse primeiro tempo, o aparelho psíquico pode conservar apenas alguns traços mnésicos de uma vivência corporal assustadora e incompreensível, vazia de conteúdos representacionais minimamente organizados. O segundo momento tem como protótipo, segundo Freud, a experiência do desmame. Esta dá retrospectivamente o sentido de separação à primeira experiência traumatizante. A partir de então, será sempre a perda do outro amado o que remeterá a esta condição de abandono absoluto e de desamparo ante o crescimento do pulsional (PEREIRA, 2008, p.183).

Desse modo, como pontua o comentador, fica estabelecida pela experiência segunda do desmame o sentido da experiência primeira, a do nascimento, que era assustadora e incompreensível, pois vazia de significado para o infante ainda sem possibilidades de dar sentido ao evento traumático que o lançara ao mundo. Quando ocorre a ausência da mãe, surge o aumento da necessidade pulsional, tudo remete para o sentido do excesso quantitativo, para a ameaça de revivenciar o desamparo absoluto que se instaura ante a situação de impotência diante do incremento de uma necessidade crescente que assalta o bebê. A percepção da ausência do objeto externo, no caso a mãe, que lhe garantiria a satisfação esperada e poria fim ao aumento perigoso da insatisfação, remete à situação da experiência primeira. Esse estado inicial traumático gera, além do distúrbio econômico, o sofrimento pela perda do objeto e instaura o estado de desamparo: “A falta da mãe torna-se o perigo, tão logo este surge, o bebê dá o sinal de angústia, ainda antes que se instale a situação econômica” (FREUD,2014, v. 17,p.80).

Daí deriva que todas as situações de perigo se desenvolvam a partir do protótipo do nascimento. Freud destaca que a emergência do sinal de angústia tem por finalidade obstruir o caminho do afeto para que não atinja índices em que o excesso se tornaria insuportável, operando a desintegração da estrutura psíquica já constituída. Como nota o comentador:

Segundo Freud, a instalação do sinal de angústia tem por objetivo impedir o desenvolvimento do afeto até um ponto em que se tornaria transbordante, vindo a desintegrar os conteúdos psíquicos até então estabilizados. A função sintética do eu estaria, nessas condições, sob grave ameaça. O trabalho de elaboração psíquica teria a função de integrar novos conteúdos ao eu, impedindo, assim, que a angústia se torne incontrolável (a angústia automática), o que conduziria à instalação da situação traumática: um excesso de excitação que deixa o aparelho psíquico completamente desamparado ante tal invasão (PEREIRA, 2008, p.190).

Como pontua Pereira, a situação traumática é resultado do fator quantitativo, ou seja, o excesso energético ocasiona a situação de desamparo que acomete o indivíduo. Convém destacar que nessa discussão constatamos uma vez mais a problemática do quantitativo que é central no âmbito dessa pesquisa. Com efeito, sob a perspectiva freudiana, a angústia se funde sobre a condição fundante de desamparo, cuja sensação é produzida pelo aparelho psíquico quando tomado pelo aumento insuportável da excitação pulsional. A dimensão econômica é colocada aqui em primeiro plano e o desamparo ligado à angústia envolve os limites da possibilidade de elaboração do aparelho psíquico.

Anteriormente, em nossa incursão por *Além do princípio do prazer*, abordamos o fato de que existe um ponto crucial em que o aparelho psíquico é invadido por uma quantidade energética do qual não consegue dar conta, isto é, as ocorrências traumáticas. Elas se caracterizam pela presença de intensidades das quais o organismo não consegue se defender, uma vez que são originadas do interior do organismo e, como Freud diz reiteradas vezes, não há proteção contra as exigências pulsionais internas: “Mas o Eu não pode proteger-se de perigos instituais [pulsionais] internos de modo tão eficaz como de uma porção da realidade que lhe é alheia”(FREUD, 2014, v. 17, p.103). Sob a leitura freudiana, a vivência do nascimento é experienciada pelo recém-nascido como uma situação traumática de puro desamparo e ameaça de risco e aniquilamento. Desde então, situando-se nesse solo da angústia originária do desamparo, Freud relaciona o perigo com a ameaça de uma nova experiência traumatizante, como afirma Rocha:

No texto freudiano, 'Angst' manifesta-se, quase sempre, como uma reação afetiva diante de uma situação de perigo, perigo este causado por um excesso de excitação, que ameaça romper as barreiras de proteção do organismo e do psiquismo e aniquilar o sujeito" (ROCHA, 2000, p.36).

Todo e qualquer indivíduo está exposto a passar pelo retorno da situação traumática original, como pontua Freud: "Deve haver, para cada indivíduo, um limite além do qual seu aparelho psíquico fracassa em lidar com quantidades de excitação que requerem aviamento" (FREUD, 2014, v.17,p.69). Portanto, a angústia consiste, por um lado, numa expectativa do trauma quando gerada pelo Eu ante a ameaça iminente de perigo e, por outro, é a repetição do trauma primeiro de forma automática, devido ao incremento quantitativo perigoso, excesso, similar ao ocorrido no nascimento:

A angústia é a original reação ao desamparo no trauma, que depois é reproduzida na situação de perigo como sinal para ajuda. O Eu, que viveu passivamente o trauma, repete ativamente uma reprodução atenuada do mesmo, na esperança de poder ele próprio dirigir seu curso. Sabemos que a criança se comporta dessa maneira com todas as impressões que lhe são penosas, reproduzindo-as na brincadeira; ao assim mudar da passividade para a atividade, ela busca dominar psiquicamente as impressões de sua vida. Se este for o sentido da "ab-reação de um trauma", não há mais o que objetar a isso. O decisivo, porém, é o primeiro deslocamento da reação de angústia, de sua origem na situação de desamparo à expectativa dessa, a situação de perigo (ibid., pp. 86-87).

No decorrer das alterações surgidas em 1926, com *Inibição, sintoma, e angústia*, a angústia é tratada em duas vertentes: a primeira é a angústia situada no Eu que serviria como um aviso de um certo perigo, o sinal de angústia, e a segunda forma de angústia surge da vida pulsional, imoderada e agressiva, exercendo sobre o Eu o terror de destruição, na medida em que o aparelho psíquico não consegue coordenar mecanismos para elaborar o afluxo intenso de excitações pulsionais que lhe acometem. A angústia automática é uma forma terrível e incontrolável de excitação libidinal. Nesse sentido, afirma o comentador:

Pelo sinal de angústia, o aparelho psíquico visa impedir esse excesso pulsional insuportável e desnaturado que é a angústia automática. Tal estado de coisas se instala quando o aparelho psíquico encontra-se incapaz de dar conta do afluxo de excitação sexual que o atinge (PEREIRA, 2008, p.85).

O importante para Freud é distinguir na angústia aquilo que desperta o Eu e mobiliza suas ações defensivas para controlar as situações de perigo, visto que sem tais estratégias ele poderá ser dominado de súbito por uma invasão pulsional ante a qual não terá controle algum, tal como ocorre nas experiências traumáticas. O Eu produz a angústia suportável para criar condições de se defender da situação traumática de um excesso de angústia inesperada e incontrolável (ROCHA, 2000). Pode-se concluir que a angústia é uma reação ao perigo da perda do objeto e da perda de si mesmo. Como a ameaça do ataque pulsional é um perigo interno, é por ocasião desse ataque que surge a necessidade do recalque primário para proteger o organismo da invasão transbordante do excesso energético. Freud em *Inibição, sintoma e angústia*: “É perfeitamente plausível que fatores quantitativos, como a intensidade muito grande da excitação e a ruptura contra estímulos, sejam as causas imediatas das repressões primordiais” (FREUD, 2014, v.17,p.24). Pereira acrescenta que o recalque originário teria o sentido de “[...] um movimento psíquico fundador buscando conter a invasão transbordante do sexual no campo do aparato psíquico. Ou seja, o que é originariamente recalcado é a tendência a um gozo sem limites” (PEREIRA, 2008, p.146).

Aqui seria pertinente delimitarmos que gozo não está relacionado ao prazer sexual, mas é um conceito oriundo dos trabalhos de Lacan que adquire relevância para nossa discussão à medida que remete para a quantidade, para o excessivo que transborda o indivíduo. É possível a aproximação da noção de energia psíquica e seus destinos com o que Lacan denomina de gozo. Para o autor, o conceito de gozo consiste num estado que corresponderia à situação em que uma certa tensão fosse totalmente descarregada, sem obstáculo e sem nenhum limite. Podemos aproximar o gozo com o quantitativo na medida em que ele é sentido como algo demasiado, excessivo, em transbordamento ou, como aponta Dunker: “O gozo é quantidade fora do lugar, quantidade indecifrável”

(DUNKER, 2002, p.128). Por seu turno, J. D. Násio aponta que, embora Lacan não tenha concebido o gozo como uma entidade energética e física, é possível interpretá-lo servindo-nos da metáfora energética, tal como foi utilizada por Freud em relação a pulsão, para dar conta do aspecto dinâmico e intensivo do gozo. E acrescenta: “Mas há ainda outro argumento que confere ao gozo um estatuto energético, a saber, sua qualidade de força permanente do trabalho do inconsciente” (NASIO,1993,p.32). Para nós, é importante destacar que o gozo e o prazer são duas maneiras diferenciadas de manifestação da energia psíquica. O prazer é a consciência e a sensação de diminuição da tensão, enquanto o gozo, além de ser inconsciente, apresenta-se como o aumento de tensão. Consoante Násio:

De um ponto de vista econômico, quer dizer, do ponto de vista da variação da intensidade da energia, o prazer é, antes de mais nada, a sensação agradável percebida pelo eu quando de uma baixa da tensão. No prazer — lembrem-se de Freud —, trata-se de uma diminuição da tensão psíquica, no sentido do repouso e da distensão. O gozo, por sua vez, consiste numa manutenção ou num vivo aumento da tensão. Ele não é imediatamente sentido, mas se manifesta, indiretamente, quando das experiências máximas que têm que atravessar o corpo e a psique, o sujeito inteiro. O gozo é uma palavra para expressar a experiência de vivenciar uma tensão intolerável, mescla de embriaguez e estranheza. O gozo é o estado energético que vivemos em circunstâncias-limite, em situações de ruptura, no momento em que estamos em condições de transpor um limite, assumir um desafio, enfrentar uma crise excepcional, às vezes dolorosa (ibid., pp.39-40).

Nesse sentido, gozo e prazer não se misturam. O prazer na letra de Freud é sempre o resultado de uma tensão reduzida, enquanto o gozo, para Lacan, é a permanência de uma experiência de tensão máxima. No gozo, o corpo é posto à prova, ele é submetido a um alto nível de tensão. Nessa perspectiva, podemos ver uma mudança na visão comum do gozo como algo prazeroso. Sob esse novo entendimento, o gozo se situa no patamar do excessivo que leva o corpo para a tensão máxima, para o júbilo, extrema dor e sofrimento. É o que diz Lacan: “O que chamo gozo no sentido daquilo que o corpo experimenta é sempre da ordem da tensão, do forçamento, do gasto, inclusive da proeza” (LACAN, 2001, p.12).

Lacan desenvolveu uma concepção de gozo para além do princípio do prazer, uma vez que esse é a busca por escoamento energético, enquanto aquele é a busca pela tensão máxima. É nesse sentido que o gozo se diferencia do desejo freudiano. Como desenvolvemos anteriormente, o desejo na letra de Freud é a busca pela satisfação sexual que aplaca o acúmulo de tensão no processo de descarga energética. O desejo é ancorado na reanimação contínua da satisfação primeira vivida pela criança diante da situação de desamparo e que, posteriormente, se torna a meta de todo desejo. Nesse processo, o que se satisfaz é a necessidade que se acumula e gera tensão e não a pulsão. Essa possui outros objetivos, além de não possuir objeto próprio que a apazígue. Observa Braunstein: “A meta da pulsão não é o aplacamento, a satisfação, mas a falha que relança o movimento pulsional, incansavelmente, sempre para frente” (BRAUNSTEIN, 2007, p.53). Braunstein ainda argumenta que a pulsão de morte está do lado do gozo e da dor, ela não persegue a satisfação, mas a constante repetição, pois a pulsão sempre deixa um resto de insatisfação que estimula a repetição. O autor também acresce que “[...] o gozo é a satisfação de uma pulsão, sim, mas de uma muito específica, a pulsão de morte [...]” (ibid., p.60).

Retomemos nosso percurso. A angústia é elemento primário, ela acompanha o ser humano desde o início e sinaliza uma condição de desamparo inerente. Desamparo frente à ameaça de uma pura descarga energética que pode nos aniquilar. A angústia é um sinal da situação do desamparo psíquico sobre o qual se estende a vida do sujeito. Na situação traumatizante do desamparo, o sujeito é totalmente inundado, atravessado por uma situação intensiva que não consegue de forma alguma enfrentar. Nas palavras de Laplanche, a angústia: “[...] seria então o ego entregue à pulsão, transbordado por ela, como o bebê – que não tem ainda ego mas que é ego - é entregue ao transbordamento da energia interna [...]” (LAPLANCHE, 1988, p.141). Ou, ainda acrescenta o autor francês: “A angústia seria o aspecto inconciliável do desejo, de todo desejo e, no melhor dos casos, o restante, reduzido ao mínimo, mas o restante inconciliável, deste” (ibid., p.142).

Bataille, por sua vez, também não deixa de sinalizar a presença da angústia no ser humano, principalmente quando o indivíduo é colocado ante

experiências viscerais, como o erotismo, o riso, o sacrifício, o êxtase místico, a continuidade, experiências que conduzem à perda. De todo modo, podemos afirmar que a angústia está sempre presente nas obras do pensador francês, ela se liga aos momentos de intensidade. Em *O Culpado*, de 1944, lemos:

A ruptura da ordem estabelecida. O riso, o orgasmo, o sacrifício, esses desfalecimentos que dilaceram o coração, são as manifestações da angústia: nelas, o homem é o angustiado, aquele que a angústia estreita, encerra, possui (BATAILLE, 2017, p.93).

Sob a ótica do autor, a angústia é um sentimento que se intensifica ante a ruptura, ela é da ordem do que se espalha e invade o ser humano e lhe revela o sem fundo do mundo, a verdade profunda da angústia é o medo do nada. O autor escreve: “Mas, na angústia, há mais que a preocupação com um perigo que exige a ação em resposta. A angústia é o medo, e ao mesmo tempo o desejo de se perder [...]” (ibid., p.125). A angústia crua não possui objeto, ela é irreduzível, sempre próxima da ameaça do gozo intenso, perigo imediato, ela sinaliza para cada um a necessidade da perda:

Uma perda parcial é para o ser um meio de morrer sobrevivendo. É loucura querer evitar o horror da perda. O desejo solicita o horror possível – no limite da intolerância. Trata-se de abordar a morte de tão perto quanto se puder suportar. Sem desfalecer – se preciso, mesmo desfalecendo (ibid., p.127).

Podemos perceber que a angústia, para Bataille, sempre vem acompanhada de uma espécie de febre, êxtase e medo que se combinam. De sorte que por um lado ela desperta fascinação e desejo, por outro se traduz em medo e terror. Para o autor, a angústia e a busca por sua supressão constituem o fundamento do ser humano. Em *O Erotismo*, sua afirmação vai nessa direção: “A atitude angustuada que fundou os interditos opunha a recusa – o recuo – dos primeiros homens ao movimento cego da vida. [...] A angústia, ao que parece, constitui a humanidade: não a angústia unicamente, mas a angústia superada, a superação da angústia” (BATAILLE, 2014, pp.109-110). Mas, além da

presença constante no ser humano, a angústia é o sinal de alerta do aniquilamento de si próximo da consciência, é o sentimento de pânico ontológico que invade o indivíduo ante a ameaça de sua finitude. Sasso atenta que há dois caminhos possíveis para a angústia:

Diante da angústia há duas saídas possíveis: ou bem a fuga, regressando para o conforto do conhecido, da consciência de si, dos limites, ou bem, para o transbordamento, o acesso a um estado extático do qual Bataille diz, seguindo aqui os místicos, que é o arrebatamento (SASSO, 1978, p.113).

Na senda dessa observação do comentador, vale notar que Bataille não se furta a aproximar a experiência do erotismo com a vivência mística. Defende, assim, que os transbordamentos que acometem os místicos em muito se assemelham com o ápice do prazer sexual. A efusão mística é semelhante aos transbordamentos da volúpia física, elas possuem equivalências e trocas, um dos fios que conduz essas experiências é a intensidade extrema. A atitude mística, sustenta ele, se parece com a erótica à medida que ambas possuem a aceitação do risco, do êxtase e do desfalecimento. Esses estados são instantes intensivos em que o ser humano sai fora de si, entrega-se ao excesso e acessa a fusão com o sagrado. Para Bataille, o eros carnal e o êxtase do místico constituem a esfera do sagrado, o santo e o pecador se assemelham na medida em que estão fora do meio termo, eles buscam a ruptura e a destruição de todos os limites. Mesmo que as experiências dos transportes eróticos conduzam mais facilmente ao questionamento humano e ao dilaceramento extremo, as experiências místicas também apresentam movimentos tortuosos e febris ligados ao excesso, daí as similitudes entre o excesso erótico e o excesso do transe místico que tocam o limite do ser. Em seu trabalho *O Erotismo*, o autor afirma:

Esses transe, esses arrebatamentos e esses estados teopáticos abundantemente descritos por místicos de todas as disciplinas (hindu, budista, muçulmana ou cristã – sem falar daqueles, mais raros, que não pertencem a nenhuma religião) têm o mesmo sentido: sempre, é de um desapego em relação à conservação da vida que se trata, da indiferença a tudo o que tende a

assegurá-la, da angústia experimentada nessas condições até o instante em que as potências do ser soçobram, enfim, da abertura a esse movimento imediato da vida que é habitualmente comprimido, que se libera, de repente, no transbordamento de uma alegria de viver infinita. A diferença entre essa experiência e a da sensualidade se deve apenas à redução de todos esses movimentos ao domínio interior da consciência, sem intervenção do jogo real e voluntário dos corpos [...] (BATAILLE, 2014, p.272).

Voltando a questão da angústia, para Bataille, essa é o sinal de alarme provocado pela ameaça da aniquilação dos limites do ser individual. No entanto, apesar do medo e terror que possam nos invadir, a angústia ocasiona uma força que pode engajar o ser humano na procura de uma experiência para além de si mesmo, momento de entrega em que nos perdemos e nos comunicamos com um além inapreensível. Nas palavras do autor em *A experiência interior* (1953):

Quando solicito docemente, bem no coração da angústia, uma estranha absurdez, um olho se abre no topo, no meio do meu crânio. Esse olho que, para contemplá-lo, em sua nudez, cara a cara, abre-se para o sol em toda a sua glória não é obra da minha razão: é um grito que me escapa. Pois, no momento em que a fulguração me cega, sou o estilhaço de uma vida quebrada, e essa vida – angústia e vertigem – abrindo-se para um vazio infinito, dilacera-se e se esgota de uma só vez nesse vazio (BATAILLE, 2016, p.112).

Consoante nosso caminho até aqui percorrido, podemos afirmar que, para nossos autores, a angústia é a manifestação de um excesso que não se domina facilmente. Ameaça de aniquilamento ou invasão pulsional na letra de Freud ou companheira constante nas experiências de intensidade e excesso. Como destaca Bataille, a angústia é traço permanente da condição humana. Fruto do excesso que nos funda, a angústia nos autores é incontornável e inconciliável.

Veremos em nosso próximo capítulo que o quantitativo não enseja apenas a angústia como descrito acima. De fato, o excesso pode originar na perspectiva de Bataille um jogo entre o interdito e a transgressão que abre possibilidades para o erotismo, êxtase e soberania. Na perspectiva freudiana, o recalque é o mecanismo levantado para conter o excesso pulsional, mas acaba causando o

sintoma e a neurose. Porém, antes de adentrar no próximo capítulo, teceremos algumas considerações sobre o mal na perspectiva dos nossos autores.

2.6- O retorno do mal

Ao nos basearmos nos trabalhos de Freud e Bataille, destacamos a figura do excesso e do pulsional como representantes de um quantitativo que acoessa o ser humano constantemente e exige trabalho de escoamento. Essa força constante e disruptiva, embora seja canalizada para fins úteis, contém um resto que não se esgota, ocasionando a exigência de gasto para além do registro da ordem e do útil. Surge, assim, no pensamento dos autores, o que está para além do representável e da mera busca do prazer, a saber, a figura do mal.

Nos escritos de Bataille, podemos destacar que, para o pensador, o mal é tudo aquilo que abala as estruturas do ser, é o excesso e a transgressão dos limites, é o abalo erótico de todas as vivências de intensidade que lançam o ser humano para fora da individualidade bem constituída. Para Bataille, o mal é o estouro da energia quando entra em cena a transgressão e as experiências intensivas. Esses momentos intensivos representam o mal apenas do ponto de vista da moral tradicional que busca, de forma resoluta, a conservação do indivíduo. Em *A literatura e mal (1957)*, o autor aponta: “A moral tradicional concilia-se com a avareza, vê na preferência pelo gozo imediato a raiz do mal” (BATAILLE, 1957, p.176).

Procuramos, anteriormente, evidenciar que, sob o ângulo do autor, o erotismo constitui uma experiência privilegiada, na qual a individualidade encontra o máximo de desagregação e as forças que ele libera são intensas e tocam o limite do ser. Em *Sobre Nietzsche*, lemos:

A vida sexual considerada em relação a seus fins é quase inteiramente excesso- selvagem irrupção rumo a um ápice inacessível. Exuberância que se opõe por essência à preocupação com o tempo do porvir (BATAILLE, 2017, p.65).

Logo, o excesso que move o ato erótico e o conseqüente gasto desordenado de energia conduz ao desejo de quebrar os limites do ser, mas, justamente esse momento, é contrário à conservação e ao bem do ser: “Entretanto, os dispêndios desordenados de energia a que nos leva a vontade de romper o limite do ser são desfavoráveis à conservação desse ser” (ibid., p.316).

A moral cotidiana, consoante Bataille, julga como moralmente o bem de um ser apenas aqueles atos que visam sua conservação e possuem uma finalidade útil. No entanto, as forças dispendiosas envolvidas no erotismo não agem no sentido de conservar o ser, mas sim de perdê-lo, de desagregá-lo e forçá-lo até os limites extremos. A avareza da moral tradicional, que apenas pensa em se guardar e reservar as energias, julga o gasto desmesurado como o mal. Na direção inversa, Bataille vai sustentar que essa moral é a moral do declínio e do rebaixamento do ser, diferente da conduta de entrega ao movimento do excesso que é o ápice verdadeiro:

O ápice corresponde ao excesso, à exuberância das forças. Leva ao máximo a intensidade trágica. Está ligado aos gastos desmesurados de energia, à violação dos seres. Está portanto mais próximo do mal do que do bem” (ibid., p.57).

Sob esse prisma, o mal se traduz em dilapidar recursos seja em atos como jogar, beber, transgredir e a moral tradicional é apenas uma tranca oposta aos nossos desejos. Contudo, não se pode elidir o fato de que o mal praticado por aqueles que se entregam à devassidão sem fim leva-os a arriscarem seus próprios interesses, seu futuro. Mas, se arriscam a garantia do futuro, ao menos experimentam o êxtase do instante, o jogo, o risco e a chance de acessar o limite do ser.

Bataille destaca ainda que a moral se constitui como uma constante especulação sobre o porvir de atos virtuosos, submetendo a castidade e a inibição como um cálculo interessado e postula como o bem máximo do ser a duração apenas. Desse modo, o autor pontua que a moral procura desviar-nos

do perigo do excesso e da sensualidade, trocando o valor do ápice imediato pelo ápice espiritual que, na verdade, é a moral do declínio:

Seja como for, só escapamos da vertigem da sensualidade imaginando um bem, situado no tempo futuro, que ela arruinaria e que devemos preservar.[...] Para além da sensualidade, da resposta ao desejo, estamos, com efeito, no domínio do bem, ou seja, da primazia do futuro em relação ao presente, da conservação do ser em relação a sua perda gloriosa (ibid., p.69).

Conquanto a moral tente apaziguar e obstaculizar a entrega ao movimento vertiginoso que ela identifica com o mal, esse, na verdade constitui, já o sabemos, a essência mesma do ser humano, sua parte maldita que obriga à ação dilapidadora, ao excesso dispendioso, enfim, ao mal.

De todo modo, é bom destacar que mais uma vez se faz presente nas elaborações de Bataille o princípio da economia geral que destacamos no início do nosso trabalho, a ebulição inerente aos seres é um princípio:

De modo geral, parece que humanamente a soma de energia produzida é sempre superior à soma necessária à produção. Daí esse contínuo excedente de energia espumante – que nos leva infundavelmente ao ápice – constituindo essa parte *maléfica* que tentamos (em vão) gastar para o *bem* comum (ibid., p.74).

Entretanto, se é inevitável para o ser humano se ater aos limites dados pela razão e reconhecer a necessidade de considerar o cálculo e o interesse em se conservar, também se deve levar em conta que existe nele uma parte maléfica, irreduzível e excessiva da qual não se escapa. Dessa força excessiva, o ser humano vivencia a transgressão, os atos eróticos, a embriaguez, a desordem, os momentos vertiginosos em que escapa dos limites e acede ao ápice. Nesses instantes de intensidade abandona o bem e se entrega ao prazer de praticar o mal.

Na letra freudiana, as considerações sobre a existência de um pendor para a maldade nas condutas humanas se acentuam com o estabelecimento do segundo dualismo pulsional. A figura da pulsão de morte radicaliza a presença

de uma força disruptiva como constituinte do ser humano, o que significa que Freud assume a existência de uma pulsão destrutiva e completamente independente da sexualidade, reconhecendo, desse modo, a maldade intrínseca e irreduzível do ser humano, de sorte que a pulsão de morte aponta para uma autonomia originária do mal no ser humano. Em *O mal-estar na Cultura*, o autor confirma que:

Para tudo o que segue, portanto, assumo o ponto de vista de que a inclinação agressiva do ser humano é uma disposição de impulsos original, independente, e volto a afirmar que a cultura encontra nessa inclinação o seu mais poderoso empecilho” (FREUD, 2010, p.141).

Desse modo, Freud distingue a libido como manifestação da força das pulsões de vida e a manifestação agressiva como uma disposição advinda das pulsões de morte: “Esse impulso agressivo é o derivado e o principal representante do impulso de morte que encontramos ao lado de Eros, e que divide com este o domínio do mundo” (ibid., p.142). A autonomia da pulsão de morte e sua manifestação como pulsão de destruição se coadunam com o princípio da pulsão enquanto uma quantidade energética que está fora da ordem do princípio do prazer. Trata-se de pura energia de dispersão. Nesse sentido, a agressividade perfaz uma inclinação autônoma da pulsão de morte que não se confunde com a pulsão de vida. Evidencia-se, assim, o reconhecimento, por parte de Freud, da existência do mal radical no homem. Garcia-Roza, em *O mal radical em Freud* (1990), diz:

[...]a tese de uma destrutividade fundamental, de uma vontade maligna inerente ao ser humano e não tributária da sexualidade, torna-se irrecusável. Freud coloca-se assim ao lado daqueles que postularam algo a respeito da natureza moral do homem. Mais ainda, coloca-se ao lado daqueles que afirmaram uma maldade original do ser humano (GARCIA-ROZA, 1990, p.148).

A destrutividade concebida por Freud na medida em que é tributária da pulsão de morte revela-se um princípio, algo que é intrínseco ao ser humano e

que o acompanha desde sempre. Daí decorre a ideia de que há no ser humano a presença de um mal radical, um princípio disruptivo que desagrega e que ocasiona inúmeras turbulências e desordens na cultura humana. Assim fica também inscrito na essência do humano um pendor para práticas e desejos que não considerem a existência do outro ou a conservação do próprio indivíduo. Essa disposição destrutiva constitutiva do homem, configura o empecilho maior para a perenidade do mundo organizado, a presença de uma força que é disruptiva e desagregadora ocasiona um desafio para as relações entre os indivíduos que parece ser insuperável. Consequentemente, são graves as consequências da manifestação da agressividade ou da pulsão de morte no tecido social. Em *O mal-estar na Cultura*, Freud o enuncia:

A parcela de realidade por trás disso tudo, que se prefere recusar, consiste no fato de que o ser humano não é uma criatura afável e carente de amor que, no máximo, é capaz de se defender quando atacada, mas que ele pode contar com uma cota considerável de tendência agressiva no seu dote de impulsos. Por esse motivo, o próximo não é apenas um possível ajudante e um possível objeto sexual, mas também uma tentação para se satisfazer nele a agressão, explorar sua força de trabalho sem recompensá-lo, usá-lo sexualmente sem o seu consentimento, apropriar-se de seus bens, humilhá-lo, causar-lhe dor, torturá-lo e matá-lo (FREUD, S., 2010, pp.123-124).

Como Freud afirma, existe uma potência destrutiva no ser humano que não se pode elidir para o mundo humano. Isso apresenta-se como um problema de sérios contornos na medida em que o próximo é sempre uma possibilidade de ser usado para exercer uma agressão ou para se obter prazer. Destarte, em ambos os autores, prevalece a compreensão de que o ser humano não se satisfaz com a busca pelo bem e para o bem, suas teses demonstram que, na verdade, a busca fundamental desse ser que somos empenha-se na procura permanente pela experiência do mal. São as figuras do excesso, desordem, sofrimento, gozo, pulsão de morte, repetição, violência, sintoma, amor e ódio que são as partes malditas do ser humano e da sociedade.

Podemos retomar, nesse sentido, a discussão sobre o mal que tecemos no início desse trabalho. Naquele momento, desenvolvemos sumariamente

como o mal adquire, sob a perspectiva de Balandier, a figura da desordem que acomete todas as sociedades, desordem que o conjunto social busca de alguma forma absorver para o bem do coletivo. No entanto, para Freud e Bataille, essa desordem excessiva não é facilmente controlável. Os mecanismos para contê-la não conseguem canalizar toda essa força disruptiva na direção do bem do conjunto social, permanecendo um resto, um negativo que é a parte maléfica do ser humano, parte irredutível.

Dessa força que não se aproveita para fins úteis, Bataille pensa ser a 'melhor' parte do ser humano, aquela que conduz ao ápice das experiências intensivas que permitem acesso ao limite do ser, como no caso do erotismo. Freud, por sua vez, não entrevê a vivência do excesso como um caminho para o ápice do ser. O excesso, para o pensador vienense, é uma força incontornável que se expressa na inclinação para a agressividade e no prazer em fazer sofrer, ou seja, em praticar o mal.

Essas perspectivas desenvolvidas por Freud e Bataille perfazem o que Rosenfield destacou como a necessidade de pensar o mal após os eventos advindos na modernidade. Como acompanhamos, esses eventos mostraram o ser humano como potencialmente capaz de desejar e exercer o mal mediante uma decisão fundamentada na livre escolha. Assim, admite-se a maldade como uma das figurações possíveis do ser humano, não como desvio de uma bondade inata, como postulada pelas teodiceias. Vimos como Ricoeur apresenta os impasses das explicações que tentam dar conta de um criador infinitamente bom e sua criação que se inclina em direção ao mal. Nessas leituras, tal como conclui Ricoeur, o mal permanece sempre um escândalo, algo inexplicável.

Nesse sentido, os autores aqui estudados assumem a problemática do mal e buscam interpretá-la sem ocultar ou negar a sua realidade. Na verdade, como antes postulado, para esses pensadores, é impossível contornar esse fundo abissal do ser humano que instaura a figura da malignidade enquanto parte maldita que nos constitui.

3- O retorno do excesso

3.1- Conflito neurótico e sofrimento

Neste capítulo, interessa-nos interrogar as vias pelas quais os autores aqui estudados refletiram acerca do caminho encontrado pelo excesso para manifestar-se a despeito das barreiras humanamente inventadas para se precaverem da destruição que dele advém. Ou seja, objetivamos problematizar como Freud e Bataille pensaram os mecanismos que visam proteger o ser humano do excesso. Nesse sentido, procuraremos evidenciar o modo pelo qual Bataille concebe o interdito como caminho para combater o excessivo e de que forma Freud elabora o recalque, o sintoma e a neurose como formas de se defender do perigo pulsional, a saber, do excesso.

Inicialmente, trataremos dessas questões em Freud, voltando-nos para a questão do sofrimento neurótico e do recalque. *Nas Cinco Lições de Psicanálise* (1910), Freud propicia-nos uma apresentação do conflito neurótico, o qual sua elaboração foi paulatinamente erigida no decorrer de sua investigação clínica e teórica. O conflito neurótico é um fenômeno patológico em que os pacientes, histéricos e neuróticos, recordam situações dolorosas ocorridas no passado, de modo intenso e, ao não se desligarem dessas vivências pregressas, afastam-se do real e do presente: “Essa fixação da vida psíquica aos traumas patogênicos é um dos caracteres mais importantes da neurose e dos que têm maior significação prática” (FREUD, 2006, v.XI,p.33). As ocorrências patogênicas na vida dos pacientes, afirma Freud, foram desencadeadas por uma incompatibilidade na vida representativa do indivíduo através da vivência de afetos dolorosos que eram insuportáveis para o paciente e, por esse motivo, foram recalcados, aumentando assim o conflito psíquico. Delineia-se, desse modo, as condições para que a neurose aflore:

Tratava-se em todos os casos do aparecimento de um desejo violento, mas em contraste com os demais desejos do indivíduo e incompatível com as aspirações morais e estéticas da própria personalidade. Produzia-se um rápido conflito e o desfecho desta luta interna era sucumbir ao

recalque a ideia que aparecia na consciência trazendo em si o desejo inconciliável, sendo a mesma expulsa da consciência e esquecida, juntamente com as respectivas lembranças. Era, portanto, a incompatibilidade entre a ideia e o ego do doente, o motivo do recalque; as aspirações individuais, éticas e outras, eram as forças repressivas. A aceitação do impulso desejoso incompatível ou o prolongamento do conflito teriam despertado intenso desprazer; o recalque evitava o desprazer, revelando-se desse modo um meio de proteção da personalidade psíquica (FREUD, 2006, v. XI, p. 39).

Como Freud elucida, o que lhe permitiu clarificar o conflito neurótico foi o próprio processo de cura no decorrer do processo analítico, pois durante a anamnese, o médico vienense percebia que os pacientes eram dominados por uma força que os impossibilitavam de recordarem a vivência dolorosa: essa força era sentida como uma certa resistência ao ato de recordar. Freud percebe o conflito psíquico da histeria e das neuroses a partir dessas resistências. Nesse sentido, a cura dos pacientes também era alcançada mediante a eliminação dessas resistências, sendo que a dissolução dessas era necessária para a recuperação do indivíduo. Mediante o processo de cura e seu mecanismo, Freud consegue formar uma explicação para a origem do conflito psíquico:

As mesmas forças que hoje, como resistência, se opõem a que o esquecido volte à consciência deveriam ser as que antes tinham agido, expulsando da consciência os acidentes patogênicos correspondentes. A esse processo por mim formulado, dei o nome de 'recalque' e julguei-o demonstrado pela presença inegável da resistência (FREUD, 2006, v. XI, p.39).

Baseando-se nos casos clínicos, o autor percebe a presença de uma 'força', a resistência, e a conseqüente dedução do processo defensivo. Desse modo, Freud propõe que a 'força' que resiste seria a mesma que ocasionara, em um tempo anterior, o surgimento do sintoma. A presença dessa força é prova da ocorrência do processo de recalque. Esse último se traduz em ato realizado pelo 'Eu' no instante que surge a ideia que lhe é inconciliável e, nesse processo, um grupo psíquico é separado. Freud detalha o processo:

Era, portanto, a incompatibilidade entre a ideia e o ego do doente, o motivo do recalque; as aspirações individuais, éticas e outras, eram as forças recalcantes. A aceitação do impulso desejoso incompatível ou o prolongamento do conflito teriam despertado intenso desprazer; o recalque evitava o desprazer, revelando-se desse modo um meio de proteção da personalidade psíquica (ibid., p.39).

Com tal hipótese, Freud explica a divisão psíquica da personalidade manifesta nas neuroses mediante o conflito de forças contrárias, originada da oposição entre dois agrupamentos psíquicos. Assim, ele estabelece lugares e destinos diferenciados para o recalcado e o agente que recalca, lugares representados pelo consciente e pelo inconsciente.

Com o objetivo de expressar a função principal atribuída ao conflito psíquico presente nas neuroses, Freud conceitua o conflito como produto da oposição entre pulsões sexuais e pulsões do Eu. Desse modo, o conflito psíquico se traduz pelo antagonismo entre as pulsões de autoconservação (ou pulsões do Eu) que buscam a preservação do indivíduo e as pulsões sexuais que visam alcançar o prazer. As pulsões do Eu constituem as forças recalcantes e as pulsões sexuais as forças recalcadas por serem inconciliáveis com os desígnios da consciência. Especificamente, o Eu é uma região formada por um grupo de representações - espaço da personalidade que busca ser protegido contra qualquer representação dolorosa, é ante tal organização que ocorre a representação incompatível, originando o afeto desagradável seja porque essa ideia é contrária aos princípios morais do indivíduo, seja porque lhe causa dor e sofrimento ou ainda por que seu conteúdo é de caráter sexual. Nesse sentido, manter as representações inaceitáveis separadas da consciência implica a assumir o princípio de um conflito entre forças opostas, mas também de regiões psíquicas diferentes nas quais imperam essas forças distintas. Desse modo, Freud, em *Cinco Lições de Psicanálise*, avança na sua concepção de um aparelho psíquico dividido por forças em conflito:

Não atribuímos a divisão psíquica à incapacidade inata para a síntese da parte do aparelho psíquico, mas explicamo-lo dinamicamente pelo conflito de forças mentais contrárias, reconhecendo nele o resultado de uma luta ativa da parte dos

dois agrupamentos psíquicos entre si” (FREUD, S., 2006, v. XI, p.40).

Convém destacar que esses locais são delineados na primeira teoria do aparelho psíquico, denominada de Primeira Tópica e desenvolvida em sua obra *Interpretação dos Sonhos* (1900). No item (B) do cap. VII deste trabalho, Freud propõe investigar as funções psicológicas envolvidas no ato de sonhar. Delinear-se-á assim a primeira teoria do aparelho psíquico freudiano, mais conhecida como Primeira Tópica. Nessa, o autor caracteriza três sistemas: inconsciente (Ics.), pré-consciente (Pcs.) e consciente (Csc.).

O conflito psíquico é resultado do embate entre as pulsões de autoconservação que atuam no sistema pré-consciente (Pcs.- Csc.) em oposição às pulsões sexuais que encontram expressão no conteúdo do sistema inconsciente (Ics.), uma vez que Freud correlaciona o recaiado com o sistema Ics e o Eu, instância que recalca, com os sistemas Pcs.-Csc. Como acompanhamos acima, as pulsões sexuais são, em geral, incompatíveis com as pulsões de autoconservação, elas aderem aos desejos presentes no Ics., enquanto o sistema Csc., investido pelas pulsões do Eu, exercem o recalque.

Nesse desenho da primeira tópica, Freud estabelece uma separação nítida entre o Eu como agente que recalca e o recaiado como inconsciente, de modo que nesse último se encontra tudo o que no conflito é recusado, isto é, o polo pulsional que foi recaiado.

Assim, na primeira tópica, surge uma tensão entre um desejo sexual represado no sistema Ics com os padrões morais do sistema Pcs, de modo que, ao falhar o recalque, o desejo recusado surge sob a forma de um sintoma neurótico que, em última instância, consoma a sua realização ainda que sob a formação de compromisso. Portanto, no conflito neurótico, os desejos inoportunos são expelidos da consciência pelo processo de recalque e expulsos para o inconsciente. Para que lá permaneçam, a resistência exerce uma pressão contínua, o que envolve um gasto energético que também é prejudicial para o indivíduo.

Procuramos mostrar nessa breve incursão pelo conflito neurótico, a sua fundamentação no embate entre forças antagônicas que se opõem no psiquismo

humano. Para expressar essa concepção dinâmica, Freud elabora sua teoria do aparelho psíquico, conhecida como Primeira Tópica, que é atravessada pela energia do primeiro dualismo pulsional representado pelas pulsões sexuais e pulsões de autoconservação. A visão dinâmica do aparelho psíquico de Freud concebe que ele é premido por forças que se opõem e que buscam a descarga, bem como que do conflito dessas forças surge uma concepção do mental dividido justamente pela ação dessas forças no mecanismo do recalque. O mecanismo do recalque, como vimos acima, ao separar o que é inconciliável, origina um outro grupo psíquico. A seguir abordaremos mais detalhadamente a relação do conflito neurótico e do sintoma com o excesso pulsional.

3.2 O Sintoma

Mediante a análise dos pacientes, Freud descobre que esses são tomados por desejos que são insuportáveis, são desejos de conteúdo sexual, incestuosos e que entram em conflito com a moral dos indivíduos. Estes indivíduos buscam meios de se defenderem dessas pulsões sexuais pelo mecanismo do recalque, como vimos acima. Assim, os neuróticos, usam do recalque para se defender das ideias intoleráveis que, embora inconscientes, continuam produzindo efeitos, o sintoma é um desses.

Desse modo, o recalque é a condição para a formação do sintoma, que é um substituto de algo que fora impedido pela força recalcante. A ocorrência do recalque sobre um determinado conteúdo tem como resultado a formação de um sintoma que tenta se fazer expressar de alguma forma. Nesse sentido, Freud considera que o sintoma constitui uma satisfação de desejo, um substituto da satisfação de desejo recalçado, como demonstrado na análise, e que ressurge na formação de compromisso. A formação de compromisso é o caminho que o recalçado usa para ser aceito no consciente, como no caso dos sonhos e dos sintomas. Nos sintomas, tal conciliação possibilita a satisfação de duas exigências opostas, a do desejo inconsciente e as exigências da defesa. Nas Conferências Introdutórias à Psicanálise, Freud descreve esse processo de formação dos sintomas:

Já sabemos que os sintomas neuróticos resultam de um conflito que surge em torno de uma nova maneira de satisfação da libido. As duas forças que divergiram tornam a se encontrar no sintoma, reconciliam-se, por assim dizer, mediante compromisso da formação do sintoma. Por isso o sintoma é tão resistente; ele é sustentado por ambos os lados (FREUD, 2018, v.13, p.478).

Freud desenvolve que o sintoma possui um sentido que está diretamente relacionado com alguma vivência do paciente, ou seja, o sintoma neurótico possui um sentido do mesmo modo que os atos falhos e os sonhos. Freud tinha por pressuposto que o sintoma possuía um sentido oculto a ser decifrado, geralmente ligado a uma experiência do passado da qual o paciente se afastaria do presente e do futuro: “A tarefa que se coloca, portanto, é a de encontrar, para uma ideia sem sentido e uma ação despropositada, aquela situação passada em relação à qual essa ideia se justifica e a ação revela propósito pertinente (ibid., p.361)”. Nesse sentido, a interpretação dos sintomas é realizada pelo deciframento, ou seja, pela via da produção de sentido, pois o sintoma neurótico é uma mensagem cifrada do inconsciente.

O pensador atenta que desde seu período de trabalho com Breuer, o método terapêutico consistia em libertar as pacientes histéricas de seus sintomas mediante a técnica de levar à consciência os processos que jaziam no inconsciente das pacientes. Desse modo, ao decodificar os sentidos dos sintomas, esses desapareciam:

A descoberta de Breuer constitui ainda hoje a base da terapia psicanalítica. A tese de que os sintomas desaparecem quando suas precondições inconscientes são tornadas conscientes foi confirmada por toda a pesquisa subsequente, embora deparemos com as mais notáveis e inesperadas complicações ao tentar pô-la em prática. Nossa terapia atua transformando o inconsciente em consciente e só tem efeito na medida em que pode levar a cabo essa transformação (ibid.,p.374).

Neste período inicial de sua clínica, Freud acreditava que descortinando o sentido dos sintomas eles viriam a se dissolver e o paciente se curaria. Para

tanto, bastaria vencer as resistências do paciente pelo trabalho de interpretação e mostrar ao mesmo os frutos da análise. Tudo se resumia em preencher as lacunas da memória e vencer as resistências originadas do recalque.

Contudo, aos poucos, o médico vienense percebe que nem sempre os pacientes querem se livrar dos seus sintomas. Freud se depara em sua prática clínica com o fato de que os sintomas possuem uma satisfação que torna o tratamento difícil e percebe que é com muita resistência que os pacientes desistem de seus sintomas ou quando muito desapegam desses apenas temporariamente e parcialmente. Nos primeiros anos de seu trabalho com a análise, essa questão já despontava em seus escritos. Em seu trabalho *Fragmentos da análise de um caso de Histeria (1905)* ele já dizia:

Aquele que pretende curar o doente tropeça então, para seu assombro, numa grande resistência, que lhe ensina que a intenção do paciente de se livrar de seus males não é nem tão cabal nem tão séria quanto parecia” (FREUD, 2006, v.VII, p.50).

Nesse sentido, é importante destacarmos que se a resistência, como Freud afirma acima, é a responsável pelo recusa do paciente em assumir seus desejos, isso não ocorre sem um grande dispêndio de energia, pois o ato de resistir manifesta a força atuante do recalque, a qual impede o pleno recordar dos desejos. Isso significa que o processo de recalque é uma ação contínua que envolve um grande gasto de energia para continuar mantendo o recalcado no inconsciente ou, dito de outro modo, o conflito de forças é constante e envolve um contínuo dispêndio energético.

Posteriormente, essa questão aflora de modo mais explícito em seu texto *Recordar, repetir, elaborar (1914)*. Freud destaca o apego que os pacientes possuem por seu sintoma e como esse apego se manifesta no fenômeno da repetição. No referido trabalho, de 1914, o autor discute as mudanças que a técnica psicanalítica sofreu desde seu início. Dentre as inovações, destaca-se o abandono da hipnose e ab-reação em troca do uso da interpretação e reconhecimento das resistências, assim como sua superação e consequente

eliminação. Com as inovações na técnica surgem novas manifestações psíquicas, dentre elas, a repetição, na qual “[...] o analisando não recorda absolutamente o que foi esquecido e reprimido, mas sim o atua. Ele não o reproduz como lembrança, mas como ato, ele o repete, naturalmente sem saber que o faz” (FREUD, 2010, v.10, pp.199-200).

Nesse sentido, a argumentação tecida no texto evidencia que o paciente se submete à compulsão de repetir, obstaculizando o correto recordar, o qual implicaria a superação das resistências e a elaboração psíquica da experiência patogênica. Entretanto, quanto mais a resistência se fizer presente, mais o correto recordar será dificultado pelo repetir. Freud aponta que as resistências influenciam na determinação do que será repetido. Desse modo elas elencam as vivências do passado do paciente que impedem o processo terapêutico. O paciente sob o influxo da resistência repete:

[...] tudo o que, das fontes do reprimido, já se impôs em seu ser manifesto: suas inibições e atitudes inviáveis, seus traços patológicos de caráter. Ele também repete todos os seus sintomas durante o tratamento” (FREUD, 2010, v.10, p.202).

O que se coloca em questão para Freud é o estranho fenômeno da repetição de fenômenos dolorosos, o que tratamos em capítulo anterior do nosso trabalho, e que conduziu Freud para a pulsão de morte. Mas, agora um outro aspecto que se descortina, também oriundo desse universo pulsional, como veremos, é o estranho fato de alguns pacientes se regalarem com seus sintomas, pois esses, como aponta Freud: “Crianças e jovens, em especial, costumam se aproveitar da indulgência pela condição enferma, que a terapia requer, para se regalar nos sintomas patológicos” (ibid., p.203).

Desse modo, no decorrer de sua prática clínica, Freud constatou que os pacientes além de apresentarem resistência ao processo de cura também manifestavam forte tendência a repetir vivências dolorosas que, ligadas ao universo pulsional como desenvolvemos acima, resultou na elaboração da pulsão de morte. Como acompanhamos em nosso trabalho, a repetição é uma tentativa de ligar a pulsão de morte, visando dominar um acontecimento

traumático que desarma todas as possibilidades de defesa, pois a quantidade de energia pulsional irrompe no organismo de forma avassaladora. Mais uma vez, podemos destacar como o quantitativo adquire importância para as elaborações de Freud, o traumático é o excessivo que acossa o organismo, gerando perturbação.

Desse modo, o que Freud investiga é a dificuldade dos pacientes em lidarem com uma vivência ou necessidade oriunda da ordem intensiva e que se manifesta para além da busca do prazer, estando muito mais próxima de experiências repetitivas, dolorosas e obsedantes. O pensador se depara com a satisfação compulsiva dos sintomas e com a resistência manifestada pelos pacientes que se apegam ao repetir. Além disso, Freud também percebeu em sua clínica o estranho fenômeno dos pacientes reagirem de modo negativo ao saberem dos progressos da análise, passando a manifestarem uma reação terapêutica negativa e apresentando piora no curso do tratamento em lugar de melhorar. A reação terapêutica negativa, a irreduzibilidade do sintoma, o sentimento inconsciente de culpa, a resistência à análise e a necessidade de castigo são as manifestações clínicas da pulsão de morte.

A pulsão de morte manifesta o aspecto paradoxal de uma satisfação pulsional que se situa para além do prazer, da qual o sujeito não abre mão e, na verdade, se empenha em buscá-la pela repetição. Essa satisfação compulsiva e repetitiva está fora do registro do prazer e é resistente ao deciframento quando se apresenta na formação do sintoma. Vemos que em sua prática psicanalítica, Freud se deparou com o fato de que descortinar o recalque não é suficiente para a dissolução ou modificação dos sintomas. Na verdade, ele percebe que a pulsão se infiltra no sintoma e acrescenta um certo modo de satisfação que se alimenta de forma contínua e dificulta a solução do conflito psíquico. Essa dificuldade origina-se da pulsão que alimenta essa exigência de forma contínua, Consoante Ocariz em seu trabalho *Sintoma (2014)*:

Algo se satisfaz no próprio sintoma. Essa foi outra descoberta de Freud. O sintoma não é uma metáfora da satisfação. Como herdeiro do conflito primitivo com a natureza sexual do montante de afeto, o sintoma se apresenta como formação substitutiva da

satisfação que falta. O montante de afeto tem a ver como *quantum* pulsional (OCARIZ, 2014, p.70).

Nesse sentido, Freud detalha algumas dessas formações substitutivas destacando que o Eu, aos poucos, procura dirimir a estranheza do sintoma, procurando de toda maneira incorporá-lo em sua organização, de sorte que, aos poucos, o sintoma se efetiva e não pode mais ser eliminado, sendo necessário agora adaptar-se a este hóspede estranho que, na verdade, oferece alguns benefícios para o Eu. O autor sublinha essa estranha conduta do Eu em *Inibição, sintoma e angústia* (1926):

Outras configurações de sintomas – a da neurose obsessiva e a da paranoia – tornam-se bastante valiosas para o Eu, não porque lhe proporcionem vantagens, mas porque lhe trazem uma satisfação narcísica que não obteria de outra forma. Os sistemas construídos pelos neuróticos obsessivos lisonjeiam seu amor-próprio com a ilusão de que, são indivíduos melhores que os demais; os delírios da paranoia oferecem, à perspicácia e à fantasia desses doentes, um campo de atividade que não pode ser facilmente substituído (FREUD, 2014, v. 17, p.30).

Sob essa leitura, a psicanálise descobre que o indivíduo se satisfaz com aquilo que fere e o faz sofrer, visto que aquilo que origina a obsessão é a própria satisfação sentida como insuportável, uma vez que indivíduo se condena por obtê-la. Assim, os sintomas expressam a luta entre a satisfação e a defesa. Como observa Ocariz:

A estrutura da obsessão não é a do sujeito insatisfeito; o sintoma obsessivo produz uma satisfação insuportável, que inunda o sujeito de autoacusações e críticas. A lavagem compulsiva das mãos é uma forma de resolver, por exemplo, a culpa pela masturbação. Mas a pulsão se infiltra no sintoma, e lavar as mãos acaba por produzir tanto a satisfação quanto a masturbação (OCARIZ, 2014, p.25).

Para Freud, o sintoma é um substituto modificado da realização de um desejo inconsciente e possui um aspecto ambíguo, justamente por sua formação

engenhosa na medida em que possui significados contraditórios entre si. Em *Conferências Introdutórias à Psicanálise (1916-1917)*, o autor afirma que a análise terapêutica possibilitou essa perspectiva:

Ela sempre nos conduziria às experiências e desejos sexuais dos doentes, e constataríamos, então, que seus sintomas servem à mesma intenção. A intenção que assim se dá a conhecer é a satisfação de desejos sexuais; os sintomas servem à satisfação sexual dos doentes, são um sucedâneo para essa satisfação, que lhes falta na vida” (FREUD, 2018, p.397, v.13)

Em suma, podemos vislumbrar como o sintoma adquiriu dois significados na teoria freudiana: primeiro, ele atua como mensageiro de um saber do inconsciente recalado e, segundo, como defesa diante das intensidades pulsionais excessivas, da dimensão do traumático. Como desenvolvemos no decorrer do nosso trabalho, o traumático é o que não pode ser ligado, é o excesso de quantidade que não é elaborado pelo psíquico e não possui sentido, ocasionando desprazer, angústia e dor. No sintoma patológico, ocorre a busca pela satisfação pulsional que insiste e se repete, produzindo sofrimento, mas que também produz algo que se parece a uma satisfação. Freud, por sua vez, diz que: “A modalidade de satisfação do sintoma é estranha. Reconhecer esse modo de satisfação não é fácil para o paciente. Ele sente apenas sofrimento e dele se queixa; não reconhece nenhuma satisfação porque o sujeito dessa satisfação nada sabe” (FREUD, 2018, v.13, p.368). Assim, podemos destacar como a intensidade pulsional assola o indivíduo, ocasionando inevitavelmente o sintoma neurótico e o sofrimento e, apesar do aparelho psíquico se empenhar em dominar as pulsões, subsiste sempre uma parcela que não se reduz.

Devemos lembrar que uma das principais características da pulsão é sua força constante que impõe uma tarefa de domínio e escoamento ao psiquismo e que, no entanto, é permanente e sem fim. A pulsão possui a dupla impossibilidade de alcançar a satisfação e a de deixar de buscá-la. Nesse sentido, Ocariz acrescenta:

As pulsões mais primárias e primitivas não se inscrevem como representações no aparelho psíquico. Lembremos do recalque

primário. Existem pulsões sem representação; existe um quantum pulsional que tem outro tipo de inscrição, fundamentalmente no corpo. Esse pulsional não representado emerge na formação de sintomas como um resto que não se articula à palavra e, portanto, não pode se ligar a um sentido” (OCARIZ, 2014, p.74).

O que se satisfaz no sintoma não é o desejo, pois esse é sempre insatisfeito, mas sim a pulsão. O sintoma surge no lugar da pulsão que exige satisfação imediata e se manifesta em estado puro, sem a intermediação do psíquico, sem ligação.

Freud percebe que apesar do trabalho de rememoração, recordação e elaboração do trabalho analítico, nem sempre é possível eliminar o sintoma, sendo inevitável admitir que o excesso pulsional ultrapassa o que é representável. Com o segundo dualismo pulsional, representado pelas pulsões de vida e pulsões de morte, Freud reafirma sua concepção de um psiquismo que foi forjado precipuamente para o domínio das excitações pulsionais. As pulsões seriam sempre indomáveis, a energética pulsional enseja a busca por caminhos que possibilitem um escoamento adequado do quantitativo. Um desses caminhos é o recalque, mas esse acaba ocasionando um quadro de sofrimento e retorno do recalado na figura dos sintomas. Neste quadro que desenhamos, podemos afirmar que o sofrimento neurótico comum, advindo do conflito pulsional, é um destino para todo ser humano. É o que nos diz Freud em *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926):

Mas o Eu não pode proteger-se de perigos instintuais[pulsionais] internos de modo tão eficaz como de uma porção da realidade que lhe é alheia. Sendo ele mesmo ligado intimamente ao Id, pode rechaçar o perigo instintual [pulsional] somente restringindo sua própria organização e admitindo a formação de sintomas em compensação por prejudicar o instinto [pulsão]. Renovando-se a pressão do instinto [pulsão] rechaçado, surgem para o Eu todas as dificuldades conhecidas como sofrimento neurótico (FREUD, 2014, v.17, p.103).

Enfim, o que procuramos delinear neste caminho é como o sintoma representa uma formação substitutiva da satisfação que falta. O sintoma é a

manifestação do desejo insatisfeito que foi recalcado. No entanto, o sintoma, para além da satisfação substitutiva, também se revelou como uma defesa diante das intensidades pulsionais excessivas, do traumático na medida em que esse é uma quantidade que não pode ser ligada e domada pelo psíquico. Nesse sentido, a manifestação sintomática constitui uma forma de ligar a energia excessiva do pulsional, sendo um dos modos de domar uma quantidade que pode ocasionar uma situação traumática, uma vez que o traumático é o excessivo sem ligação ou expressão simbólica, é o quantitativo em estado puro. O sintoma, apesar de carregar sua dose de dor e sofrimento, conduz a um certo tipo de satisfação e não deixa de ser uma das formas de dar conta do excessivo. Conquanto seja fruto de um conflito de forças, ele é o resultado de um processo de elaboração e simbolização do quantitativo.

3.3- A transgressão e o jogo

Retomemos a concepção de natureza como puro excesso em Bataille para melhor compreendermos o interdito. E faremos isso com o intuito de analisarmos o modo pelo qual Bataille elabora as barreiras que o humano instaura contra o excesso.

Como já desenvolvemos, consoante Bataille, morte e vida não são termos inconciliáveis, são movimentos da natureza. A morte de um indivíduo é condição para o nascimento de outro, um corpo em putrefação é a inserção da matéria emprestada ao indivíduo que a natureza cobra para a geração de novos seres. Escreve Bataille em *O Erotismo*: “A vida é sempre um produto da decomposição da vida” (BATAILLE, 2014, p.79). Nesses termos, a morte coloca em circulação o material necessário para o contínuo nascer de novos seres. Ela é a condição da juventude do mundo, só ela garante o contínuo renascimento sem o qual a vida ingressaria em declínio.

Como acompanhamos, a vida é excesso e gasto contínuo e sem esse gasto imenso ela não seria possível. Seu dinamismo ancora-se sobre um excesso tumultuoso que não se esgota mesmo nos momentos de explosão, de

modo que o movimento vital “[...]só pode prosseguir sob uma condição: que os seres por ela engendrados, e cuja força de explosão esteja esgotada, cedam lugar a novos seres que entram na roda com uma força nova” (BATAILLE, 2014, p.84). Nesses termos, a função da reprodução impõe a morte daqueles que criam e esses apenas geram novos seres para alongar o aniquilamento sem fim da natureza. Mas, se nos lançássemos completamente no movimento da natureza não haveria possibilidade para o homem: “[...] a possibilidade humana dependeu do momento em que, tomado de uma vertigem insuperável, um ser se esforçou para responder *não*” (BATAILLE, 2014, p.86). Esse é o sentido do interdito, ele responde ao sentimento de horror e angústia do homem frente aos poderes titânicos da natureza. Poderíamos dizer que o interdito é um grito de horror frente à violência da natureza. Por isso, Bataille diz que o interdito é dado na sensibilidade, pois seu sentido não é dado pela razão, mas sim pelo horror dos primeiros homens frente à morte e aos movimentos convulsivos da sexualidade.

Entretanto, o ‘não’ posto a essa violência nunca é definitivo, no momento de horror ao excesso houve um fechamento ao movimento da natureza, mas se há o interdito que se opõe ao excesso, há a transgressão que se entrega ao movimento. Se há o horror que afasta, há o fascínio que atrai, esse é o motor do interdito e da transgressão. Interdito e transgressão estão interligados em um deslocamento contínuo do qual nunca há término. Eles são as faces diferentes de um mesmo processo uma vez que a transgressão não é a negação do interdito, mas o instante em que o ultrapassa e o completa. Na leitura de Borges: “Em seu jogo com a interdição, a transgressão representa o excesso que a cultura demanda como parte maldita” (BORGES, 2012, p.77).

Sob esse prisma, os interditos são a chave da atitude humana. O interdito rechaça a violência inerente ao movimento da natureza, permitindo, assim, a ordenação do mundo com a qual surge a consciência humana. Por conseguinte, se o homem obedece aos interditos ligados à morte, ao erotismo e ao assassinato, nem sempre é uma aquiescência contínua, pois ao lado do interdito, por assim dizer, há a sombra da transgressão, espaço e brecha da desobediência e do excesso. Com efeito, o ser humano pertence ao interdito e à transgressão, dois mundos entre os quais sua vida está dilacerada:

O mundo do trabalho e da razão é a base da vida humana, mas o trabalho não nos absorve inteiramente e, se a razão comanda, nossa obediência nunca é ilimitada. Por sua atividade, o homem edificou o mundo racional, mas sempre subsiste nele um fundo de violência e, por mais razoáveis que nos tornemos, uma violência pode nos dominar de novo que não é mais a violência natural, que é a violência de um ser de razão, que tentou obedecer, mas sucumbe ao movimento que nele mesmo não pode reduzir à razão (BATAILLE, 2014, p.63).

De acordo com Bataille, o trabalho e o interdito tornam o homem humano, visto que esse ser sai da animalidade primeira trabalhando. Ocorre que o mundo do trabalho exige ações que envolvem cálculos, esforços contínuos e busca pela eficácia produtiva. O trabalho impõe o império do razoável e do comedido reftreando, dessa maneira, os movimentos tumultuosos da animalidade e do excesso da natureza: “O homem, identificando-se à ordenação que o trabalho operava, se separou nessas condições da violência, que atuava no sentido contrário”(BATAILLE, 2014, p.69). Sob essa perspectiva, o trabalho funda o mundo homogêneo, mundo voltado para o planejamento e para os objetos, para o tempo ordenado e para o acúmulo. Com ele instaura-se ainda o reconhecimento da identidade fundamental do sujeito e sua diferença em relação ao objeto trabalhado. Surge, assim, a consciência da praticidade das ferramentas e das séries de causas e efeitos envolvidos nesse processo. O autor: “As leis que presidem às operações controladas de que provêm ou a que serviram as ferramentas são desde o princípio as leis da razão” (ibid., p.69).

Desse modo, o mundo humano é o mundo instaurado pelo trabalho e pelo conjunto dos interditos, ambos agem no sentido de reduzir o excesso da natureza, ordenam o mundo das coisas e tornam o ser humano consciente de si mesmo: “ O trabalho é também a via da consciência, pela qual o homem saiu da animalidade. Foi pelo trabalho que a consciência clara e distinta dos objetos nos foi dada [...]” (ibid., p.187). São esses os motivos pelos quais afirmamos acima o que interdito e trabalho, juntos, fundam a condição humana.

Se desenvolvemos até aqui que o interdito é um ponto de paragem que o ser humano coloca ao excesso da natureza, esse *não* nunca é definitivo, visto que a racionalidade nunca consegue se opor definitivamente à violência: “Não

há interdito que não possa ser transgredido. Frequentemente a transgressão é admitida, muitas vezes ela é até prescrita” (BATAILLE, 2014, p.87)

Mas, é preciso atentar que o ato transgressor, insiste Bataille, não se traduz na volta para um estado animal. Inversamente, ele constitui com o interdito um acordo mais profundo. Ou seja, se a transgressão é desobediência ao interdito, ela não significa o retorno a uma liberdade animal primeira:

A transgressão é própria à humanidade organizada pela atividade laboriosa. A própria transgressão é organizada. O erotismo é, no conjunto, uma atividade organizada; é na medida em que é organizado que ele muda através do tempo” (BATAILLE, 2014, p.132).

O que Bataille argumenta é que a transgressão do interdito não deixa de ser submetida a regras, isto é, a transgressão em nada se reserva ao direito da liberdade primeira como na vida animal. Ela possibilita uma abertura dos limites costumeiramente observados, mas mantém esses limites. É necessário destacar que interdito e transgressão remetem constantemente um ao outro - o interdito antecede e provoca a transgressão que, por sua vez, é o complemento necessário do interdito, sua contraparte incontornável. A transgressão não nega o interdito, na verdade ela o renova, pois o obstáculo ultrapassado se restitui imediatamente. Nas palavras de Foucault, em seu texto dedicado à Bataille, *Prefácio à transgressão* (2006), “O limite e a transgressão devem um ao outro a densidade de seu ser [...]” (FOUCAULT, 2006, p.32).

O interdito cria um valor para o que ele proíbe, que toma força de provocação. Ao criar o valor, ele ao mesmo tempo cria o desejo e a fascinação, assim o interdito chama a transgressão. Nesse movimento, o interdito empresta sua força à transgressão e essa verifica o interdito e prova sua existência. Desse movimento, Foucault destaca que:

A transgressão é um gesto relativo ao limite; é aí, na tênue espessura da linha, que se manifesta o fulgor da passagem, mas talvez também sua trajetória na totalidade, sua própria origem. A linha que ela cruza poderia também ser todo seu espaço. O jogo

dos limites e da transgressão parece ser regido por uma obstinação simples: a transgressão transpõe e não cessa de recomeçar a transpor uma linha que, atrás dela, imediatamente se fecha de novo em um movimento de tênue memória, recuando então novamente para o horizonte do intransponível (FOUCAULT, 2006, p.32).

Assim sendo, a transgressão não apenas provoca o abalo, mas também assegura a permanência do interdito. O que é importante salientar é que o interdito nunca se impõe definitivamente e que a transgressão é apenas um momento que escapa da obediência ao interdito, ela é um acesso súbito para a experiência do excesso. A transgressão é apenas passagem e não estado, ela é movimento que antecede o salto, experiência dos momentos de êxtase e gozo, ela nunca se dá por permanências ou estados. Destaquemos isso, a transgressão só pode ser instante fugidio visto que é impossível desejar permanecer do outro lado, do lado do excesso, passar definitivamente para o espaço do excesso é desfalecer completamente.

Justamente porque o interdito não se anula, nem deixa de atuar no processo transgressivo, é lícito considerar que a transgressão do interdito não remete para uma animalidade descontrolada, mas sim para uma agressividade planejada e controlada, como no caso da guerra: “A guerra em certo sentido se reduz à organização coletiva de movimentos de agressividade”(BATAILLE, 2014, p.88). Nessa leitura, a guerra se torna uma violência meditada, por isso a transgressão do interdito não é um retorno à violência animal, é a violência exercida por um ser capaz de razão. Esse exemplo evidencia que a transgressão organiza com o interdito um conjunto que define a vida social, juntos definem a guerra, o sacrifício e o erotismo.

É importante lembrar que conjuntamente às noções de transgressão e interdito, Bataille elabora os termos de sagrado e profano relacionados aos momentos do interdito e à transgressão. Ele destaca que a sociedade não se constitui apenas no mundo do trabalho:

Simultaneamente - ou sucessivamente – o mundo *profano* e o mundo *sagrado* a compõem, sendo suas duas formas complementares. O mundo *profano* é aquele dos interditos.

O mundo *sagrado* se abre a transgressões limitadas. É o mundo da festa, dos soberanos e dos deuses (BATAILLE, 2014, p.91).

Para Bataille, é sagrado o que é objeto de um interdito. O interdito delimita negativamente a coisa sagrada e nos dá no plano da religião a experiência do pavor e do tremor: “Os homens são submetidos ao mesmo tempo a dois movimentos: de terror, que rejeita, e de atração que impõe o respeito fascinado. O interdito e a transgressão correspondem a esses dois movimentos contraditórios: o interdito rejeita, mas a fascinação introduz a transgressão” (BATAILLE, 2014, p.92). Interdito e transgressão são compreendidos no interior de uma dinâmica na qual a relação entre os dois regulam a vida das sociedades. O interdito obsta o excesso no campo social para que os homens possam se dedicar ao trabalho e ao profano, a transgressão abre uma fenda para a experiência do mundo sagrado, da continuidade e do excesso.

Logo, deparamo-nos uma vez mais com a importância da economia geral nas elaborações do autor. Nessa perspectiva, Bataille destaca que o aspecto econômico do sagrado e do profano permite uma melhor compreensão dessas posições. De um lado, o interdito pertence ao mundo do trabalho e ao tempo profano, no qual a sociedade acumula recursos e busca reduzir o consumo ao nível mínimo para manter a produção. De outro lado, o tempo sagrado é o tempo da festa, nos momentos da festa o interdito é suprimido:

Há, do tempo ordinário à festa, uma inversão dos valores cujo sentido Caillois sublinhou. Sob o ângulo econômico, a festa consome em sua prodigalidade sem medida os recursos acumulados no tempo do trabalho (BATAILLE, 2014, p.92)²⁷.

27 Bataille assinala a importância de seu amigo Roger Caillois e de Marcel Mauss para a elaboração do interdito e transgressão: “Parece-me conveniente lembrar a origem singular da teoria do interdito e da transgressão. Encontramo-la no ensinamento oral de Marcel Mauss, cuja obra representa sem dúvida a contribuição menos discutível da escola sociológica francesa, mas nada de impresso se seguiu. [...] Sem dúvida, o aspecto fundamental da teoria da transgressão aparece em sua obra escrita, mas sob a forma de breve indicação sem insistência. É assim que em seu *Essai sur le sacrifice*, ele diz em duas frases que os gregos viam o sacrifício das *bufonias* como o crime do sacrificador. Ele não generaliza. Não segui pessoalmente seu ensinamento oral, mas, no que concerne à transgressão, a doutrina de Marcel Mauss está exposta no pequeno livro de um de seus alunos, *L'Homme et le sacré*, de Roger Caillois. A sorte quis que Roger Caillois, longe de ser um compilador, fosse ele próprio não apenas capaz de

Se a transgressão abre um rasgo na tessitura do mundo homogêneo e racional é porque ela introduz a força sempre renovada do excesso e instaura as experiências desmedidas do erotismo, violência, festa, sacrifício e êxtase místico. Pode-se afirmar, no limite, que a transgressão é uma energética da desmedida e da violência (ARNAUD; EXCOFFON-LAFARGE, 1976). Se o interdito delimita o profano e o sagrado, a transgressão abre a brecha para a vivência do sagrado e igualmente para o erotismo. Por isso, Bataille insistirá nas similitudes existentes entre erotismo e religião, erotismo e mística. Para o filósofo o erotismo também é sagrado:

O conhecimento do erotismo, ou da religião, exige uma experiência pessoal, igual e contraditória, do interdito e da transgressão. [...] Mas a transgressão difere do 'retorno à natureza': *ela suspende o interdito sem suprimi-lo*. Aí se esconde a mola propulsora do erotismo, aí se encontra ao mesmo tempo a mola propulsora das religiões (BATAILLE, 2014, pp. 59-60).²⁸

Neste caminho trilhado podemos afirmar que a transgressão é um ato de dispêndio, de gasto, é um processo que tangência a experiência dos limites e depois refaz o liame constantemente desfeito, momento constitutivo da experiência, ela é da ordem do gestual e não da ordem do discursivo, do racional. A transgressão assegura a passagem para o excesso, para a perda de todo limite, conduz ao excesso incontrolável e nega a ordem do projeto e do cálculo. Ela desnuda a falha constitutiva do sujeito na medida em que conduz para o desfalecimento da identidade estável, na qual ele se perde e se afirma como

expor os fatos de uma forma impressionante, mas de dar a seus desenvolvimentos a firmeza de um pensamento ativo e pessoal. Explorei aqui o esquema de Caillois, segundo o qual, nos povos que a etnografia estuda, o tempo humano é repartido em tempo profano e tempo sagrado, o tempo profano sendo o tempo ordinário, do trabalho e do respeito aos interditos, e o tempo sagrado o da festa, ou seja, essencialmente o da transgressão dos interditos. No plano do erotismo, a festa é muitas vezes o tempo da licença sexual. No plano propriamente religioso, é em particular o tempo do sacrifício, que é a transgressão do interdito do assassinato” (BATAILLE, 2014, p.283).

28 Em outros momentos Bataille é ainda mais incisivo sobre essa relação entre erotismo, sagrado e religião: “Podemos reencontrar a significação do erotismo no plano em que se colocava outrora a religião. [...] Em sua verdade fundamental, o erotismo é sagrado, o erotismo é divino” (BATAILLE, 2014, pp.329-330).

inacabado, inserido no movimento sempre recomeçado. Ao transpor o domínio do interdito, o ato transgressor leva o sujeito para o espaço do sagrado, do erotismo, da tragédia e da morte. Assinala Bataille, em *A Literatura e o Mal*:

O domínio proibido é o domínio do trágico, ou melhor, é o domínio do sagrado. É verdade que a humanidade o exclui, mas para o enaltecer. A proibição diviniza aquilo de que proíbe o acesso. Subordina este acesso à expiação – à morte – mas a proibição não deixa de ser um convite, ao mesmo tempo que é um obstáculo. [...] Mas a condenação do instante presente em proveito do futuro, se inevitável, é uma aberração quando é extrema. Não menos que proibir o seu acesso fácil, e perigoso, é necessário encontrar o domínio do instante (o reino da infância), e isso exige a transgressão temporária do proibido (BATAILLE, p.23).

Desse modo, nos instantes em que vivencia a transgressão, o sujeito conhece o desejo de afundar, de perder pé e ao desfalecer ele rompe os próprios limites e acede ao trágico, ao erotismo e ao sagrado. No centro da experiência da transgressão está o dispêndio sem cálculo, consumação sem amanhã, entrega ao excesso de forças. Trata-se de um movimento quantitativo e intensivo, de uma economia para o dispêndio de forças até o limite do sujeito.

Ademais, a transgressão é o instante que se opõe a todo projeto, a toda previsão – instante cego - instante de dispêndio que se opõe ao cálculo, à reserva, ao pensamento ordenado, é o processo no qual o homem ultrapassa o limite da sua conservação e afirma sua essência: “A transgressão representa para Bataille, o imprevisto, a única possibilidade de sair do cálculo sério, do trabalho que aliena” (LIPPI,2009, p.182).

Desenvolvemos acima que a transgressão compõe um conjunto com o interdito, de modo que o homem não cessa de oscilar entre o respeito para o interdito e a transgressão, não cessa de viver dolorosamente essa cisão interna. Se a transgressão é passagem, instante e gesto, ela é o momento do jogo, da soberania, situação em que colocamos a nós mesmos em jogo e superamos o que nos limita e é essa colocação em jogo de nós mesmos que determina o que há de mais essencial no ser humano. Nesse sentido, Borges afirma:

[...] sem finalidade produtiva, sem projeto, sem definição, o jogo é fim em si mesmo. Seu único propósito é perpetuar-se soberanamente numa operação que, por um lado, contesta o saber e o trabalho e, por outro, afirma o corpo como consumação de si (BORGES, 2012, p.72).

O jogo para Bataille é o instante crucial em que o ser é posto em questão, é o momento pelo qual o ser humano escapa do mundo do trabalho e acede à liberdade, o instante do jogo é o salto para além dos limites estabelecidos do mundo homogêneo. Bataille assim se manifesta em *Sobre Nietzsche*:

Distingo agora *no jogo* esse movimento que, não remetendo o presente ao porvir de um ser determinado, remete-o a *um ser que ainda não é*: o jogo, nesse sentido, não coloca a ação a serviço do agente nem de nenhum ser já existente, excedendo assim “os limites do ser” (BATAILLE, 2017, p.189, grifos do autor).

Bataille destaca que ao negar o mundo homogêneo do trabalho, o ser humano nega a especulação sobre o resultado futuro e o investimento na esperança de colheitas futuras, portanto, a especulação é por essência feita visando o acúmulo e o ganho. Mas, ‘colocar-se em jogo’ é elidir toda e qualquer preocupação com o tempo vindouro, a meta indefinida é abertura para além dos limites do ser e para o estado de imanência completa. O autor assinala: “Só podemos superar nossos limites colocando a nós mesmos em jogo, e é essa colocação em jogo de nós mesmos que transfigura o objeto do desejo” (ibid., p.381). Por isso, a importância para Bataille da presença do jogo no erotismo. O mais simples jogo, indício de uma atividade sexual, seja ele reduzido a uma agitação pouco visível ou a um desalinho das roupas, é o começo do jogo erótico. Em *O Erotismo*, o autor afirma: “Toda a operação erótica tem por princípio uma destruição da estrutura do ser fechado que é, no estado norma, um parceiro do jogo” (BATAILLE, 2014, p.41).

Nesse sentido, o homem soberano é aquele que se entrega ao excesso e ao dispêndio nas operações do jogo. A soberania é importante para e pensar a abertura propiciada pelos momentos da transgressão. Sob o registro batailliano, soberania é uma concepção diferente daquela advinda da filosofia política, essa

concebe a soberania como vinculada a aquele que ocupa um lugar excepcional e do qual emana todo o poder - o caso mais conhecido é o do rei no poder monárquico em que ele é fonte do poder e a lei é a manifestação da sua vontade. O soberano, nessa perspectiva, está fora e dentro da lei e é dele que emana o poder. Para Bataille, soberano não é quem ocupa o cerne do poder político, mas sim aquele que ocupa uma posição subjetiva de não submissão, alienação ou servidão. O soberano abre mão de toda vontade de domínio, do projeto e do controle sobre o outro e nega o mundo do trabalho e projeto futuro em nome do gozo do tempo presente, nega o mundo homogêneo da produção e acúmulo e se lança no tempo do arrebatamento, tempo próprio ao sagrado e ao milagre. Nas representações do jogo, o ser é posto em questão, entrega-se ao excesso e acede, desse modo, ao momento soberano. Em *A Soberania*:

Esse elemento milagroso, que nos arrebatava, pode ser simplesmente o raio do sol que, em uma manhã de primavera, transfigura uma rua miserável (o que, o mais pobre às vezes ressentido). Pode ser o vinho, do primeiro copo à bebedeira que afoga. Mais geralmente esse milagre, ao qual a humanidade inteira aspira, manifesta-se em nós sob a forma de beleza, de riqueza; também sob a forma de violência, de tristeza fúnebre ou sagrada; enfim, sob a forma de glória. (BATAILLE, 1976, p. 248).

Consoante o pensador francês, a soberania é o momento vivido na intensidade, na suspensão das obrigações e finalidades, é entregar-se no jogo do melhor instante, elidir as operações mentais do útil e dispender-se no devaneio do puro presente. Para Bataille, o momento soberano pode ser, tal como ele exemplifica, o simples ato do operário que se permite um copo de vinho e usufrui assim da sensação milagrosa de dispor do mundo, assim como o fumante perdido nas circunvoluções da fumaça de seu cigarro, poderíamos acrescentar o frequentador de bares e cafés que beberia longamente entregue em devaneios vários. De acordo com Habermas:

Ser soberano significa não se deixar reduzir, como no trabalho, ao estado de coisa, mas desenvolver a subjetividade: afastado do trabalho e tomado pelo momento, o sujeito se esgota no consumo de si mesmo. A essência da soberania consiste no

consumo inútil, naquilo' que me agrada' (HABERMAS,2001, p.31).

O homem soberano é aquele que conhece a ligação entre a lei e a transgressão, ele força o interdito e ao ultrapassá-lo se revela o momento soberano. A soberania é clarão que não perdura, pois, seu lugar é o momento pontual da transgressão em que o interdito é transposto, por isso a importância do gesto, do movimento sem finalidade. Essa experiência da soberania não é portadora de um saber ou de uma verdade, nem a conquista de uma identidade perdida, ela é na verdade a experiência daquele que se perde, que renuncia à identidade e da conservação de si e se lança na profundidade do heterogêneo. Martins, em seu trabalho *Do erotismo à parte maldita (1990)*, observa sobre a soberania: "Tal operação, para Bataille, acaba configurando uma perda, ao invés de um reencontro. Trata-se, noutros termos, de um ato improdutivo, insensato ou sem sentido; de um desperdício ou despesa de energia" (MARTINS, 1990, p.429). Com efeito, essa operação é arbitrária e indiferente aos resultados e fins previamente definidos. Sua autonomia provém justamente de sua recusa ao ethos da conservação, lançando-se na prodigalidade sem medida.

Olhando pelo prisma que pretendemos priorizar no decurso dessa pesquisa, ou seja, o excesso enquanto constitutivo do ser humano, a soberania se traduz em dissipação sem limites. Trata-se para Bataille do problema de uma economia geral, ou seja, da necessidade do gasto do excedente afirma ele em *A experiência interior*.

A economia geral põe em evidência, em primeiro lugar, que excedentes de energia são produzidos que, por definição, não podem ser utilizados. A energia excedente só pode ser perdida sem a menor finalidade, conseqüentemente, sem nenhum sentido. É essa perda inútil, insensata, que a soberania é (BATAILLE, 2016, p.238).

Destarte, uma vez mais podemos vislumbrar de que modo, para o autor, a necessidade do dispêndio se faz premente para o ser humano, gasto que, no

entanto, não se insere na cadeia produtiva ou de acúmulos de bens. Excesso que não se concatena aos fins úteis, algo da ordem de uma negatividade sem emprego. O movimento de perda da operação soberana é o que permite a via para a verdadeira experiência, como o êxtase dos santos, mas também a efusão erótica, o riso, a embriaguez e a efusão poética. A experiência em Bataille é o momento essencial de entrega no heterogêneo nos momentos do erotismo, êxtase e sacrifício. Consoante Borges:

A experiência, em Bataille, não é conhecimento, nem uma técnica recorrente que se adquire e se pratica, mas o acontecimento no qual o corpo se coloca na via do excesso e da consumação de si. Em princípio, a experiência se caracteriza como ocorrência interior ao sujeito, o qual, ao consumir-se, desativa o campo de ação da consciência, afirmando o corpo como pura perda (BORGES, 2012,p.82).

A experiência interior é o momento do desfalecimento e embaralhamento da ordem estabelecida no mundo homogêneo, momento de anulação provisória dos valores morais e culturais que determinam a subjetividade. Consoante Bataille, em *A experiência interior*, “Entendo por experiência interior aquilo que habitualmente se nomeia de experiência mística: os estados de êxtase, de arrebatamento ou ao menos de emoção meditada” (BATAILLE, 2016, p.33).

A soberania se irmana com o jogo que abre para a experiência do inédito, para a negação do futuro e afirma o viver no puro instante. O jogo manifesta o heterogêneo da experiência, desse modo, para entrar no jogo é preciso fugir do mundo ordenado do trabalho, Bataille diz: “Mas a menor atividade ou o menor projeto põe fim ao jogo – e sou, sem jogo, reconduzido à prisão dos objetos úteis e carregados de sentido” (ibid., p.249). O jogo é um fim em si mesmo, ele não se põe a serviço do agente e muito menos visa ao porvir, ele tira o indivíduo da sujeição do mundo homogêneo. Borges diz que o jogo possui um único objetivo: “Seu único propósito é perpetuar-se soberanamente numa operação que, por um lado, contesta o saber e o trabalho e, por outro afirma o corpo como consumação de si” (BORGES, 2012, p.72).

Por outro lado, os dispêndios são vistos por aqueles que se entregam a ele como malditos, a consciência não suporta perdas improdutivas e insensatas, a prática da soberania é a negação do mundo homogêneo do projeto, do compromisso e do ganho. Daí decorre que a soberania e o jogo também não deixam de ocasionar uma cisão no indivíduo, pois, embora conduzam para experiências intensivas, também trazem a angústia extrema e o terror ante a dissolução de si. É com êxtase e medo que o ser humano vivencia a presença em seu interior de uma negatividade disruptiva, sem emprego, que não permite usos produtivos, nem sínteses, nem progressos. Martins destaca, nesse sentido, que a soberania em Bataille:

[...] constitui-se uma nova espécie de consciência de si. Como no caso da consciência de si, inventada por Hegel, ela é portadora de uma negatividade imanente, já que o caráter da operação soberana, perdulária sempre, é negativo sempre. Porém, à diferença da negatividade inventada por Hegel, a negatividade da consciência, segundo Bataille, mantém exclusivamente o aspecto destrutivo da negação (MARTINS, 1990, p.430).

O que o comentador destaca é que existe uma negatividade inerente ao ser humano que não se extingue na produção do útil. Ela instaura uma cisão dentro do homem que se encontra dividido entre o mundo homogêneo do interdito, do trabalho, ordem e regularidade e o mundo heterogêneo da transgressão que instaura no regular a desordem, o êxtase e a soberania. Desse modo, o ser humano vive dolorosamente, cindido entre o respeito ao interdito e ao anseio de transgredir para viver o excesso do momento soberano.

Acessar a experiência do heterogêneo significa a angústia extrema para o indivíduo que desfalece na consumação de si mesmo e vê ruir provisoriamente sua unidade identitária. Ele presente goza e sofre a presença disso que Bataille designa como a parte maldita que constitui o ser humano que se manifesta no jogo, no risco, na soberania e no excesso, mas que para o pensador é a parte essencial do homem. Daí sua asserção: “Há alguma coisa de apaixonado, de generoso e de sagrado que excede as representações da inteligência: é por este excesso que nós somos humanos” (BATAILLE, p.177).

Nesse quadro que aqui delineamos podemos pontuar que mais uma vez o excessivo que habita o ser humano é prenhe de consequências. É interessante vislumbrar que tanto Freud quanto Bataille partem de princípios parecidos, a saber, o excesso presente no ser humano, mas as consequências de se domar ou conter esse excesso não são as mesmas.

Bataille nos oferece, mediante o jogo do interdito e da transgressão, a possibilidade de vivenciarmos as experiências intensivas do erotismo, do jogo, do êxtase e da soberania. Mesmo que sejam vivências pontuais, são expressivas e valorosas para o ser humano enquanto instantes de saída do mundo homogêneo. A vivência do excesso e da desmedida são modos de aceder ao caráter originário do ser humano - no excesso o ser humano vive o êxtase, o erotismo, o sagrado e a violência, experiências que permitem ao ser humano ultrapassar a si mesmo e atingir o ápice da vida e sua totalidade. O excesso possibilita ao homem adentrar as operações soberanas do gasto, sair do mundo homogêneo e adentrar a experiência da consumação de si no mundo da heterogeneidade e da continuidade.

Sob a letra freudiana, as perspectivas são mais sombrias, pois o resultado do processo de recalque é inelutavelmente a formação dos sintomas. Os sintomas inserem uma série de perturbações na vida do indivíduo e o condenam ao sofrimento sem fim, sobretudo se considerarmos que, para Freud, não há indivíduo humano que escape ao quadro neurótico comum. Como vimos, Freud vai paulatinamente colocando em dúvida a eficácia do método terapêutico tão forte é o apego do sujeito com o sofrimento ao ponto de até mesmo recusar os avanços da análise. E como o pensador vienense aponta, por traz dessas resistências percebe-se a presença constante da pulsão morte que em sua ação condiciona o ser humano para o inelutável sofrimento.

Conclusão

Ao fim deste caminho percorrido, podemos voltar os olhos e perceber algumas formas mais destacadas no meio de tudo que abordamos. A atmosfera que aqui delineamos nos permite pontuar que o excessivo que habita o ser humano é prenhe de consequências. É interessante vislumbrar que tanto Freud quanto Bataille partem de princípios parecidos que apontam a presença de um quantitativo indomável, além de desenvolverem consequências que se entrecruzam, como a necessidade de gasto do excesso e a inelutável necessidade de contê-lo. Os pensadores também não deixaram de destacar, em suas elaborações, a sutil relação entre o prazer extremo e a morte.

No entanto, em Bataille o excesso é o caminho para a vivência do erotismo, da festa, do sagrado, do jogo e da soberania, momentos que o autor aponta como modos distintos de experienciar e se entregar aos movimentos intensos do excesso que nos habita e que constantemente nos solicita. Nesse sentido, o erotismo é uma das experiências máximas de intensidade que abre para o ser humano uma vivência forte o suficiente para perturbar a subjetividade constituída. Como diz Bataille, o erotismo é uma convulsão da carne, o abalo erótico nos destitui da individualidade fechada e abre para a vivência da plenitude.

Fugir dessa solicitação é, consoante o filósofo, fugir de nós mesmos, da melhor parte que nos constitui, a parte que anseia pelo vislumbre da vida intensa e da totalidade. De todo modo, não deixa de ser uma 'parte maldita' como designa o autor, porque não cessa nunca de convidar o ser humano para as experiências intensivas de dispêndio, lembrando que viver dispendiosamente é entregar-se às solicitações excessivas que nada tem a ver com as exigências de conservação do ser, daí a figura do mal e da angústia. Uma vez que não se vive para a conservação do ser indefinidamente, tudo o que contraria essa intenção de segurança é encarada como força do mal.

Freud por sua vez não oferece nenhum tipo de saída para o ser humano, por assim dizer. O que nos resta, na expectativa freudiana, é o total e absoluto desamparo de uma psiquê que com muito esforço procura domar as demandas pulsionais. Analisamos principalmente as necessidades internas que são postas pelas pulsões que são constantes, sempre renovadas e exigem do organismo

uma série de manobras para encontrar formas de *escoamento*, mas sempre permanece um resto, é a figura da pulsão de morte, o pulsional por excelência, o que repete, fustiga e busca sempre o escoamento da tensão, a morte e a agressividade. Para o pensador vienense, a figura do mal surge nessa força disruptiva e agressiva da pulsão de morte que se manifesta no prazer de agredir a si mesmo e ao outro.

Acresce que o pulsional também é a causa da angústia, companheira inseparável do homem e dos sintomas neuróticos. Uma vez que é impossível realizar todo anseio pulsional que busca a satisfação, faz-se necessária as barreiras do recalque que, apesar de ser um anteparo ao ataque pulsional, têm como correlato os sintomas neuróticos. Assim, se delineia o sintoma neurótico como uma condição permanente para o sujeito freudiano. Todo ser humano é, nessa perspectiva, um miserável e sofredor neurótico em alguma medida.

Em Freud, as pulsões desestruturam o ser humano, premido por duas solicitações diferentes, de um lado as pulsões de vida que almejam o prazer sexual e por outro as pulsões de morte que buscam a eliminação de toda tensão e da agressividade. Nesse movimento, não há sínteses possíveis, apenas um constante movimento de aumento da tensão pulsional e seu escoamento, um movimento sem fim. Essas forças dilaceram o ser humano e Freud, por sua vez, não oferece nenhum tipo de saída dessa injunção que toma o ser humano ante a dissolução e desagregação que nos ameaça nas experiências de intensidade.

É interessante notar que sob a letra de ambos, a angústia é como uma sombra que acompanha inelutavelmente cada indivíduo. Nesses tons, a angústia torna-se um sentimento trágico, sinalizando a situação de desamparo do ser humano ante a fragilidade da sua existência, mas também se faz sentir quando da sensação de plenitude que nos solicita ante a presença do excessivo.

Uma questão fica pairando em nosso horizonte se considerarmos que os dois pensadores postulam uma agressividade intrínseca ao ser humano: como se mantêm o projeto da modernidade de domar e controlar todo ímpeto agressivo dos indivíduos, como instaurar solidamente a coesão social na medida em que todo indivíduo é ao mesmo tempo um elo no laço social, mas também a negação desse mesmo liame?

Para os autores, o excesso que nos constitui tem força o suficiente para implodir o projeto moderno de uma coesão social plena. Como já aponta Freud

em suas famosas análises, todo indivíduo é um potencial inimigo da sociedade e Bataille, em outros termos, chama a atenção para a fatalidade criada por toda sociedade voltada somente para o acúmulo e que não cria mecanismos de dispêndio do excessivo. Para o pensador francês, sociedades que não criam espaço para o dispêndio estão forçadas ao fracasso e condenadas para a guerra destrutiva. Destarte, sob ambas as perspectivas, o ser humano é constituído por forças disruptivas que carregam a negação do projeto de sociedade da modernidade.

Referências Bibliográficas

1. BATAILLE

BATAILLE, G. **Oeuvres complètes. Paris: Gallimard, 1970-1988, t. I a XII.**

_____ **O Erotismo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

_____ **A experiência interior.** Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

_____ **A parte maldita. Precedida de “A noção de dispêndio”.** Belo Horizonte, Autêntica, 2016.

_____ **Teoria da Religião.** Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

_____ **Sobre Nietzsche, vontade de chance.** Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

_____ **O Culpado.** Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

_____ **La Felicidad, El Erotismo Y La Literatura - Ensayos 1944-1961.** Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora, 2001.

_____ **La conjuración sagrada. Ensaio 1929-1939.** Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora, 2003.

_____ **Lo que entiendo por soberanía.** Barcelona: Ediciones Paidós, 1976.

_____ **Para leer a Georges Bataille.** México: Fondo de Cultura Económica, 2012.

_____ **Las lágrimas de Eros.** Barcelona: Tusquets Editores.

_____ **A literatura e o mal.** Lisboa: Ulisséia.

_____ **Breve Historia del Erotismo.** Uruguai: Ediciones Calden, 1970.

_____ **História do olho.** São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

_____ **O anus Solar.** Lisboa: Hiena Editora, 1985.

2. FREUD

FREUD, S . **Obras completas.** Madrid: Biblioteca Nueva, vol. I, II, III. 2007.

FREUD, S. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, 2006. 24v.

_____ **Publicações Pré-psicanalíticas e Esboços Inéditos (1886-1889)**
In: Obras completas. Rio de Janeiro, Imago, 2006, v.I.

_____ **Estudos sobre a Histeria (1893-1895).** In: Obras completas. Rio de Janeiro, Imago, 2006, v.II.

_____ **As Neuropsicoses de Defesa (1894).** In: Obras completas. Rio de Janeiro, Imago, 2006, v.III.

_____ **A Interpretação dos Sonhos (1900-1901).** In: Obras completas. Rio de Janeiro, Imago, 2006, v.IV e V.

_____ **Três Ensaios sobre a teoria da Sexualidade (1905).** In: Obras completas. Rio de Janeiro, Imago, 2006, v. VII.

_____ **Fragmentos da análise de um caso de Histeria (1905) .**In: Obras completas. Rio de Janeiro, Imago, 2006, v. VII.

_____ **Cinco Lições de Psicanálise (1910).** In: Obras completas. Rio de Janeiro, Imago, 2006, v. XI.

_____ **A História do Movimento Psicanalítico (1914).** In: Obras completas. Rio de Janeiro, Imago, 2006, v. XIV.

_____ **Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (Partes I e II) (1915-1916).** In: Obras completas. Rio de Janeiro, Imago, 2006, v. XV.

_____ **Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (Parte III) (1915-1916).** In: Obras completas. Rio de Janeiro, Imago, 2006, v. XVI.

_____ **Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna.** In: Obras completas. Rio de Janeiro, Imago, 2006, v. IX

_____ **Conferência 31 “A dissecação da Personalidade Psíquica”.** In: Obras completas. Rio de Janeiro, Imago, 2006, v. XXII.

_____ **Projeto de uma Psicologia.** Tradução e notas de Osmyr Faria Gabbi Jr. Obras Isoladas de Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1995.

_____ **Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente.** Rio de Janeiro. Imago, 2004, 3 Volumes.

_____ **Formulações sobre os Dois Princípios do Acontecer Psíquico (1911).** In: Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente. Rio de Janeiro. Imago, 2004, Vol. 1.

_____ **À Guisa de Introdução ao Narcisismo (1914).** In: Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente. Rio de Janeiro, Imago, 2004, v.1.

_____ **Pulsões e Destinos da Pulsão (1915)**. In: Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente. Rio de Janeiro, Imago, 2004, v.1.

_____ **O Recalque (1915)**. In: Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente. Rio de Janeiro, Imago, 2004, v.1.

_____ **O Inconsciente (1915)**. In: Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente. Rio de Janeiro, Imago, 2006, v. 2.

_____ **Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos (1917)**. In: Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente. Rio de Janeiro, Imago, 2006, v.2.

_____ **Luto e Melancolia (1917)**. In: Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente. Rio de Janeiro, Imago, 2006, v. 2.

_____ **Além do Princípio do Prazer (1920)**. In: Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente. Rio de Janeiro, Imago, 2006, v. 2.

_____ **O Eu e o Id (1923)**. In: Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente. Rio de Janeiro, Imago, 2007, v.3.

_____ **O Problema econômico do masoquismo (1924)**. In: Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente. Rio de Janeiro, Imago, 2007, v.3.

_____ **Estudos sobre a Histeria (1893-1895)**. Obras completas. São Paulo, Companhia das Letras, 2014, v. 2.

_____ **Observações sobre um caso de neurose obsessiva ["O Homem dos Ratos"] (1909-1910)**. Obras completas. São Paulo, Companhia das Letras, 2013, v. 9.

_____ **"O Caso Schreber" e outros textos(1911-1913)**.Obras completas. São Paulo, Companhia das Letras, 2010, v. 10.

_____ **Recordar, repetir, elaborar (1914)**. Obras completas. São Paulo, Companhia das Letras, 2010, v. 10.

_____ **Totem e Tabu, Contribuição à História do Movimento Psicanalítico e outros textos (1911-1913)**. Obras completas. São Paulo, Companhia das Letras, 2012, v. 11.

_____ **Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. Obras completas. São Paulo, Companhia das Letras, 2010, v. 12.

_____ **Conferências introdutórias à psicanálise (1914-1916)**. Obras completas. São Paulo, Companhia das Letras, 2014, v. 13.

_____ **História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos") , Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)**. Obras completas. São Paulo, Companhia das Letras, 2010, v. 14.

_____ **Psicologia das Massas e análise do Eu e outros textos (1917-1920)**. Obras completas. São Paulo, Companhia das Letras, 2011, v. 15.

_____ **O Eu e o Id "Autobiografia" e outros textos(1923-1925)**. Obras completas. São Paulo, Companhia das Letras, 2011, v. 16.

_____ **Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos (1923-1925)**. Obras completas. São Paulo, Companhia das Letras, 2014, v. 17.

_____ **O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias e outros textos (1930-1936)**. Obras completas. São Paulo, Companhia das Letras, 2010, v. 18.

_____ **Projeto de uma Psicologia**. Tradução e notas de Osmyr Faria Gabbi Jr. Obras Isoladas de Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1995.

_____ **A Interpretação dos Sonhos**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2017.

_____ **O mal-estar na Cultura**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2010.

3. Comentadores

ASSOUN, P. **Introdução À Epistemologia Freudiana**. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1983.

_____ **Metapsicologia Freudiana, uma introdução**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1996.

ALEXANDRIAN. **Os libertadores do amor**. Lisboa, Antígona, 1999.

ALTBERG, Frédéric. **Georges Bataille ou l'envers de la philosophie**. Camion Blanc, 2014.

ARNAUD, Alain e EXCOFFON-LAFARGE, Gisèle. **Bataille, Écrivains de toujours**. Paris,Seuil, 1978.

BAUDRILLAR, J. **A troca simbólica e a morte**. São Paulo, Edições Loyola, 1996.

BAIGORRIA, O. **Georges Bataille y el erotismo**. Madrid, Campo de Ideas, 2002.

BALANDIER, G. **A desordem, elogio do movimento**. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 1997.

BIRMAN, J. **As pulsões e seus destinos. Do corporal ao psíquico**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2017.

_____. **Freud e a filosofia**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 2003.

BORGES, L. C. **O louvor do excesso: Experiência, Soberania e Linguagem em Bataille**. 2012, 215 p. Tese (Doutorado em Filosofia) FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

BRAUNSTEIN, N. **Gozo**. São Paulo, 2007.

CAROPRESO, F. **O nascimento da metapsicologia**. São Carlos, Edufscar, 2008.

_____. **A relação entre a percepção e a representação nos primórdios da metapsicologia freudiana**. *Psicol. estud.* [online]. 2008, vol.13, n.4.

CAILLOIS, Roger. **O homem e o sagrado**. Lisboa, Edições 70.

CHAPSAL, M. **Os escritores e a literatura**. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1986.

DIDI-HUBERMAN, G. **A semelhança informe ou o gaio saber visual segundo Georges Bataille**. Rio de Janeiro, Contraponto, 2015.

DURANÇON, Jean. **Georges Bataille**. Paris: Idées Gallimard, 1976.

DUNKER, C. **O Calculo Neurotico do Gozo**. São Paulo: Escuta, 2002.

FOUCAULT, M. **“Prefácio à transgressão”, Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema**, col. Ditos & Escritos III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FORTES, I. **A dimensão do excesso: Bataille e Freud**. *Ágora (Rio J.)* vol.13 no.1. Rio de Janeiro Jan./June 2010.

GARCIA-ROZA, L. **Introdução à metapsicologia freudiana, Sobre as afasias (1891), O Projeto de 1895, v.1**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2008.

_____. **Introdução à metapsicologia freudiana, A interpretação do sonho (1900). v.2**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

_____. **Introdução à metapsicologia freudiana, Trabalhos de Metapsicologia (1914-1917) v. 3**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2004.

_____. **O mal radical em Freud**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1990.

GAY, P. **Freud- uma vida para nosso tempo**. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

GIACÓIA JR, O. **Além do princípio do prazer, um dualismo incontornável**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2008.

GABBY JR, Osmyr. **Notas a projeto de uma psicologia as origens utilitaristas da Psicanálise**. Rio de Janeiro, Imago, 2003.

GREEN, A. **Narcisismo de vida, Narcisismo de Morte**. São Paulo: Editora Escuta, 1988.

HABERMAS, J. **O discurso filosófico da modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

HANNS, L. **A teoria pulsional na clínica de Freud**. Rio de Janeiro, Imago, 1999.

_____. **Comentários do Editor Brasileiro às Obras Psicológicas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro, Imago, 2004. 3 volumes.

HENRIQUES, F. **O mal como escândalo: Paul Ricoeur e a dimensão trágica da existência**. In: Paul Ricoeur e a Simbólica do Mal. Porto: Afrontamento, 2005.

HOLLIER, D. **Georges Bataille après tout**. Éditions Belin, 1995.

LACAN, J. **O lugar da psicanálise na medicina**. In: Opção Lacaniana, nº 32, Dez. 2001.

LAPLANCHE & PONTALIS, **Vocabulário da Psicanálise**. Martins Fontes, São Paulo, 1998.

LAPLANCHE, J. **Novos Fundamentos para a Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Teoria da sedução generalizada e outros ensaios**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

_____. **Freud e a Sexualidade o desvio biologizante**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

_____. **Vida e morte em psicanálise**. Artes Médicas, Porto Alegre, 1985.

_____. **Problemáticas I - A Angústia**. Martins Fontes, São Paulo, 1987.

_____. **Problemáticas II - Castração Simbolizações**. Martins Fontes, São Paulo, 1988.

_____. **Problemáticas III - A Sublimação**. Martins Fontes, São Paulo, 1989.

_____. **Problemáticas IV - O Inconsciente e o Id**. Martins Fontes, São Paulo, 1992.

- LEIRIS, Michel. **Espelho da tauromaquia**. São Paulo, Cosac & Naify, 2001.
- LIPPI, S. **Os percursos da transgressão (Bataille e Lacan)**. Rio de Janeiro: Ágora v.XII, 2009.
- LOUVRIER, P. **Georges Bataille. La fascination du mal**. Paris, Éditions du Rocher, 2008.
- MANNONI, O. **Freud: Introdução à Psicanálise**. Publicações Europa América, 1968.
- MARTINS, L.R. **Do erotismo à parte maldita**. In: O desejo. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. In: Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- MEZAN, R. **Freud, a trama dos conceitos**. Editora Perspectiva, São Paulo, 1982.
- _____. **Freud, pensador da Cultura**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.
- _____. **Metapsicologia: Por que e Para que**. In: Tempo de Muda. Ensaios de Psicanálise. São Paulo, Companhia das Letras, 1998, pp. 328-356.
- MONZANI, L. R. **Freud, o movimento de um pensamento**. Campinas, Editora da Unicamp, 1989.
- _____. **O Suplemento e o excesso**. In: Freud na Filosofia Brasileira. São Paulo, Editora Escuta, 2005
- MARMANDE, Francis. **George Bataille, Político**. Buenos Aires, Ediciones del Signo, 2009.
- MORAES, E. R. **O corpo impossível**. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- _____. **O jardim secreto. Notas sobre Bataille e Foucault**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 7(1-2): 21-29, outubro de 1995.
- _____. **Traços de Eros**. In: O Erotismo. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- NAZIO, J.D. **Cinco Lições sobre a Teoria de Jacques Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- NÉSTOR, B. **Gozo**. São Paulo: Escuta, 2007.
- OCARIZ, M. C. **Sintoma**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.
- PIEL, J. **Bataille e o mundo**. In: A Parte maldita. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

- PEREIRA, M. E. **Pânico e desamparo**. São Paulo: Escuta, 2004.
- PRIBRAM, K., GILL, M. **O projeto de Freud, um exame crítico**. São Paulo: Cultrix.
- RICOEUR, P. **Da Interpretação: Ensaio sobre Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- _____. **O mal, um desafio à filosofia e à teologia**. Campinas: Papyrus, 1988.
- ROCHA, Z. **Os Destinos da Angústia na Psicanálise Freudiana**. São Paulo: Escuta, 2000.
- KIMMERLE, G. **Denegação e retorno**. Campinas: Unimep, 2000.
- RELLA E MATTI. **Georges Bataille, filósofo**. Florianópolis: Editora Ufsc, 2010.
- ROUDINESCO, E. **Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 2016.
- ROUDINESCO & PLON. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.
- ROSENFELD, D.L. **Do mal, para introduzir em filosofia o conceito de mal**. Porto Alegre: L&PM Editores, 1988.
- ROBERT, M. **A revolução psicanalítica**. Lisboa: Moraes Editores, 1968.
- RUDGE, A. M. **Trauma**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.
- SASSO, R. **Georges Bataille: le système du non-savoir - Une ontologie du jeu**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1978.
- SCHEIBE, F. **Apresentação do tradutor**. In: O Erotismo. Belo Horizonte, Autêntica, 2014.
- SIMANKE, R., CAROPRESO, F. **Entre o corpo e a consciência. Ensaio de interpretação da metapsicologia freudiana**. São Carlos, Edufscar, 2011.
- SIMANKE, R. **As ficções do interlúdio: Bento Prado Jr. e a filosofia da psicanálise**. In: O que nos faz pensar. Cadernos do Departamento da Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, v.22, 2007.
- SOUZA, P. C., MAUGUE, J., CARONE, M. (org.) **Sigmund Freud & o Gabinete do Dr. Lacan**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1990.
- STRACHEY, J.: **Notas do editor inglês à Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro, Imago, 2006, 24 volumes.
- SURYA, M. **Georges Bataille, la muerte obra**. Madrid: Arena Libros, 2014.